

Sexta, sábado e domingo é na Atalaia



**Carlos Carvalho
em Santo André**

É preciso uma nova política

O Secretário-geral do PCP, que sublinhou o importante significado da inauguração de mais um Centro de Trabalho do Partido, afirmou em Santo André (Santiago do Cacém) que o que faz falta ao País não é uma remodelação ministerial mas sim uma mudança de política.

Págs. 5 e 6

A CNA acusa

Fogos sem prevenção

A Confederação Nacional da Agricultura acusa o Governo de, passados quatro anos sobre a aprovação da Lei de Bases da Política Florestal, apenas ter sido feita alguma regulamentação.

Pág. 9

Comité Central no dia 9

PCP tem «timing» próprio

Carlos Carvalho desmentiu que o anúncio da candidatura do PCP às Presidenciais seja feito na Festa do «Avante!». O Comité Central reunirá no próximo dia 9 de Setembro em que se pronunciará sobre a matéria.

Pág. 5

A Festa marca a diferença



Na sua 24.ª edição, a festa dos comunistas de braços abertos para todos os que a visitam. Uma grande iniciativa cultural e política. A grande festa da juventude, do convívio e da arte e do desporto. Espectáculos, debates, livros e artesanato, gastronomia e animação. E, a culminar, o comício com Carlos Carvalho, no domingo, às 18 horas.

Págs. 11 a 22

Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.ª A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matriculada: 47058.
NIF - 500 090 440

DIRECÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93

E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lígia Calapez
Manuel Jorge Veloso
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria
Sérgio Morais

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 924 04 47
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL
(Contínente e Regiões
Autónomas)

50 números: 8 100\$00
25 números: 4 200\$00

EUROPA
50 números: 21 850\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 30 600\$00

GUINÉ-BISSAU,
S. TOMÉ E PRÍNCIPE
e MACAU
50 números: 23 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



A Direcção do Litoral Alentejano funciona, desde sábado, no CT de Santo André

Resumo

23 Quarta-feira

Citricultores algarvios saem à rua para protestar contra as dificuldades de escoamento de cerca de cem mil toneladas de fruta que permanecem nas árvores e exigir a atribuição de subsídios «excepcionais e imediatos» • Um polícia assassina em Elvas, em frente de testemunhas, um colega da mesma esquadra • A Reitoria da Universidade do Minho instaura um processo de inquérito para averiguação das denúncias de abuso de poder e falsificação de documentos no Departamento de Física da Escola de Ciências • Um Airbus A-320, da Gulf Air, com 143 pessoas a bordo, despeña-se ao largo do Bahrein.

24 Quinta-feira

Carlos Carvalhas visita obras na Casa do Alentejo, onde anuncia que o candidato do PCP às eleições presidenciais será anunciado depois da Festa do «Avante!» • O Governo assina diplomas que acabam com a nomeação vitalícia dos comandantes dos corpos de bombeiros, fixando os 60 anos como data-limite para o exercício de funções • O Diário da República publica a lei que permite a votação nas próximas eleições presidenciais aos emigrantes que estejam até hoje inscritos para a eleição da Assembleia da República • O ministro Fernando Gomes anuncia que se demitirá caso a lei não seja cumprida nas Festas de Barrancos deste ano • IPPAR assina protocolo com a Câmara e o Campo Arqueológico de Mértola com vista à fruição pública do património do concelho.

25 Sexta-feira

O Sindicato dos Maquinistas levanta greve de 72 horas, 75 minutos após o seu início, visto a administração da CP aceitar retirar a cláusula laboral que obrigava à paz laboral até 31 de Janeiro próximo • Milhares de pessoas manifestam-se em Bilbao contra o hasteamento da bandeira espanhola no município local... • ... enquanto na região de Guipúzcoa a explosão de seis bombas causam avultados prejuízos em instalações de empresários bascos • O Presidente do México, Vicente Fox, propõe nos Estados Unidos a livre circulação de pessoas entre os dois países como solução para acabar com a imigração clandestina.

26 Sábado

Durante a inauguração do Centro de Trabalho do PCP de

Santo André, Carlos Carvalhas exige uma verdadeira mudança de política, afirmando que uma simples remodelação do Governo «nada resolve» • O secretário de Estado da Administração Local anuncia que as transferências financeiras do Orçamento de Estado para os municípios vão aumentar 13,6 por cento • A polícia da Nova Zelândia afirma ter descoberto um plano terrorista de um grupo islamita contra os Jogos Olímpicos de Sydney • No início da sua visita à Nigéria, Bill Clinton promete interceder pela redução da dívida externa do país.

27 Domingo

Com base num relatório da Direcção-Geral de Impostos, a imprensa noticia que o Ministério das Finanças vendeu várias empresas por um quinto do seu verdadeiro valor • É anunciado que João Rocha, ex-presidente da Câmara de Vagos, será julgado por alegado desvio de dinheiros públicos para campanhas do PSD • Em Timor, Xanana Gusmão e Ramos Horta demitem-se da liderança do CNRT • Israel lança uma operação para capturar um guerrilheiro do Hamas • Nas Filipinas, o grupo muçulmano de Abu Sayyaf liberta cinco reféns ocidentais.

28 Segunda-feira

O Sindicato dos Professores da Região Centro prevê que os miniconcursos do Ministério da Educação tenham este ano menos lugares para contratados • Depois de dois dias no mar, o «windsurfer» José Peres é encontrado pela Marinha • Em Moscovo, deflagra um incêndio na torre de televisão Ostankino devido a um curto-circuito • O ministro do Interior francês, Jean-Pierre Chevènement, demite-se em protesto contra o plano de autonomia da Córsega.

29 Terça-feira

Manifestação contra os touros de morte decorre sem incidentes em Barrancos... • ... ao mesmo tempo que, na corrida realizada noutro ponto da vila, transgredindo a lei, dois toureiros espanhóis lidam e estoqueiam dois touros • Congresso do CNRT aprova regime político presidencialista e língua portuguesa para Timor-Leste • ETA mata a tiro, junto de um estabelecimento comercial, em Zumárraga, um autarca do PP, perfazendo doze mortes desde o final da trégua • O Papa João Paulo II condena, em Roma, clonagem de embriões humanos.

Aconteceu

Torre Ostankino arde em Moscovo

A torre moscovita de Ostankino, a maior da Europa e a segunda maior do mundo com os seus 540 metros, ficou gravemente danificada num incêndio que deflagrou na sequência de um curto-circuito registado no sistema de elevadores. O combate ao incêndio durou cerca de 24 horas e houve cinco vítimas mortais, incluindo um bombeiro, enquanto esta obra-prima da engenharia soviética (a torre foi construída em 1967) ficou seriamente destruída. A falta de manutenção verificada nos últimos 10 anos que transcorreram desde a queda da União Soviética é apontada como a principal responsável pela tragédia, à semelhança do que tem acontecido noutros acidentes graves ocorridos em vários equipamentos do vasto território russo. O incêndio privou os 10 milhões de moscovitas dos canais televisivos generalistas que tinham as suas antenas na torre de Ostankino, situação que se estima estar apenas resolvida dentro de dois meses.

Aumentam as falências

Segundo um estudo do Instituto Informador Comercial, continua a aumentar o número de empresas portuguesas falidas ou a pedir protecção de credores. Só de Janeiro a Junho deste ano, 789 pequenas e médias empresas faliram ou ficaram nas mãos de credores, enquanto entre 1998 e 1999 houve um aumento de 16% no número de empresas que faliram ou entraram em dificuldades. Em termos comparativos, a situação é igualmente preocupante: no primeiro semestre deste ano (onde se verificaram as atrás referidas 789 pequenas e médias empresas em dificuldades) registaram-se mais 109 falências que as ocorridas em período homólogo no ano passado.



Submarinos britânicos «navegam» para a sucata

Segundo o jornal britânico *The Sunday Telegraph*, citado pela agência Lusa, mais de metade da frota de submarinos da Marinha de Guerra britânica está em condições inadequadas para o serviço: seis dos sete submarinos tipo «Trafalgar», aptos para o transporte de mísseis de cruzeiro, estão em revisão ou reparação, incluindo o «Tireless», ancorado em Gibraltar no meio de grande controvérsia. Os «Trafalgar» são os vasos nucleares de ataque mais modernos da armada britânica. Também estão inoperacionais três dos cinco submarinos do tipo «Swiftsure», uma arma vocacionada igualmente para recolha de informações, protecção de navios de superfície em tempo de conflito e lançamento de mísseis. Como de costume, o Ministério britânico da Defesa recusou estes

números e apenas admite a inoperacionalidade de três submarinos «Trafalgar».



Português definido como língua de Timor

No Congresso do CNRT, que esta semana decorreu em Dili, o Português foi assumido pelos congressistas como língua oficial de Timor Lorosae, ficando o tétum como a língua nacional deste mais jovem país do mundo. Estas decisões foram votadas pelos congressistas por aclamação e obtiveram a unani-

midade do conclave do CNRT, onde se assinalou que ficou assim demonstrada, sem equívocos, a vontade do povo timorense nesta questão da língua oficial a adoptar, pelo que se espera que a administração da ONU, que garante a transição do país até à independência, tome em devida conta esta decisão unânime

dos congressistas. Entretanto, à hora do fecho desta edição, mantinha-se a convicção dos congressistas de que Xanana Gusmão irá anunciar, no discurso de encerramento, não apenas o seu regresso à liderança do CNRT - de que se demitira no início dos trabalhos -, como a sua candidatura à presidência do país.

Vendas ao desbarato nas execuções fiscais

Segundo um relatório da própria Direcção Geral de Impostos (DGCI), esta entidade fiscal, em 1998 e 1999, colocou à venda bens penhorados e alvos de execução fiscal no

valor de quase 15 milhões de contos e aceitou propostas de compra desses mesmos bens na ordem dos três milhões de contos, ou seja um quinto do valor real, lesando flagrante-

mente o erário público. O caso mais gritante - não único - foi a venda de 1500 metros quadrados da Lalanha na baixa lisboeta por 90 mil contos, quando valia à volta de um milhão de contos. Como assinala o *Público*, esta venda de valores penhorados por valores escandalosamente mais baixos estragou o estrangulamento das execuções fiscais por parte da administração fiscal quer os ganhos ilícitos de alguém em prejuízo flagrante do próprio Estado.

Crónica Internacional

Democracia

• Jorge Cadima

Hugo Chavez foi reeleito Presidente da Venezuela com quase 60% dos votos. Tratou-se da quinta vez que os venezuelanos foram chamados às urnas desde a primeira eleição de Chavez, em Dezembro de 1998. Ao longo deste ano e meio, a velha ordem política foi dissolvida em referendo (com 92% dos votos a favor); uma Assembleia Constituinte foi eleita por sufrágio universal; a Constituição redigida por essa Assembleia foi aprovada em novo referendo; e todos os novos órgãos políticos foram eleitos pelo povo. Os actos eleitorais foram realizados com plenas liberdades para a oposição, fiscalizados internacionalmente, considerados livres e justos pelos observadores estrangeiros. Mas na véspera da reeleição de Chavez, o *International Herald Tribune* publicou um artigo (29.7.00), assinado por um tal Sr. Latell, que se identifica como «ex-especialista da CIA sobre a América Latina», e que resume este processo político com o título: «Chavez está a desmantelar a Democracia na Venezuela». Contradição gritante? Não. Apenas um bom exemplo para compreender o real significado do chavão «democracia ocidental de economia de mercado».

A decodificação da linguagem começa no próprio artigo do Sr. Latell. «O que é mais alarmante», escreve o ex(?)-especialista da CIA, «é que o Sr. Chavez agitou os antagonismos de classe, invectivando contra a 'oligarquia rançosa' e as 'elites pútridas' da velha ordem política. (...) Contrastando com o seu principal opositor, que apoia políticas moderadas e favoráveis aos empresários, o Sr. Chavez defende políticas populistas. No seguimento de anteriores aumentos salariais no sector público, decretou recentemente aumentos retroactivos para os trabalhadores do sector privado, juntamen-

te com uma moratória de dois meses nos despedimentos. (...) O sector privado e os investidores estrangeiros sentir-se-ão ainda mais alienados se, como parece provável, ele se sentir obrigado a contentar os seus seguidores com aumentos na despesa social e projectos populistas.» Coisas horrorosas, pelos vistos... Seria difícil não usar expressões como «oligarquia rançosa» ou «elites pútridas» para designar aqueles que governaram nas últimas décadas a Venezuela, um dos grandes produtores mundiais de petróleo, deixando 80% da sua população a viver abaixo do limiar da pobreza (como reconhece o *International Herald Tribune* noutro artigo publicado no mesmo dia) e «um país onde o desemprego, o crime e a pobreza são dos piores da América Latina» como reconhece o próprio Sr. Latell. Mas o especialista da CIA prefere outra definição para o regime que 92% dos venezuelanos votaram por enterrar: «a mais velha democracia da América do Sul». E começamos a compreender que Democracia não significa a manifestação da vontade popular, a realização de eleições, pluralismo político e outras coisas desse tipo. Significa a defesa dos privilégios de classe. E dos lucros da oligarquia rançosa e das elites pútridas que governam os EUA.



te com uma moratória de dois meses nos despedimentos. (...) O sector privado e os investidores estrangeiros sentir-se-ão ainda mais alienados se, como parece provável, ele se sentir obrigado a contentar os seus seguidores com aumentos na despesa social e projectos populistas.» Coisas horrorosas, pelos vistos... Seria difícil não usar expressões como «oligarquia rançosa» ou «elites pútridas» para designar aqueles que governaram nas últimas décadas a Venezuela, um dos grandes produtores mundiais de petróleo, deixando 80% da sua população a viver abaixo do limiar da pobreza (como reconhece o *International Herald Tribune* noutro artigo publicado no mesmo dia) e «um país onde o desemprego, o crime e a pobreza são dos piores da América Latina» como reconhece o próprio Sr. Latell. Mas o especialista da CIA prefere outra definição para o regime que 92% dos venezuelanos votaram por enterrar: «a mais velha democracia da América do Sul». E começamos a compreender que Democracia não significa a manifestação da vontade popular, a realização de eleições, pluralismo político e outras coisas desse tipo. Significa a defesa dos privilégios de classe. E dos lucros da oligarquia rançosa e das elites pútridas que governam os EUA.

A identificação do Sr. Latell como «ex-especialista da CIA» pode ser propositada, para dar um tom solene às ameaças que faz no artigo: «Os EUA (...) têm tido uma política de espera paciente e, em geral, silenciosa. (...) Mas é provável que os Estados Unidos tenham que, dentro em breve, enfrentar e lidar mais vigorosamente com os desenvolvimentos perturbadores na Venezuela do Sr. Chavez.» Traduzindo: falharam as tentativas de comprar e desvirtuar os dirigentes venezuelanos; falhou a aposta eleitoral num candidato com um passado de oposição ao antigo regime, mas que congregava atrás de si toda a reacção (neste caso chamava-se só Arias); agora virá o velho arsenal – a desestabilização económica, as guerras sujas, as tentativas de assassinatos, as tentativas de golpe. Ou de intervenção militar, como já está em marcha na vizinha Colômbia. A vontade democraticamente expressa pelos venezuelanos pouco importa para os EUA.

A lição que nos vem da Venezuela é de que no capitalismo realmente existente a democracia formal é tolerada enquanto servir os interesses das classes dominantes. Para conquistar a democracia real é preciso fazer frente ao imperialismo.

Editorial

MARCANDO A DIFERENÇA

Há quem se lhe refira apenas como «A Festa»: e isso basta para que muitos e muitos milhares de pessoas saibam do que se trata. Há também quem a designe por «A Festa dos Comunistas»: o que é esclarecedor sobre de que festa se está a falar mas é redutor no que toca à «propriedade» da Festa que, sendo de facto construída pelos comunistas, é um espaço aberto a todos – e muitos são – os que, não sendo comunistas, fazem dela também a sua Festa. Melhor será, então, tratá-la pelo nome próprio, tanto mais que esse é um nome de que ela se orgulha e que orgulha os que a constroem e a fazem viver durante três dias.

Aí está, então, mais uma vez, a Festa do «Avante!»: diferente de todas as que a antecederam, graças à criatividade dos seus construtores que todos os anos lhe acrescentam o que é necessário para que ela seja cada ano melhor e mais bonita; igual a todas as anteriores porque é, como todas elas, expressão concreta e elevada do trabalho colectivo, da intervenção solidária, da militância assumida e de tantas outras características que distinguem o PCP de qualquer outro partido político nacional.

“Lá estaremos,
na Festa e em festa,
afirmando
o que somos
e o que queremos”

Sobre a Festa poderá dizer-se que tudo já foi dito. E de alguma forma assim é, na medida em que esta é a sua 24.ª edição. No entanto, a importância política e cultural desta realização, a riqueza do seu conteúdo, a multiplicidade de facetas de que se reveste, o espaço amplo de convívio fraterno que é, o número e a diversidade dos visitantes que por ela passam nos seus três dias de duração, fazem de cada Festa do «Avante!» uma festa nova e sobre a qual há sempre muito de novo a dizer.

Vem sendo hábito, por parte da generalidade da comunicação social, ver a Festa do «Avante!» como a *rentrée* do PCP. Não se trata exactamente disso, como é óbvio: de facto, a Festa é, simultaneamente, o ponto de chegada de um ano de lutas ininterruptas e o ponto de partida para um ano de novas lutas na defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores e do povo e por uma política que inicie a resolução dos muitos problemas existentes. Além disso, não é possível – nem por pura coincidência – detectar a mínima semelhança, seja de forma seja de conteúdo, entre a Festa do «Avante!» e as festarolas todas iguais que servem de *rentrée* aos outros partidos políticos.

Os discursos dos líderes desses partidos, embora aparentemente diferentes, apenas se distinguem, de facto, nas formas e nos *timings*

preconizados para levar por diante a política de direita que todos defendem. Assim, quando Durão Barroso, na Nazaré, em bicos de pés, ameaça com a «apresentação de uma moção de censura» e assevera que «o PSD não tem medo de eleições» e, sentado, finge enfrentar as jardineiras de Chão da Lagoa – é em nome da política de direita que fala.

E quando Paulo Portas, na Póvoa de Varzim – na plena posse da sua demagogia de contorno «haideriano» e que nos traz à memória um célebre pintor de tabuletas – afirma que «é tempo de dar lugar a quem tem ideias e energias para tirar Portugal deste impasse» e exige uma «mudança que passa por ter o CDS/PP no Governo» – é, ainda e sempre, na política de direita que está a pensar.

A propósito, atente-se no discurso de António Guterres na *rentrée* do PS, em Esposende: qual Cavaco Silva em tempo de aflições, o Primeiro-Ministro clamou pela «estabilidade» e deixou claro o que entende por tal coisa: poder continuar, tranquilamente, a bem servir os interesses dos poderosos à custa da desestabilização da vida de milhões de portugueses. E, repetindo-se, em relação a 1999, afiançou que, colocado «entre a espada e a parede, escolherei a espada». Gasta toda a coragem disponível nessa afirmação altissonante, faltou-lhe a dita quando dela necessitava e recorreu ao descaro e à chantagem: como sublinhou o Secretário-Geral do PCP, «é o máximo do descaramento que o Primeiro-Ministro lance ao PCP a pergunta se se quer aliar à direita na rejeição do Orçamento ou no derrube do Governo». Tanto mais que, como igualmente acentuou Carlos Carvalhas, quem tal pergunta faz é a mesma pessoa que, nos últimos cinco anos, «sempre se aliou à direita (ora ao PSD ora ao CDS/PP) para aprovar cinco Orçamentos»... Estamos, também neste caso, perante um discurso cuja linha dominante se situa no espaço, comum aos três discursos, da política de direita.

Dir-se-á que existem diferenças sensíveis entre os partidos liderados pelos três discursantes. Sem dúvida. E ignorá-lo constituiria um grave erro. Tão grave como seria o erro de não ver que essas diferenças sensíveis não anulam uma forte sintonia em relação ao sistema que todos defendem – e que se esfumam no que respeita à essência da política de direita que todos eles, sozinhos ou aos pares, praticam há mais de duas décadas.

Voltando à Festa do «Avante!»: lá estaremos, em festa e luta, no próximo fim-de-semana, no belo espaço da Atalaia. Lá estaremos, na cidade de três dias erguida a pulso durante meses por milhares de esforços e vontades. Lá estaremos, recebendo de braços abertos todos os que conosco queiram festejar a liberdade, a solidariedade, a fraternidade, a alegria, a vida. Lá estaremos, na Festa e em festa, afirmando o que somos e o que queremos, sem jactância mas com um imenso orgulho em sermos o que somos e em quereremos o que queremos. Lá estaremos, enfim, marcando a diferença, portadores da honrosa herança do passado, transformadores do presente, construtores do futuro.

Actual Estão murchas, senhor...

• José Casanova

«Fervor nenhum e convicção pouca»: assim sintetiza o «Público» o ambiente vivido no comício do PS em Esposende. No entanto, o lúgubre evento foi abrilhantado pela estrela maior do universo rosa: Guterres, ele mesmo, o próprio. Só que os tempos já não são o que eram: o palavreado do «Grande Comunicador» (Eduardo Prado Coelho dixit) foi chão que deu uvas, o seu discurso carregado de sinceridade ensaiada ao espelho só convence quem quer ser convencido e só agrada - muito justamente, aliás - aos chefes dos grandes grupos económicos - que não vão a comícios.

Pela reportagem do «Público» ficamos a saber que o longo discurso produzido por Guterres foi pouco ouvido: a maioria das claques que, de todo o País, ali se deslocaram - em muitos casos com viagem paga - cedo se fartaram da oração guterrista. Após o primeiro quarto de hora de discurso eram muitas já as rosas murchas, eram

«várias as pessoas que começaram a enrolar as bandeiras» comentando: «O que é que a gente vai ali ouvir? Eles estão só a dizer mentiras». «Vamos indo para a camioneta (...) Isto já deve estar a acabar».

No entanto, é justo que se assinale o facto de os restantes três quartos de hora da preleção terem sido ouvidos, estoicamente, por alguns indefectíveis adoradores do engenheiro. De facto, há ainda quem mantenha a fé clubista e continue de olhos postos no líder bem amado. É o caso de uma

militante que, conformada com os fados e algo masoquista, dizia: «Os que lá estavam nada fizeram. Estes nada fazem. Mas voto nestes»... É o caso, também, de um outro militante, de «47 anos de idade, desempregado», e que, aproveitando a viagem gratuita, se fez

acompanhar da família toda - «mulher, cinco filhos, dois genros, uma nora e duas netas»: «Viemos para apoiar o nosso partido», explicou ele assim como quem diz: viva o desemprego!

Curiosamente, na altura em que decorria a surreal cerimónia de Esposende, Durão Barroso, melancólico,

cumpria a sina de se passear pela Festa das Flores em Campomaior. Incomodado, receoso por se ver rodeado de tanto povo, o líder do PSD aguardava ansioso a chegada das prometidas e reconfortantes bandeiras «laranja».

A dado momento, numa derradeira esperança, «perguntou em surdina ao presidente da JSD local: «Então a Jota está aí em força?»». «Nem por isso, está murcha», respondeu-lhe o jota só. E poderia ter acrescentado: murcha como uma rosa de Esposende.



Públicas virtudes, vícios privados

• Jorge Cordeiro

As eleições nos EUA são como alguns daqueles acontecimentos resolvidos em sede de secretaria. Antes de o serem já o foram. À partida sabe-se sempre quem ganhou e quem perdeu - o sistema imperial e os interesses económicos e militares que o suportam por um lado, a imensa maioria do povo americano por outro.

Durante uma semana pelo palco das convenções que em separado se realizam, para dar aquele ar da diferença que as ideias dificilmente permitiriam deslumbrar, a representação é sempre a mesma. Um desfile de vedetas, uns bem ensaiados figurantes e uma mostra de virtudes resolvem o problema.

Num lado o enaltecimento de Bush e da sua fidelidade aos valores da tradição que o levam a confirmar, no Estado onde é Governador, todas as penas de morte por maiores que sejam as dúvidas sobre a culpa ou inocência dos sentenciados. No outro os testemunhos de bons costumes e de educação moral e cristã que desde a infância, Gore e Lieberman, moldaram as criaturas. Numa e noutra o desfile de esposas e filhas testemunhando as virtudes de pai extremo e marido fiel, valores tão mais importantes quanto se sabe a força das tentações pecaminosas a que estão sujeitos os candidatos a partir do momento que passam a frequentar a sala oval da Casa Branca.

É grande o espectáculo. E em igual medida o deslumbramento da generalidade da comunicação social a ele rendido. E sobretudo apostada em exportar e impor ao

mundo aquele modelo de essência e virtudes democráticas. Virtuais de facto.

Uma essência democrática reduzida a uma mera representação antecipada de diferenças virtuais suportada numa arregimentação de figurantes e na angariação de fundos onde se estabelecem as mais obscuras teias de interesses e ligações que se perpetuam na futura administração.

Uma essência democrática que em nome das virtudes do multipartidarismo suporta de facto um regime de uma única orientação e uma única escolha concebido para perpetuar um sistema em que, apesar da face visível de uns democratas ou republicanos na Casa Branca vestidos à paisana, quem comanda está na sede dos complexos da indústria militar e no Pentágono.

Uma essência democrática que afasta da vida política e daquele acto tão caro aos teóricos do capitalismo e ao seu sistema mais de dois terços da sua população.

J. J. Rousseau disse a propósito da Revolução Inglesa e da conquista do direito ao voto que os ingleses se julgavam livres por o poder exercer sem dar conta que perdiam essa liberdade no momento que votavam para só a recuperarem quatro anos depois. Hoje se fosse chamado a olhar para a antiga colónia inglesa constataria que mesmo essa conquista democrática corre o risco de ser pouco mais do que virtual.



A água e o fogo

• Leandro Martins

A Torre de Ostankino tem 540 metros de altura. A mais de 300, fica um restaurante rotativo que deixa ver longe na extensa planície de Moscovo. Há muitos anos subi até lá, acompanhando uma dúzia de camaradas portugueses, distribuidores do «Avante!», a quem foi oferecida uma viagem à então União Soviética. Todos eles eram trabalhadores - operários da metalurgia e da construção naval, assalariados agrícolas das terras da Reforma Agrária, empregados de serviços. Lembro-me de todos e muitos deles tenho revisto e com eles lembrado essa jornada em que assistimos ao desfile do 1.º de Maio, em que visitámos Erevan, na



Arménia, Leninegrado, no Norte, e coscuvilhámos fábricas e cooperativas, monumentos e lugares históricos. Apenas de um deles não me apetece hoje lembrar. Já me entrou pelo ecrã

da televisão, casa dentro, armado em membro de um departamento governamental.

A meio da Torre morreram há dias quatro pessoas, num acidente provocado por um incêndio. Semanas antes, mais de cem marinheiros pereceram no afundamento de um submarino nuclear também acidentado. As televisões

mostraram abundantemente a angústia da família dos militares e, desta vez, um diário, o «Público», compartilha a tristeza de «Ana, uma russa de 77 anos, «com a televisão apagada à sua frente», e que «não se conforma com a tragédia que lhe tocou a si». «Sinto», terá ela dito, «que falta qualquer coisa na minha vida»... No caso

do submarino, logo houve quem dissesse que o salvamento falhara por falta de competência e de material. Hoje, um bombeiro «não identificado» queixou-se do material à... AFP. Em

comum, nestes desastres retumbantes, há afinal o dedo apontado ao «responsável» disto tudo. O inefável Putin.

É claro que todos estes desastres parecem ter origem na catástrofe maior, que levou ao desmembramento da URSS e à derrota do socialismo. Hoje, enquanto alguns poucos enriquecem na rapina, degradam-se não apenas as condições de vida do povo mas também as infra-estruturas criadas pelos trabalhadores soviéticos durante gerações. Co-responsável nessa degradação está certamente o actual presidente russo.

Mas tudo isto faz lembrar o pior da propaganda «ocidental» em tempo de guerra-fria. Ao mesmo tempo que num incêndio que mata quatro pessoas em Moscovo, é «escolhido» um «responsável político», no acidente aéreo que vitimou 143 pessoas, mortas na queda de um Airbus no Golfo, já se encontrou o responsável, membro da «sociedade civil» - o culpado foi o piloto, afirmaram os «peritos».

Frases

«Nos EUA, a convergência ao centro das candidaturas republicana e democrata abala o dogmatismo bem-pensante das ideologias, o chamado «ópio dos intelectuais»»

(João Carlos Espada - «Expresso», 26.08.00)

«Cautela, Senhores que mandais: é que o desencanto instalou-se mesmo nas hostes. Que não seja para ficar. Precisamos muito de novidade, de frescura, de esperança.»

(D. Manuel Martins - «O Comércio do Porto», 27.08.00)

«Não se pode aparecer pálido ao povo. O povo não gosta de perdedores nem de pálidos.»

(Paulo Portas - «Visão», 24.08.00)

«O bom desempenho do líder nos últimos 15 dias, marcando a agenda política, e o falhanço da «rentrée» socialista, em que alguns vêem o paralelismo com os dias do fim do cavaquismo, desencadearam uma onda de optimismo.»

(entrada de uma notícia sobre o PSD - «Público», 29.08.00)

«Durão Barroso voltou a pôr o carro nos carris. Vamos ver se tem condições para o manter.»

(dirigente «laranja» ao «Público», 29.08.00)

«A vender assim o seu produto, Durão Barroso acaba como os citricultores algarvios - sem escoamento. O melhor é entregar o «laranja» a quem queira e saiba. Enterrá-lo mais seria um crime.»

(Jorge Morais - «24 Horas», 25.08.00)

«O crédito de António Guterres roça já a nulidade. Quem não teve engenho para tirar partido de uma saborosa bonança não tem certamente nervo para conduzir o país no meio da tempestade.»

(Paulo Ferreira - «Diário Económico», 29.08.00)

«Guterres já sabia que cruz tinha de carregar até ao fim. Ninguém lhe desculpará mais silêncios.»

(Francisco José Viegas - «Jornal de Notícias», 24.08.00)

«Temos consciência de que estamos com problemas. O primeiro-ministro até deve ter maior consciência disso do que eu e estará preocupado em encontrar formas de lhes fazer frente.»

(Jorge Coelho - «Expresso», 26.08.00)

«Champions League sem o FC Porto seria uma espécie de campeonato europeu da Segunda Circular.»

(Carlos Magno - «Record», 23.08.00)

«O FC Porto vive uma crise séria.»

(Francisco José Viegas - «Jornal de Notícias», 29.08.00)

«Irá Guterres ser vítima de um castigo bem português, que é ver gregos e troianos virarem-lhe as costas?»

(Miguel Gaspar - «Diário de Notícias», 28.08.00)

Carlos Carvalho recusa chantagem de Guterres para aprovação do OE PS sempre se aliou à direita



Na Casa do Alentejo, Carvalho faz declarações aos jornalistas

PCP tem «timing» próprio

Carlos Carvalho visitou, na quinta-feira passada, a Casa do Alentejo, onde, acompanhado de elementos da Direcção se inteirou das obras em curso neste belíssimo edifício já classificado pelo Ministério da Cultura/IPPAR como Imóvel de Interesse Público.

À saída, o secretário-geral do PCP foi questionado por jornalistas a quem, depois de manifestar o seu agrado pelo que havia visto e pelas informações que recebera, colocou as apreensões dos comunistas face à política que o Governo do PS insiste em levar por diante, sem ter em conta as dificuldades com que os portugueses se debatem e os verdadeiros dramas que atingem as camadas mais desfavorecidas da população.

A pergunta de qual o candidato que o PCP vai

apresentar às eleições presidenciais, Carlos Carvalho fez questão de sublinhar que o seu Partido tem um «timing» próprio que não obedece ao calendário dos outros partidos nem a operações de «marketing». Os comunistas têm muitas tarefas pela frente, disse. Nos dias 1, 2 e 3 de Setembro a Festa do «Avante!», em Outubro as eleições legislativas regionais dos Açores e Madeira e, em Dezembro, o 16.º Congresso do Partido. Assim, nada justifica que antes da Festa do «Avante!», à pressa, se realize qualquer reunião do Comité Central para definir o candidato do PCP às presidenciais. Já está, porém, marcada uma reunião com esse objectivo. Vai realizar-se a 9 de Setembro, altura em que o Comité Central se irá pronunciar sobre a matéria.

Urge uma nova política

Em Vila Nova de St.º André, Carlos Carvalho começou por sublinhar o importante significado da inauguração do novo Centro de Trabalho: a confiança dos comunistas no futuro.

Depois, procedendo à apreciação de alguns aspectos da situação política, referiu-se à ameaça do PSD de apresentar uma moção de censura ao Governo, afinal «um prato requentado» que um outro partido, o PP, também apresentou depois de ter viabilizado o Orçamento de Estado. Assim, estes partidos falam da necessidade de uma remodelação ministerial, quando o que falta «não é uma remodelação ministerial» mas uma mudança de política.

Porém, como a política do PS tem sido uma política neoliberal, de direita, o que a direita reivindicava não é uma mudança de política mas uma «mudança de caras». Ou seja, em vez de levantar problemas como, por exemplo, das privatizações, do aumento dos salários da administração pública, da melhor distribuição do rendimento nacional, ou da reforma agrária, faz uma «oposição verbalista, para esconder que nas questões mais essenciais há acordo entre eles».

O PCP, por seu lado, prossegue com grande determinação a luta por uma efectiva mudança, não se limitando a criticar. Aliás, o Grupo Parlamentar comunista na Assembleia da República foi o que mais projectos de lei apresentou em todos os domínios, alguns dos quais tão difíceis de rejeitar que foram aprovados na generalidade. O PCP teve sempre uma intervenção qualificada, procurando com o seu contributo dar resposta aos problemas.

Que estabilidade?

O secretário-geral do PCP referiu-se, também, à «velha cantilena cavaquista da estabilidade», agora utilizada pelo Partido Socialista, considerando que o Governo deveria pre-

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalho, criticou duramente, no passado fim de semana, a política do Governo PS. Fê-lo quando visitou as obras em curso na Casa do Alentejo, em Vila Nova de St.º André, onde inaugurou a nova sede da DORLA, e em Lisboa, a propósito do discurso do Primeiro-Ministro António Guterres em Esposende.

O discurso do Primeiro Ministro e secretário-geral do PS pode responder «às ansiedades estívais» de alguns ministros, mas não responde aos «reais factores e motivos de descontentamento» que se avolumam na sociedade portuguesa, afirmou o secretário-geral do PCP.

Em declaração à comunicação social, Carlos Carvalho comentou em termos duros, o discurso proferido por António Guterres, no sábado em Esposende, considerando-o um discurso de «quem não quer ver a realidade, de quem se recusa a entender, as verdadeiras causas do desgaste e descrédito do seu Governo e de quem, para continuar a fazer a mesma política, precisa de prometer que, daqui por diante, vai tudo correr melhor».

Parece, por este discurso, que o Primeiro Ministro julga «que os grandes problemas são de direcção, coordenação e comunicação» quando, afinal, o que com ele pretende é fugir «à evidência que o problema de fundo é o da natureza da política que prossegue e o da recusa do PS em mudar de política».

Também, imitando Cavaco

Silva, o Primeiro Ministro «falou muito da estabilidade do seu governo», mas... «esqueceu-se da enorme desestabilização que a política do Governo provoca nas condições de vida e nos orçamentos familiares dos portugueses».

Assim, para Carvalho, «é o máximo do descaramento que o Primeiro-Ministro lance ao PCP a pergunta se se quer aliar à direita na rejeição do Orçamento ou no derrube do Governo», uma vez que é ele o mesmo Primeiro-Ministro «que sempre se aliou à direita (ora ao PSD ora ao CDS-PP) para aprovar cinco Orçamentos, inseridos numa política ao serviço dos poderosos (que critica agora verbalmente) e da manutenção de uma gritante injustiça fiscal».

Ora, se o Primeiro-Ministro «se sente prisioneiro dos constrangimentos do Pacto de Estabilidade e das imposições do Banco Central Europeu quanto às taxas de juro, e se não quer mudar de política», prosseguiu Carlos Carvalho, então «que exija solidariedade e apoio aos que, como o PSD e mesmo o PP — aliados ao PS — meteram o país em tais sarilhos».

ocupar-se era com «a estabilidade da vida». Melhor dizendo, com a «instabilidade» dos que têm reformas de miséria, dos que têm trabalho precário, do jovem que para perspectivar a sua vida tem à frente a emigração, o desemprego ou um trabalho precário, ou com os jovens que se abalçaram a comprar uma casa própria porque lhe disseram que as taxas de juro continuariam baixas e, agora, as vêem aumentar, sem que o Governo as tenha ainda repostas. Ora, na opinião do PCP, a estabilidade deve ser para os que trabalham, os que criam riqueza e que, tendo direitos como todos os outros, são excluídos de um nível de vida digno».

Carlos Carvalho aludiu, ainda, ao novo «espectro» que surgiu com a reentrância política, o da aprovação ou não do Orçamento. Mas a verdade é que, tendo o Partido Socialista vindo a apresentar orçamentos de direita, só com a direita os pode ver aprovados, como tem acontecido. O último dos quais com o voto do PP, cenário que a repetir-se seria neste momento, segundo o ministro Jorge Coelho, «terrível para o PS». E é fácil perceber porquê. Porque aproximam-se as eleições autárquicas e ficaria «mais nítido e mais presente na memória dos cidadãos a política de direita do Partido Socialista». Uma política neoliberal, de concentração da riqueza, de acentuação das desigualdades, de mais desequilíbrio e, com certeza, de mais apertar do cinto.

Como sempre disse, os comunistas não definem o seu voto antes de conhecerem os textos. Mas como tudo indicia que o Orçamento de Estado não vai muito diferente do anterior também a votação do PCP não poderá ser diferente da que tem tido.

Por fim, depois de lembrar que a reposição do IRS, que neste semestre equilibrou o orçamento de muitas famílias, tem a marca do PCP, Carlos Carvalho considerou que o que o PCP pode dizer «com muita clareza» é que vai continuar a trabalhar para a solução dos problemas, pois é isso que importa para o nosso país e para o nosso povo.

Direcção do Litoral Alentejano agora no Centro de Trabalho de Vila Nova de St.º André

Um local privilegiado de luta e convívio

A inauguração de um Centro de Trabalho do PCP é sempre um acontecimento na vida das organizações. Assim o foi também em Vila Nova de St.º André, onde, desde sábado, passou a funcionar a Direcção da Organização Regional do Litoral Alentejano, recentemente criada.

Dezenas de militantes circulavam desde cedo no «Bairro Azul», onde o Cen-

tro de Trabalho se situa. Perto, no Parque das Merendas, outros ocupavam-se

com a preparação do almoço-convívio que se seguia à inauguração.

Quando Carlos Carvalhas chegou, e descerrada a placa que indica o edifício como sede da DORLA, o Centro foi de repente invadido por uma pequena multidão que se acotovelava para apreciar todos os recantos da casa. Esta,

ainda cheirando a tinta fresca, não escondia tratar-se de um Centro alentejano: paredes brancas, chão de tijoleira, divisões não muito grandes mas impecavelmente limpas e arrumadas, com bonitas plantas a enfeitar. Numa outra sala um pouco maior, provavelmente para reuniões, uma mesa com bolos

fazia «um agrado» aos visitantes.

Entre os visitantes-convivas podia ver-se dirigentes nacionais e locais do Partido que há anos acompanham as organizações de Setúbal e de Beja.

Não foi por acaso que a Direcção da nova Organização Regional escolheu Vila Novas de St.º André para aí se instalar, depois de ter estado provisoriamente sediada em Santiago do Cacém. É que St.º André é uma freguesia em crescimento, a maior do concelho e muito próximo da sede do concelho, tendo hoje cerca de nove mil eleitores. Por outro lado, esperando que pelos menos alguns dos investimentos anunciados pelo Governo para Sines se concretizem, e uma vez que Sines tem uma pequena margem de crescimento populacional, St.º André tornar-se-á um cada vez maior centro populacional, onde o Partido deve intervir e aprofundar as suas raízes.

A escolha pretendeu, ainda, dar vida a instalações que já existiam e eram pertença da Comissão de Freguesia de St.º André, simultaneamente ajudando ao reforço da organização local.

Reforçar a luta

Uma gostosa «sardinhada», com a melhor sardinha de Sines, aguardava, entretanto, os convivas - cerca de duas centenas - no Parque das Merendas. E foi para aí que todos se dirigiram num animado almoço que terminou com duas breves intervenções políticas, uma de

José Catalino, membro da DORLA, outra do Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas (ver pág. 5).

Para José Catalino, o novo Centro de Trabalho é um local privilegiado para a discussão dos problemas e da luta dos trabalhadores, da população do Litoral Alentejano. Um local onde vai continuar a luta por uma

O PCP não vive apenas para o presente, luta pela sociedade do futuro

nova reforma agrícola, como medida estrutural fundamental para a região.

Ali, o PCP vai continuar a acompanhar e dirigir a luta dos trabalha-

dores, dos agricultores, dos rendeiros e de outras camadas desfavorecidas da população, exigir infra-estruturas de carácter social e a construção do Hospital Regional, em Santiago do Cacém; discutir a acção dos comunistas, nomeadamente contra a política de direita do PS, e, por fim, prosseguir a preparação do 16.º Congresso do Partido. Relativamente ao 16.º Congresso, José Catalino adiantou que, na região do Litoral Alentejano, o debate já realizado revelou uma clara identificação com as conclusões da reunião do Comité Central que reafirmam o PCP como o partido da classe operária e de todos os trabalhadores, cujo funcionamento interno tem as suas raízes no centralismo democrático, que assegura a sua unidade de pensamento e de acção. De um partido que tem como ideologia o marxismo-leninismo. De um partido que não vive apenas para o presente mas que luta pela sociedade do futuro, o socialismo e o comunismo.



Mais um Centro de Trabalho do PCP

Confiança unânime

José Baguinho, vereador na Câmara de Santiago de Cacém, encontrava-se entre as muitas pessoas que assistiam à abertura da nova sede da Direcção da Organização Regional do Litoral Alentejano.

Para ele, a criação, há um ano, da DORLA foi uma medida bastante positiva, já que se trata de uma região cada vez mais importante, que tem pouco a ver com o restante distrito de Setúbal. Por outro lado, agora, sem o apreciável apoio de Setúbal, a organização do Litoral Alentejano vai ser obrigada a procurar as suas próprias vias de desenvolvimento e de maior implantação do Partido.

A decisão de transferir a Direcção Regional para o Centro de Trabalho de St.º André, onde funcionava até agora apenas a Comissão de Freguesia, vai também traduzir-se por uma maior dinâmica local na actividade partidária e, naturalmente, por um maior reforço do Partido.

João Carvalho, desde cedo no local, acompanhava interessado os trabalhos de «implantação» do restaurante improvisado no Parque das Merendas - situado a pouco mais de cem metros - onde o almoço iria decorrer, após a inauguração do Centro de Trabalho.

Veio para St.º André em 1976, altura em que aderiu ao Partido, no qual nunca mais deixou de participar activamente. É topógrafo de profissão, ou melhor... «espreitador», como por brincadeira prefere intitular-se, e já não tem memória das muitas tarefas que ao longo destes anos tem desenvolvido. Não gosta muito de falar para jornalistas, sobre cuja tarefa de informar tem algumas reservas, mas vai dizendo que confia em que a recente reestruturação organizativa vai ser benéfica para a organização do Partido. Bem... «o futuro o dirá», acrescenta, já que a vida ensinou-o a ser cauteloso.



Emília Guerreiro, jovem militante que reside na vila de Santo André, a cuja Comissão de Freguesia até há pouco pertencia, é hoje membro da Direcção Regional do Litoral Alentejano.

Está satisfeita com a criação desta nova estrutura pois, até ali, a organização estava ligada à organização de Setúbal de cuja realidade, afinal, se encontrava um pouco distante. O distrito de Setúbal é muito mais industrializado, tem grandes empresas e uma organização em termos operários muito mais forte que a do Litoral Alentejano. Assim, foi muito oportuno criar uma nova Organização Regional que repensasse em termos orgânicos e de discussão a realidade desta região.

Aliás pensa que essa adequação já está a dar frutos e vai com toda a certeza traduzir-se por um reforço do Partido na região e na própria freguesia de St.º André, cuja população acolheu com grande satisfação a vinda da Direcção Regional.



Voar numa EP ou numa SA?

A SATA AirAçores garante há muito o inestimável e insubstituível serviço de aproximar os açorianos e as ilhas entre si.

A SATA Internacional, prestando também o inestimável serviço de aproximar (via S. Miguel) os Açores do Continente, é no entanto uma filha bastarda da SATA EP. Procura vencer mesmo que parasitando a SATA AirAçores, mesmo que mantendo relações precárias com os seus trabalhadores e pagando-lhes menos com menos direitos. Realiza voos regulares indispensáveis, mas possui uma estrutura empresarial mais parecida com as empresas charter, visando fundamentalmente o lucro, mesmo que isso signifique um serviço pior e menos rigoroso prestado aos utentes.

Pretendeu-se artificialmente, entretanto, por via de um logro de concurso, colocar a SATA Internacional a tomar conta dos transportes entre ilhas, isto é, dos aviões, do pessoal e dos equipamentos da SATA AirAçores. Isso poderia significar mais rentabilidade financeira mas, certamente, à custa de pior serviço, piores horários, menos toques por ilha, pior segurança, mais instabilidade e piores condições laborais.

Em grande parte por causa da greve dos pilotos a manobra falhou, felizmente!

Mas outra secreta ofensiva está já em curso (se Maomé não vai à montanha, vai a montanha a Maomé)...

Em fins de Junho passado, a Direcção Regional dos Transportes fez entrar nos serviços da República um pedido

de parecer sobre a passagem da SATA EP (Empresa Pública) a SATA SA (Sociedade Anónima).

Simple e inocente? Não!

Passando a SA, a SATA, apesar de poder permanecer uma sociedade de capitais públicos, deixa de poder ser controlada pelo Tribunal de Contas, deixa de ter obrigatoriamente representantes dos trabalhadores no Concelho de Administração e deixa de poder ser controlada democraticamente pelas instituições políticas representativas. Fica com as mãos livres para ser gerida, tal como uma empresa privada, predominantemente em função do lucro, com as portas abertas à privatização, à perda de qualidade do serviço público de transporte aéreo entre ilhas e à perda de vínculos e direitos laborais dos seus trabalhadores no activo e no passivo.

Tratando-se de uma EP, paga por todos nós, isto merece um debate público.

Já pensaram o que seria hoje dos transportes aéreos entre as ilhas se a SATA não tivesse passado a empresa pública e se mantivesse, como nasceu, a voar entre S. Miguel e St.ª Maria ao serviço exclusivo dos interesses comerciais de um grupo económico?

Porquê tanto secretismo sobre esta intenção real de regresso ao passado?

Dialoguem com os interessados antes de decidir. Não tenham medo...

● Mário Abrantes

▼ CAMARADA FALECIDO

Francisco Gomes

Faleceu, no dia 23 de Agosto, na Marinha Grande, com 76 anos de idade, o camarada Francisco Gomes (Chico Portinho). Operário vidreiro, cuja vida de trabalho se iniciou aos 7 anos, foi ao longo da vida uma antifascista, um trabalhador íntegro e de grande consciência de classe, sendo profundamente respeitado por quantos o conheciam. O funeral de Francisco Gomes, homem de grandes convicções, determinação e firmeza ideológica, constituiu uma profunda manifestação de pesar.



Aos familiares e amigos do comunista falecido, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

VALONGO Decisão tardia

Fernando Melo, Presidente da Câmara Municipal de Valongo, acabou de destituir o seu «número dois», o vereador Eduardo Madeira, quer das funções de vice-presidente quer das responsabilidades que aquele detinha no pelouro do Urbanismo e Obras Públicas.

A Comissão Concelhia de Valongo do PCP considera que esta decisão tem por detrás razões que o PSD quer ocultar, pois, como é sabido, Eduardo Madeira é o responsável directo pelo caos urbanístico que se vem acentuando com autorização do Executivo. Aliás, a incompetência do vereador era há muito tempo comentada, pelo que «ninguém de bom senso acredita» na justificação dos porta-vozes da Câmara de que a decisão de destituir Eduardo Madeira se deve «à inadequada adaptação aos novos pelouros». O PCP reclama, assim, que o presidente da Câmara de Valongo explique à população quais os reais motivos que estão na origem da sua decisão, de forma a «destapar algumas verdades» do que tem sido a gestão do PSD à frente do município.

WISEU Atrasos na EN2

O Ministério do Equipamento Social justificou o estado em que se encontra a EN2 entre Fail e Repeses - motivo de um requerimento deputado comunista Joaquim Matias - com a suspensão dos contactos entre a Direcção de Estradas de Viseu e a Câmara para a municipalização do troço da EN2, entre Fail e Maceira, devido às obras na envolvente a Viseu, que a autarquia entende porem em causa a municipalização integral e com a existência de um projecto da Direcção de Estradas de Viseu para os 800 metros que estão sob jurisdição do ICERR. Esta resposta mais parece um «jogo de ping-pong que em nada ajuda à resolução dos problemas», diz a Comissão Concelhia de Viseu do PCP, para quem importa efectivar as obras entre Fail e Maceira, a construção de um novo nó de acesso a Vila Chã de Sá e, naturalmente, o esclarecimento cabal sobre os planos da Câmara relativamente ao troço entre Maceira e Repeses que não está sob a jurisdição do ICERR.

AÇORES Falta internista

A Ilha das Flores tem há muitos anos no seu Centro de Saúde três médicos, um deles internista em Comissão de Serviço - autorizada pela unidade de saúde onde é funcionário - que tem desempenhado um importante trabalho com resultados visíveis. Em requerimento apresentado na Assembleia Legislativa Regional, o deputado comunista Paulo Valadão lembra que situações profissionais precárias não são compatíveis com «um serviço onde a estabilidade de funções é fundamental», tendo a experiência provado a necessidade de ser criado no quadro de pessoal do Centro de Saúde das Flores um lugar de médico internista. Assim, pedindo ao Governo que o informe se considera essa hipótese, pergunta ainda como pensa ele colmatar a saída do médico internista que actualmente desempenha funções no centro de Saúde, «sem prejudicar os necessários cuidados de saúde a que todos os cidadãos têm direito».

«Viva a morte»

No período preparatório dos bombardeamentos sobre a Jugoslávia - isto é: quando o Governo dos EUA já tinha decidido mas não anunciara ainda os bombardeamentos -, a máquina de propaganda imperialista desencadeou uma poderosa ofensiva mediática visando «demonstrar» ao Mundo a «necessidade» e a «justeza» de levar por diante uma «intervenção humanitária» para «pôr fim ao horror no Kosovo».



José Casanova
Membro da Comissão Política

Um dos «argumentos» então utilizados pelo secretário da Defesa dos EUA, William Cohen, foi o de que as forças jugoslavas tinham assassinado 100 mil kosovares albaneses. É claro que para o consumidor de comunicação social prevenido, tal «informação» - proveniente do representante de um governo perito na desinformação e na manipulação e exímio praticante do assassinio em massa - não merecia a mínima credibilidade. Mas é evidente que os cidadãos prevenidos nessa matéria constituem uma pequena parte da população do Planeta, pelo que a «informação» de Cohen passou, fez algum caminho.

Tratava-se, obviamente, de uma monumental falsidade. De tal forma que

«o horror no Kosovo é uma história que ainda não foi completamente contada» e que «quando o for, as pessoas de todo o mundo compreenderão por que é que os americanos acreditaram que tinham de entrar em acção». Claro: toda a gente sabe que a «acção» dos vários governos dos EUA, traduzida no assassinato de milhões de pessoas, sempre foi uma «acção necessária, justa, humana»...

Bombas «humanitárias»

Os bombardeamentos «humanitários» sobre a Jugoslávia devastaram o país, provocaram milhares de mortos, a maior parte dos quais civis - já que as bombas eram lançadas de grande altitude e caíam onde calhava. Aliás, a preocupação dos agressores, nessa matéria, resumia-se a reduzir ao grau zero os riscos dos que lançavam as bombas obedecendo a ordens de Clinton - calorosamente apoiado pelos seus lacaios europeus Blair, Schroeder, Jospin, Aznar, Guterres, etc.

O Kosovo foi, assim, «libertado»: transformou-se num protectorado da NATO que o mesmo é dizer dos EUA. De facto, a hipocritamente designada «Força Multilateral de Paz» (Kfor) que ali se encontra em representação da ONU - isto é: cumprindo ordens dos EUA - comporta-se como uma força ocupante que tem como alvos preferenciais os sérvios (melhor dizendo: todos

os kosovares não albaneses) que ainda restam - já que muitos foram mortos e cerca de 210 mil sérvios, ciganos e muçulmanos eslavos foram forçados a abandonar o Kosovo para salvar as suas vidas.

Entretanto, e sempre a mando dos EUA, foi criado um Tribunal Penal Internacional (TPI) para julgar os crimes cometidos... pelos jugoslavos, naturalmente, já que os crimes cometidos pelos EUA e pelos seus serventuários não são crimes, são actos «humanitários» e de «defesa da liberdade, da democracia e dos direitos humanos»...

Afinal... eram menos

Diz-nos agora o «Público», citando «The Guardian», que afinal «os especialistas encarregados (pelo TPI) da recolha de provas de crimes de guerra (...) concluíram que a dimensão dos crimes não teve a amplitude anunciada durante e depois da guerra»: «o número de corpos descobertos» (e cujas mortes são atribuídas à Jugoslávia) «será inferior aos 10 mil, e muito provavelmente situar-se-á entre os dois ou três mil».

É claro que um morto já é de mais, sejam quem forem os responsáveis por isso. O que aqui se pretende sublinhar é a hipocrisia, a mentira e o cariz totalitário e fascizante que caracterizam a nova ordem imperialista que hoje pretende dominar o Mundo. E o papel desempenhado em tudo isso pela nova ordem comunicacional: a conclusão que o jornal britânico extrai de tudo isto é significativa: denunciando os números falsos a que recorreram os EUA, «The Guardian» - que, recorde-se, foi um fervoroso defensor dos bombardeamentos - diz que as falsidades que denuncia «não põem em causa o princípio da intervenção», pelo que continua a achar muito bem que a Jugoslávia tenha sido devastada, que milhares de pessoas tenham sido mortas, que milhões de outras tenham sofrido as consequências de um dos mais brutais bombardeamentos da História. Assim como quem diz: viva a morte.

Os bombardeamentos sobre a Jugoslávia provocaram milhares de mortos

os seus criadores, receando que o exágero desse lugar a dúvidas, acharam por bem corrigi-la: a NATO - que, a mando dos EUA, viria a executar os bombardeamentos - reduziu de 100 mil para 10 mil o número de assassinados. No entanto, no decorrer do processo, Cohen não deixou de cavalgar o seu «argumento», insinuando coisas sinistras e inenarráveis... Disse ele, a dada altura, que



Estará em risco de fechar
o maior complexo industrial do Norte

Cadeados na Petrogal?

O encerramento da Refinaria do Porto da Petrogal constituiria um «grave atentado à economia nacional» e um «descalabro social».

A possibilidade de encerramento daquela unidade, sediada em Matosinhos, é uma hipótese que tem sido ultimamente referenciada na comunicação social e que a direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Norte condenou vivamente.

O sindicato, em comunicado citado pela Lusa, considera que a Refinaria do Porto da Petrogal constitui o maior complexo industrial do Norte, obtendo mais de 25 milhões de contos através da exportação dos seus

produtos e assegurando emprego directo a mais de 1800 trabalhadores e indirecto a outros 3 mil, de empresas prestadoras de serviços.

Fechar e despedir são medidas para aumentar os lucros à custa dos trabalhadores

Sublinhado é ainda o papel daquela unidade industrial como factor de desenvolvimento tecnológico da região, nomeadamente através das parcerias que mantém com universidades norte-nhas e outras escolas de âmbito superior e secundário. Por isso, o Sinorquifa defende que o encerramento da refinaria «constituiria um atentado à

economia nacional e um descalabro social, provocando a oposição firme de um amplo conjunto de instituições sociais, incluindo as organizações representativas dos trabalhadores».

Victor Guedes

Na sexta-feira, o Sindicato da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Centro, Sul e Ilhas (Sinquifa/CGTP) denunciou que a empresa Victor Guedes, em Abrantes, decidiu encerrar a refinaria de óleos e azeites, «sem qualquer aviso prévio», e «quer mandar para o desemprego 11 trabalhadores, incluindo um dirigente e dois delegados sindicais».

O Sinquifa, citado pela Lusa, defende a recolocação dos trabalhadores noutros postos e exige uma «intervenção firme» do Governo e da Inspeção de Trabalho, acusando a empresa de querer «ver-se livre do dirigente e dos delegados sindicais».

De acordo com o sindicato, a Vítor Guedes emprega 109 trabalhadores com contrato directo, dos quais 82 são permanentes e 27 a prazo, tendo ainda mais cerca de 50 funcionários subcontratados a empresas de trabalho temporário. A empresa «tem ao seu serviço mais de 70 trabalhadores precários em postos de trabalho permanentes, situação há muito denunciada à Inspeção de Trabalho, mas estranhamente esta ainda não interveio», afirma o sindicato.

A empresa dedica-se à produção e enchimento de óleos e azeites das marcas Gallo, Condestável e Vaqueiro, e está ligada à multinacional Unilever e ao Grupo Jerónimo Martins.

Só um aceitou semana de 4 dias

Após um ano decorrido sobre a entrada em vigor do decreto-lei que instituiu a redução do tempo de trabalho, com consequente redução do salário, para uma «semana de 4 dias» terá obtido a adesão de apenas um trabalhador, denunciou na semana passada a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, que acompanhou as publicações obrigatórias no «Diário da República».

Para a FNSFP/CGTP, «tal facto confirma as previsões e as denúncias atempadamente feitas por esta federação». Em nota de imprensa, recorda que sempre criticou as «sucessivas e onerosas acções de propagan-

da» de tal medida, feitas pelo Governo e pelo ministro Jorge Coelho, apontando que «o que estava em causa era confundir a opinião pública, enquanto pela calada se elaborava legislação lesiva dos interesses dos trabalhadores, acompanhada da falta de resposta aos problemas colocados pelos sindicatos».

«Face ao fracasso de tão propagandeada medida», reclama a FNSFP, «competiria ao Governo fazer "mea culpa" e justificar aos contribuintes por que recorreu a tanta propaganda para uma medida relativamente à qual os trabalhadores da Função Pública disseram "não, obrigado"».

Protesto dos vidreiros

Trabalhadores da Manuel Pereira Roldão concentraram-se sexta-feira frente ao Governo Civil de Leiria, protestando contra o facto de não estarem a ser cumpridas as promessas feitas pelo Governo e por António Guterres, para passagem à

reforma, sem serem prejudicados, dos operários com mais de 55 anos e que dificilmente teriam possibilidades de encontrar outras saídas profissionais.

Sérgio Moiteiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira, justificou

à Rádio Renascença mais esta acção de protesto pelo facto de os governantes não responderem às interpelações do STIV/CGTP, que reclamou por escrito, junto de várias entidades oficiais, a resolução urgente do problema.

25 anos do STAL

Com a participação do secretário-geral da CGTP, Manuel Carvalho da Silva, do presidente do STAL, Francisco Brás (foto no momento da sua intervenção), e de centenas de actuais e antigos dirigentes e activistas sindicais, realizou-se no dia 24, no Porto, uma sessão solene assinalando os 25 anos da fundação do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local.

As comemorações decorreram sob o lema «Nascemos porque Abril nasceu» e as intervenções dos dirigentes focaram as principais batalhas do presente, designadamente pela valorização dos salários dos trabalhadores, bem como

das pensões, pela valorização das carreiras, pela aplicação urgente do suplemento de insalubridade, penosidade e risco (cuja regulamentação continua por concretizar, apesar das promessas e compromissos do Governo).

O STAL afirma-se hoje como

o maior sindicato nacional, com cerca de 50 mil trabalhadores de todos os distritos do Continente e Regiões Autónomas. Em Maio de 1994, os trabalhadores associados votaram, por esmagadora maioria, a filiação na CGTP, formalizada a 13 de Junho desse ano.



Potencialidades e problemas da intervenção no Taguspark

• Paulo Maurício

Desenvolver a presença, a actividade e a intervenção do PCP junto e com os trabalhadores nos seus locais de trabalho constitui preocupação constante do nosso Partido. A nossa acção está naturalmente condicionada pelos meios de que dispomos, pela necessidade de intervenção ampla e diversificada do partido dos trabalhadores – com as consequentes limitações de calendário – e pelas tradições de uma presença do Partido mais efectiva em empresas onde já, desde há muito, temos militantes, organização e células. Mas a alteração do tecido empresarial em Oeiras vem exigir do Partido, de todos os seus militantes e organizações no concelho uma agilidade táctica que permita o constante aprofundamento e ligação tão profunda quanto possível de uma realidade sempre em alteração. O despedimento colectivo na Luselite, empresa onde o Partido detinha uma capacidade de intervenção e organização significativa, a existência de um PDM que, resguardando a necessidade de uma presença da indústria, privilegia as «empresas não poluentes» e a criação de núcleos de desenvolvimento e instalação de empresas em vários pontos do concelho (muitas vezes sendo apenas sedes ou filiais), como na Quinta da Fonte, em Miraflores e no Taguspark, é uma situação que nos traz a necessidade de **intervir mais onde antes não era prioritário** intervir.

Sem precipitações

Não vamos, no entanto, retirar destas alterações conclusões precipitadas. A realidade em transformação da estrutura empresarial do Concelho de Oeiras continua a ser muito vincada pela presença e desenvolvimento de indústrias transformadoras e de serviços com uma forte componente operária. Os jovens operários trabalham nessas indústrias em cada vez maior quantidade, com salários baixíssimos (pouco mais que o salário

mínimo) e com poucas perspectivas de estabilidade e progressão numa carreira. A realidade, tendo-se alterado, continua fundamentalmente a mesma. É nesta perspectiva que devemos encarar a necessidade do reforço presença do Partido no Taguspark.

Hoje com mais de cem empresas, o Parque de Ciência e Tecnologia, fortemente concentrado na freguesia de Porto Salvo, está em constante desenvolvimento.

Em geral, aqui predomina uma mão-de-obra qualificada e há uma forte presença de estagiários e formandos. A componente de serviços de apoio, com bar, *health club*, salas de reuniões, auditórios e a parte administrativa, traz consigo uma outra quantidade de trabalhadores, a que se acrescentam os serviços de limpeza e segurança.

Um passo qualitativamente diferente será dado ainda este ano, com a ida de alguns cursos do Instituto Superior Técnico para o Parque. Nos próximos 3 anos prevê-se a presença de mais de 3 mil estudantes, facto que terá outras repercussões na nossa necessidade de intervenção.

A existência de cursos de Engenharia e Informática, num local com empresas desta área, não significará um permanente fornecimento de mão-de-obra qualificada, barata e precarizada, ainda enquanto estudantes?

Por fim, a existência de grandes unidades, como o BCP ou a PT Prime, exige do Partido mais flexibilidade orgânica. A realidade do Taguspark está a exigir uma forma de coordenação mais efectiva entre os sectores dos Bancários, das Telecomunicações, e de Empresas. O PCP está em condições de poder responder aos desafios colocados pela extensão e diversificação das indústrias e serviços no concelho. Com um persistente e paciente trabalho de organização e intervenção, as crescentes e diversificadas formas e conteúdos da exploração capitalista podem ir sendo desvendadas na consciência de cada trabalhador e transformadas numa acção colectiva de resistência e conquista.

Nota da Redacção: Após a Festa do «Avante!» publicaremos uma reportagem sobre o Taguspark e algumas das maiores empresas ali instaladas, tratando algumas questões aqui abordadas por este nosso colaborador, membro da DORL e da Concelhia de Oeiras do PCP.

Afinal, o que foi feito?, pergunta a CNA

Fogos sem prevenção

Passaram 4 anos sobre a aprovação da Lei de Bases da Política Florestal, mas apenas foi feita alguma regulamentação.

Aquele diploma de 1996, na opinião da Confederação Nacional da Agricultura, «aponta os caminhos a percorrer para a resolução

de alguns dos problemas que afectam a floresta portuguesa», designadamente a elaboração de planos regionais de ordenamento florestal e planos integrais de utilização dos recursos dos baldios, planos de gestão florestal e medidas de apoio ao associativismo. Contudo, «para além de alguma regulamentação», a lei continua por implementar, afirma o gabinete de imprensa da CNA. Num comunicado que distribuiu sexta-feira, a confederação da lavoura questiona ainda a aplicação dos fundos previstos no actual Quadro Comuni-

tário de Apoio (QCA III) para o ano 2000. Motivo de preocupação, salienta o comunicado, é o facto de que «a legislação e os formulários só saíram a 8 de Agosto».

Para os fundos a aplicar no ano 2000, a legislação e os formulários só saíram em Agosto

Quando às acções regionais de «Gestão Sustentável e Estabilidade Ecológica das Florestas», a CNA denuncia que «ainda não há nem legislação nem formulários».

Enquanto «a floresta portuguesa continua à espera» de uma eficaz política de prevenção de incêndios, a confederação lembra que o fogo «continua a devastar montes, serras e bens» (numa média de 40 mil hectares por ano), os produtores florestais com motoserras e outros equipamentos, que não consomem apenas

gasóleo, continuam a pagar os combustíveis ao preço máximo, muitos telemóveis continuam sem rede nas zonas do interior... Refere ainda a CNA que, «nos últimos 30 anos, a «febre» da eucaliptização aumentou em mais de 400 mil hectares a área desta espécie, enquanto se reduziu em mais de 200 mil hectares a área de pinheiro bravo».

Origens conhecidas

Os principais factores que facilitam a ocorrência de fogos florestais em Portugal, há muito identificados, são agrupados pela CNA em quatro itens:

- as condições climáticas, caracterizadas por verões quentes e secos;
- a composição, extensão e continuidade nos povoamentos florestais, características que facilitam a rápida propagação dos incêndios;
- a não existência de organização e planeamento na actividade florestal;
- a desertificação humana do mundo rural, com o consequente desaparecimento das populações que sabiam, queriam e podiam apagar os fogos florestais.

Reconhecendo que não há «soluções simples para problemas tão complexos», a CNA coloca dúvidas quanto a algumas medidas que têm sido tomadas. É o caso da limpeza das matas, operação que «elimina os dois andares inferiores dos povoamentos (manta viva e sub-bosque), com implicações na biodiversidade e na propagação de pragas e doenças».

A necessidade dos planos integrados de utilização dos recursos dos baldios é sublinhada pela CNA, que salienta estar «comprovada, por exemplo, a eficácia dos conselhos directivos dos baldios na prevenção e combate aos incêndios».

E a SAD do PS e congéneres?

• Sérgio Ribeiro

«Julgava o ingénio de mim que Afonso Domingues tinha sido arquitecto, Luís de Camões poeta, Camilo Castelo Branco romancista, Soares dos Reis escultor, Domingos Bontempo compositor, e afinal não era verdade. Eles e todos os outros, de fora e de dentro, andaram a enganar-me com esses formosos títulos, quando o que os práticos sujeitos fizeram em toda a sua vida foi investir (...).» (1)

Julgava o outro ingénio que sou eu que o João Pinto, o Sá Pinto e mais uns tantos dessa «capoeira», eram futebolistas, profissionais-vedetas de um espectáculo, e andava enganado. Mas, sejamos justos, a culpa não é deles, não são os futebolistas que nos têm andado a enganar. Essas criações à medida do «horror económico» e da «estranha ditadura» (2) que vivemos chamadas SAD (sociedade anónimas desportivas) é que os transformaram em mera mercadoria, cara e descartável. Empresas adequadas ao capitalismo canibal, quase recuo para o tempo do escravagismo – embora transitoriamente coberto de ouro... –, as SAD traficam despididamente homens, não se confinando à exploração da força de trabalho comprada a x para produzir 2x. Se isto é novidade, o carácter alienador desta expressão do capitalismo

Por exemplo, à revelia do clube e associados, já num «campeonato» foram ao exterior buscar um «craque» – ministro das Finanças que depois foi descartado – para levar a SAD e congéneres à conquista de um título euro(peu) que, como se comprova, não serve os «sócios do clube»; aliás, para o mesmo posto/pasta já tinham feito o mesmo com dois antecessores e, depois, a ele foi promovido, em tarefa dupla, uma espécie de Iordanov, ou seja, alguém vindo do «estrangeiro» e tornado símbolo do «clube»... enquanto servir a SAD e o que esta serve. E não falta, em tal SAD, a mobilidade/promiscuidade entre os que ficam no clube, ou no partido, e os que vão para as SA.

Não se pense que estou a ser chocarreiro para fugir a coisas sérias. Como sportinguista, tenho o maior respeito pelos adeptos de qualquer clube; como comunista, para além do

Évora satisfeita com «Viva a Rua»

«Um balanço francamente positivo» é feito pelo vereador comunista Almeida Henriques, no jornal da última semana do festival «Viva a Rua 2000». De 13 de Julho a 27 de Agosto, a iniciativa da Câmara Municipal de Évora levou à Praça do Giraldo, ao Templo Romano, ao Chão das Covas, ao Pátio do Salema e ao Pátio do Inatel 40 grupos, com mais de 600 artistas e técnicos, provenientes de 15 países. A par do programa central de espectáculos de palco, decorreram ainda actividades noutras áreas de expressão artística, como a escultura, instalação, música, teatro e dança, acrescenta uma nota divulgada pelo gabi-

nete de imprensa do festival.

Jazz, cordas, música lusófona, piano, cantiga, vozes de mulher e música da tradição mediterrânica foram os sete blocos temáticos do «Viva a Rua 2000», que levou à cidade património mundial alguns grandes nomes da música, como Taj Mahal, Chico César, Olga Prats e João Paulo Santos, Sérgio Godinho, Georges Moustaki, Paco Ibañez, Filipa Pais, Isabel Silvestre, Mafalda Arnault e Kepa Junkera.

«Enquanto responsáveis políticos sentimo-nos satisfeitos», diz Almeida Henriques, prometendo que a edição do próximo ano «há-de ser ainda melhor do que esta e as do passado».

Colectividades penalizadas por impostos «de luxo»

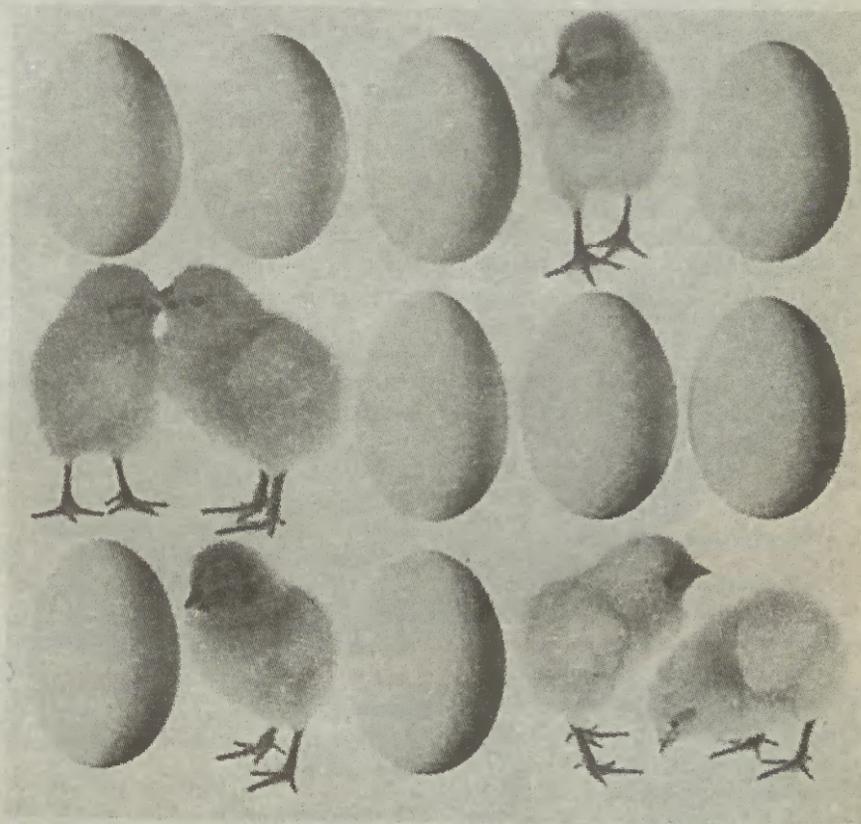
A discussão das desvantagens e das injustiças geradas pela «luxuosa» carga fiscal que pesa sobre o movimento associativo de raiz popular terá um acentuado destaque no Congresso Nacional das Colectividades, anunciado para o próximo mês de Abril – adianta a «Elo associativo», no número de Agosto, distribuído na semana passada.

O presidente da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, citado na revista, afirma que «somos tratados como empresas». Alfredo Flores protesta porque «pagamos IVA de luxo na aquisição dos bens de que necessitamos para desenvol-

ver actividades para a comunidade», quando o Estado nem sequer «cumprе com as suas obrigações de proporcionar aos cidadãos o acesso à fruição musical e à aprendizagem da música». É apontado o exemplo da cobrança de 17 por cento de IVA na aquisição ou reparação de instrumentos musicais. «Sendo um produto cultural, não seria muito mais curial incluí-lo na lista de produtos com a taxa zero?» – pergunta Alfredo Flores. Na revista são mesmo relatados os casos de duas filarmónicas, que foram comprar instrumentos a Espanha e à Alemanha, por serem mais baratos e não estarem sujeitos aos 17

por cento de IVA que são aplicados em Portugal.

Para o presidente da FPCCR, é «evidente» que as colectividades têm de ser alvo de uma «abordagem global» em matéria de fiscalidade e não destinatárias de medidas parcelares, como foi o caso da legislação aprovada, por iniciativa governamental, no final da última legislatura e que viria permitir a devolução do IVA pago por bandas de música na aquisição de instrumentos. Esta era uma medida que poderia ter resolvido alguns problemas, pelo menos às bandas, mas a lei ainda não foi sequer regulamentada.



contemporâneo mais repugna. As SAD são independentes dos clubes desportivos (como se diz que os bancos centrais o são da política...) mas mantêm um cordão umbilical que faz com que os adeptos que são do Benfica, Porto, Sporting, continuem a viver intensa e apaixonadamente as «suas cores». Porque o futebol faz parte da panóplia do que é servido como ópio do povo (3). Tanto mais necessário (ao capitalismo) quanto a democracia participativa vai avançando inelutavelmente. O que não quer dizer linearmente.

É política

Isto é política. Porque tudo o é, embora haja o que o seja mais que outras coisas. Ora o fenómeno institucional, se «invenção» do (sub)mundo do desporto, tem gritantes analogias como o que se está a passar no (sub)mundo da política. Quem olhar, com olhos de ver fundo, o que se está a passar nalguns partidos vislumbra sinais parecidos com o aparecimento de SAD... À SAD do PS só faltará ir ao notário.

respeito por todos os concidadãos, tenho uma natural proximidade (ideológica, política) com os militantes do PS que, por serem socialistas, são anticapitalistas. Mas, se não são os militantes que «gerem» os partidos, mas sim as SA, por via de directórios e infiltradas por interesses financeiros, não pode a proximidade entre militantes servir de alibi para entendimentos ou alianças que avalizem políticas que, por serem contra os trabalhadores, são contra os militantes dos partidos em nome de quem se concretizam.

A política é – pode e deve ser – outra coisa. Não manobras, conluios, trocas e baldrocas. Cidadãos ao serviço de ideias, de princípios, de valores. Ao serviço dos outros.

(1) José Saramago, *Um carro sem travões, Visão*, 26.02.98, em *Folhas Políticas*, 1976-1998, Caminho, compilação corajosamente editada em 1999.

(2) Os títulos dos livros de Viviane Forrester apelam à citação... e à leitura.

(3) A custo, confesso-me sportinguista. Sempre em esforço de desintoxicação...



● Pedro Guerreiro

Não à militarização da UE!

A concretização da Política Europeia Comum de Segurança e Defesa (PECSO) é uma das principais prioridades da actual presidência da União Europeia (exercida pelo presidente e governo francês), que se iniciou a 1 de Julho.

A concretização de uma PECSO ou, melhor, a militarização da UE ganhou uma nova dinâmica com a realização da 21.ª Cimeira franco-britânica (realizada em Saint-Malo, a 4 de Dezembro de 1998) e da 73.ª Cimeira franco-alemã (realizada em Toulouse, a 29 de Maio de 1999), que antecederam as conclusões do Conselho Europeu de Colónia e, fundamentalmente, as do Conselho Europeu de Helsínquia, de Dezembro de 1999. Nas palavras do ministro da Defesa francês, a PECSO desenvolveu-se de forma «rápida e intensa», e, nas do secretário de Estado da Defesa deste mesmo país, a PECSO «progrediu num ano e meio de uma forma impressionante».

Objectivos e origens

Como aspecto central desta política, está a constituição de uma força militar de reacção rápida, composta por 50 a 60 mil soldados, que seja mobilizável em 60 dias e que tenha a capacidade de intervir durante o período de um ano, se necessário fora do espaço da UE (à semelhança da agressão à República Federal da Jugoslávia e da manutenção de forças militares no Kosovo...). Esta força de intervenção militar deverá estar criada até 2003 e pressupõe toda uma estrutura e capacidades de comando, de controlo e informação, de logística e unidades de apoio ao combate, assim como meios aéreos e navais.

A PECSO desenvolve-se na sequência das conclusões da Cimeira da NATO, que se realizou em Washington, em Maio de 1999, procurando concretizar o «pilar europeu» desta organização. Embora com contradições, não procura colocar em causa o papel da NATO, organização apontada como fundamental para a «defesa transatlântica». Nas palavras do ministro da Defesa francês, a PECSO é «um projecto que permite à Europa adquirir a sua verdadeira dimensão na regulação e equilíbrio das relações internacionais e de segurança».

Sinal da importância que é dada pela actual presidência da UE à PECSO é o facto da sua primeira iniciativa ter sido a realização, logo no primeiro dia em que esta se iniciou, do seminário «Para uma cultura europeia da defesa e da segurança», onde responsáveis governamentais, militares e da indústria de armamento debateram os objectivos

e a definição das capacidades militares da PECSO.

A presidência francesa da UE, no âmbito da PECSO, propõe alcançar como objectivos essenciais a definição da configuração definitiva dos seus órgãos de decisão (que entrarão em funcionamento de forma interina a 1 de Março), mas sobretudo a definição objectiva da contribuição de cada estado membro para a força militar, através da realização de uma «reunião informal» dos ministros da Defesa dos estados-membros da UE (a 22 de Setembro) e de uma «Conferência sobre os contributos para a capacidade europeia» (a realizar a 20 e 21 de Novembro).

A PECSO tem ainda como aspecto fundamental o desenvolvimento da indústria de armamento, sendo de salientar a assinatura, a 27 de Julho, pelos principais países produtores de armamento na UE (Alemanha, Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália e Suécia) do acordo-quadro para a harmonização e simplificação das regras aplicáveis às indústrias de armamento, consideradas indispensáveis para a reestruturação desta indústria nestes países, nomeadamente a facilitação da fusão (e aquisição) de empresas e da regulação do mercado do armamento, entre outros aspectos.

Nova ameaça

A PECSO procura a concretização da capacidade de intervenção militar ofensiva por parte das principais potências económicas da UE, inserindo-se no quadro da Política Europeia de Segurança e Defesa, já de si caracterizada pela ingerência (na concepção do Comissário Patten, mesmo os meios não militares deverão estar integrados nos objectivos da PECSO, sendo perspectivados para poderem ser utilizados antes e depois de uma intervenção militar), procurando-se transformar a UE num bloco político-militar que defenda os interesses das multinacionais, onde quer que estes sejam postos em causa.

Promove-se a militarização da UE e das relações internacionais. Promove-se e a corrida aos armamentos. A PECSO é mais uma ameaça à paz.

É importante ter consciência desta situação em desenvolvimento acelerado, por forma a esclarecer, a mobilizar e a reforçar o movimento de todos aqueles que amam e lutam pela paz, que lutam pelo desarmamento (com particular atenção à questão das armas nucleares), pela dissolução da NATO, contra blocos político-militares e pela construção de uma Europa de paz, cooperação e de solidariedade.

Depois da destruição provocada em Junho pelo forte temporal na Catalunha

«Re-Festa» em Barcelona

No dia 11 de Setembro os comunistas catalães vão fazer a «Re-Festa Avant 2000», procurando repor os prejuízos do desastre.

A festa do órgão central do Partido dos Comunistas da Catalunha estava marcada para o fim-de-semana de 9 a 11 de Junho e, após muitas horas de trabalho esforçado e de investimentos avultados, abriu naquela sexta-feira ao fim da tarde.

A noite estava fresca – como referia o «Avant» no número de 14 de Junho – e as pessoas aglomeravam-se sobretudo junto aos palcos. Por volta das duas da manhã levantou-se um vento incómodo, que foi ficando mais forte, levantando coberturas e destruindo pavilhões. A borrasca amanece a partir das 6 horas. Ventos de mais de 150 km/h tinham varrido a Catalunha e

provocado graves danos. A Festa do «Avant» estava praticamente destruída.

No sábado, o PCC decidiu que não havia condições para prosseguir a festa. Os estragos eram enormes e foi de imediato lançada uma campanha de recolha de fundos, colocando como meta a angariação de 25 milhões de pesetas. Foi aberta uma conta de solidariedade, foram desencadeadas reuniões e abordagens, numa campanha a que o PCC deu um cunho também político e não apenas financeiro.

«Naquela noite, muitas e

muitos de nós ficámos atónitos», recordava Joan Lou, responsável da Festa, num artigo publicado a 28 de Junho. «A impotência era o sentimento mais generalizado», reconhecia, acrescentando que, «com o sentido prático que nos caracteriza, resolvemos com rapidez os problemas mais imediatos, desmontámos e

armazenámos os materiais que foi possível salvar e começámos de imediato a recolha de dinheiro para cobrir o défice, que se calculava importante». Na primeira semana houve «reuniões, negociações com

fornecedores, planos de urgência e abordagens individuais... e chegámos ao primeiro milhão», relatava Joan Lou.

A nível central e de cada organização do PCC, a campanha tem prosseguido, com espectáculos, venda de obras de arte e outras iniciativas. Segundo o último número do «Avant» (19 de Julho, antes do período de férias até 5 de Setembro), a recolha de fundos tinha ultrapassado os seis milhões de pesetas.

E agora

a «Re-Festa»

Na campanha de fundos insere-se também a iniciativa marcada para 11 de Setembro, em Barcelona. Nessa segunda-feira – depois de uma manifestação popular pelo direito à autodeterminação que é também apoiada pelos comunistas – o Polidesportivo Bac de Roda abre as portas aos que quiserem participar na «Re-Festa», uma iniciativa em cujo programa se incluem actuações de grupos musicais, um comércio e a venda de uma «paella» para mil pessoas. Vai também ser sorteada uma viagem a Cuba.

A entrada é gratuita e a «dose» de «paella» custa 1200 pesetas, mas o jornal preveniu que, devido ao limite do milhar de porções, seria necessário fazer a prévia reserva.

Mantém-se aberta a conta de solidariedade, no banco «La Caixa», com o número 2100-3200-2201173287.

O Partido dos Comunistas da Catalunha disponibiliza na Internet (no endereço <www.pcc.es>) mais informações sobre a «Re-Festa» e a campanha de solidariedade.

Proletaris de tots els països, uniu-vos!

Avant

Organ Central del Partit dels Comunistes de Catalunya
Del 14 al 20 de Juny del 2000. Preu: 175 pes.

Desastre!

Campanya 25 milions

Compte d'emergència: La Caixa. 3200-2201173287

PCP em Díli

Para participar nas celebrações do primeiro aniversário do referendo em Timor-Leste, deslocou-se a Díli, a convite do Conselho Nacional da Resistência Timorense o camarada Domingos Lopes, membro do Comité Central do PCP.

Nestas celebrações, Domingos Lopes representa o secretário-geral do Partido, Carlos Carvalhas, impossibilitado nesta ocasião de responder ao convite que oficialmente lhe foi dirigido por Xanana Gusmão.

Passavam cinco minutos das zero horas de ontem (hora local em Díli, mais 7 horas que em Lisboa), uma ovação de pé no Ginásio onde decorria o Congresso Nacional do CNRT assinalou o aniversário. Segundo a Agência Lusa, o presidente da mesa, Leandro Isaac, lembrou que «hoje é dia 30 de Agosto». Depois

os presentes levantaram-se numa calorosa ovação. Xanana Gusmão salientou que este momento era «para todo o povo», «para todos vós, irmãos e irmãs, que no ano passado puseram todas as lágrimas e tristezas de lado, para, com confiança, sem medo, sem temer pelas suas vidas, votarem».

Faleceu Hector Pinzon

O Partido Comunista Colombiano noticiou que faleceu em Bogotá, na passada sexta-feira, Hector Pinzon, «activista da causa da defesa dos Direitos Humanos» e «um firme militante» do PCC.

Até há poucos meses, refere a nota divulgada pelos comunistas colombianos, Hector Pinzon tinha sido secretário executivo do Comité Permanente para a Defesa dos Direitos Humanos, organização com que trabalhou durante muitos anos, juntamente com os seus fundadores, Hernando Hurtado e Alfredo Vasquez Carrizoza.

Informação sobre a actividade e as posições políticas do PCC está disponível na Internet, no endereço <www.go.to/voz/>.



Espaço central

A actividade e as propostas dos comunistas, os debates, as exposições

Págs. 13-14



O «Avante!» na Festa

Num espaço próprio são evocados fragmentos da história do nosso jornal

Pág. 13



Solidariedade internacional

A luta dos movimentos progressistas do mundo na cidade internacional

Pág. 22

Avante! festa!

FESTADO Avante! 2000

1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

Três dias de grandes músicas



Centrais



Espaço Central O Partido a actualidade e os combates futuros

«**P**CP, um partido para o nosso tempo» e «**Século XXI - combates para o futuro**» são os temas de duas exposições políticas que se destacam no Espaço Central, onde o visitante encontrará vários outros motivos de interesse.

A primeira exposição, tendo como suportes o texto, a fotografia e o vídeo, aborda os aspectos mais relevantes da diversificada intervenção social e política do PCP em defesa dos interesses dos trabalhadores e das populações, que o tornam num partido indispensável e insubstituível. Num ano em que se realiza o 16.º Congresso, marcado para os dias 9, 10 e 11 de Dezembro no Parque das Nações, no Espaço Central estará patente uma retrospectiva dos congressos do PCP e dos seus momentos mais relevantes. A outra exposição, subordinada ao tema «**Século XXI - combates do futuro**», debruça-se sobre as conquistas dos povos no século XX e das lutas que se desenham no futuro. Através de meios audiovisuais, é exposto um conjunto expressivo das grandes causas pelas quais os comunistas portugueses se batem e baterão, e que constituem elementos nucleares para o progresso da Humanidade.

Solidariedade na Internet

O Pavilhão Central inclui um renovado Espaço Internet, onde os visitantes

podem navegar no ciberespaço, familiarizar-se com a página do PCP e com a edição electrónica do nosso jornal, bem como assistir e participar a um conjunto de oito sessões temáticas, sob a designação geral de «**Navegar, conhecer, intervir na NET**».

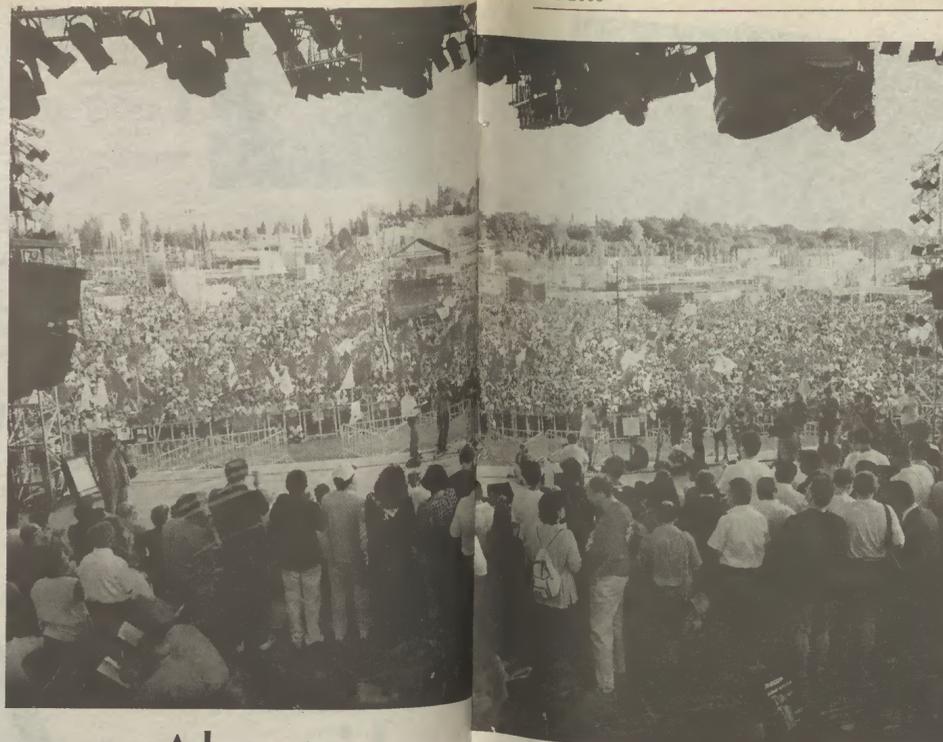
Num ecrã gigante, será possível visualizar regularmente a página do PCP, bem como outros sites que serão apresentados por vários especialistas.

Neste espaço, os visitantes podem ainda solidarizar-se activamente com Cuba, condenado o bloqueio norte-americano através do envio de postais pela internet e, da mesma forma, exigir a libertação do jornalista norte-americano, Mumia Abu Jamal, injustamente condenado à morte.

Com fins mais lúdicos, são também propostos postais com imagens da Festa para enviar à família e aos amigos. Refira-se que o site do PCP será permanente actualizado, disponibilizando diariamente imagens da Atalaia.

No Pavilhão Central funciona igualmente um **estúdio de montagem de vídeo** que irá projectar os momentos altos da Festa, instantes após terem acontecido. Estes filmes serão intercalados com outros sobre anteriores edições da Festa do «Avante!», nomeadamente a de 1999, a Festa da Alegria e sobre as principais lutas ocorridas neste ano e no anterior. Um ponto de interesse acrescido reside no facto de o visitante poder assistir ao processo de montagem dos vídeos.

Na **Banca Central** está disponível uma série de materiais de propaganda do Partido, ressaltando algumas novidades como um estojo com canetas, t-shirts, pastas e outras lembranças. No espaço da **Imprensa do Partido**, está patente uma exposição sobre «O Militante», e, tal como em anos anteriores, os visitantes podem dirigir-se à banca para obter esclarecimentos e solicitar a inscrição no PCP, comprar e assinar o «Avante!» e «O Militante», assim como outros materiais. O prelo, no qual se imprimiam clandestinamente as publicações do PCP durante a ditadura fascista, continua a ser uma atracção deste espaço.



Abertura e comício Amanhã há festa

Os primeiros visitantes que franquearem as portas da Festa, amanhã pelas 18 horas, ainda vão poder ver dezenas de camaradas que numa pressa de última hora dão os últimos retoques à decoração, afixam preçários e arrumam mercadorias, dispõem cadeiras e fazem as limpezas finais. Para trás estão meses de trabalho que vão

A história do «Avante!» está indissolúvelmente ligada à história do PCP. É a história da coragem e da dedicação de gerações sucessivas de comunistas que consagraram toda a sua inteligência, capacidade e engenho à construção de um jornal que constitui um dos mais notáveis exemplos na imprensa clandestina de todo o mundo. Uma história de que os actuais redactores do «Avante!» e todos os militantes comunistas se orgulham e à qual darão a necessária continuidade.

O «Avante!» nasceu em 15 de Fevereiro de 1931, na sequência da reorganização do PCP que, em 1929 e sob a direcção de Bento Gonçalves, transformou aquilo que era um núcleo de comunistas dedicados, generosos e mais ou menos associados num partido proletário, marxista-leninista, no partido da classe operária portuguesa - o **PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS**.

Um grande Partido Nacional

A reorganização de 1940/1941 criou condições para que o «Avante!» tivesse acesso a um espaço de divulgação da República Espanhola e pelo desmantelamento da Segunda Guerra Mundial, viera trazer novas ideias e novas ideias na organização do Partido.

Com a reorganização de 1949/1950, impulsionado por um conjunto de jovens dirigentes comunistas, nomeadamente Álvaro Cortal, Mário Ribeiro, Sérgio

Virgílio Joaquim Pereira Jorge, José Gregório, António Dias Lourenço, Pedro Soares, Manuel Guedes e João Freixo, o PCP transformou-se num grande partido nacional, o representante da luta e da unidade revolucionária.

DEZ ANOS DIFÍCEIS

Os primeiros dez anos de vida do «Avante!» foram extremamente difíceis. A repressão fascista e a insuficiente preparação do Partido para a enfrentar com êxito, fazem com que a publicação do jornal seja interrompida, e de novo retomada, cinco vezes.

Apesar disso, em 1937/1938, o «Avante!» chega a publicar-se semanalmente com tiragens que atingem os 10 mil exemplares. Sempre presente, na preocupação de difundir a palavra do Partido, de mobilizar os trabalhadores para a luta, de informar sobre o que se passa no País e no Mundo, de divulgar o que a imprensa dominada pela censura fascista ocultava.

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

agora ser recompensados com a afluência de muitos milhares de visitantes que prometem pelo menos mais três dias e três noites de esforçado labor, com poucos momentos para recuperar forças. O início oficial de mais uma edição da Festa do «Avante!» (a 24.ª), será assinalado com natural emoção, pelas 19 horas, na Praça da Paz, por centenas de militantes com tarefas no terreno, para além de muitos visitantes que já se encontram no recinto. Depois de lançados os primeiros foguetes, ao som da Banda da Arrentela, subirá ao pequeno palanque montado para a ocasião Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, que fará uma breve intervenção. No domingo, pelas 18 horas, a Festa culmina com mais uma grande iniciativa política - o Comício -, que galvanizará milhares de militantes e simpatizantes comunistas e que constituirá igualmente um momento de grande animação. Bandas e fanfarras, grupos de zés-pereiras, uma escola de samba, meia centena de percusionistas do TocáRufar, entre outros, partem de vários locais da Festa em direcção ao Palco 25 de Abril, para onde confluem ainda aguerridos desfiles de várias organizações do Partido. No Palco estarão os membros Comité Central e representantes de partidos e organizações estrangeiras. Af usarão da palavra José Casanova, director do «Avante!» e membro da Comissão Política, Elsa Paixão, da Comissão Política da JCP, e a encerrar Carlos Carvalhas.

Espaço «Avante!»

«Proletários de todos os países, uni-vos!» Esta frase encabeça o «Avante!» desde o primeiro número, publicado a 15 de Fevereiro de 1931, e continua hoje a encimar as primeiras páginas do nosso jornal, afirmando uma história ímpar de luta e ideais. Durante mais de 40 anos, o «Avante!» foi editado sob o regime salazarista, sendo por isso o jornal que, em todo o mundo, mais tempo viveu na clandestinidade. Para isso contribuíram muitos militantes e funcionários do Partido, que, com sacrifício e coragem, resistiram a anos de violenta repressão.

Alguns deles são referidos na exposição patente no Espaço «Avante!», na Festa. Af se conta o percurso do jornal na clandestinidade, das tipografias à distribuição, enquadrado por um mural da autoria de Eduardo Neves. O «Avante!» de hoje está à venda na banca, onde também se podem entregar as fichas dos nossos futuros assinantes. Será ainda distribuído um folheto, que faz uma «visita guiada» às páginas do jornal, convidando a uma leitura mais atenta, da primeira página ao «A Talhe de Foices», passando pelas diversas secções.

Os Colóquios do Fórum

- Sexta-feira**
21.30 horas
«**Globalização e desenvolvimento económico**», com **Agostinho Lopes**, membro do Secretariado e da Comissão política, e **Sérgio Ribeiro**, ex-deputado do PCP no Parlamento Europeu.
- Sábado**
14.30 horas
«**Direitos dos trabalhadores, combates do presente e do futuro**», com **Jerónimo de Sousa**, membro da Comissão Política, **Paulo Trindade**, coordenador da Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública e **Odete Filipe**, dirigente dos Sindicato dos Metalúrgicos.
- 17.30 horas
«**Para quando a Reforma Fiscal?**», com **Octávio Teixeira**, da Comissão Política, e **Lino de Carvalho**, deputado na Assembleia da República.
- 21 horas
«**Poder Local, Democracia, Novas Leis Eleitorais**», com **Jorge Cordeiro**, da Comissão Política do PCP, **António Filipe**, deputado na Assembleia da República, **Abílio Fernandes**, presidente da CM de Évora, e **Jorge Gouveia Monteiro**, vereador da CM de Coimbra.
- Domingo**
14.30 horas
«**Armas Nucleares, Militarização, Nato e novas estratégias**», com a presença de **Albano Nunes**, membro do Secretariado do Comité Central do PCP, **Sandra Benfica**, membro do Conselho Português para a Paz e Cooperação, e **Rui Fernandes**, membro do CC do PCP.



Espaço «O Militante»

- Sexta-feira** - 21 horas - «**A imprensa do Partido**», com **Blanqui Teixeira**
- Sábado** - 15 horas - «**As lutas da Juventude**», com **Bernardino Soares**
- 18 horas - «**As lutas dos trabalhadores**», com **José Ernesto Cartaxo**
- 21 horas - «**As lutas das mulheres**», com **Luísa Araújo**
- Domingo** - 15 horas - «**Aspectos das lutas do PCP na clandestinidade**», com **António Dias Lourenço**

Livros e discos

No Centro do Livro e do Disco, durante os três dias da Festa vão estar para sessões de autógrafos, entre outros os autores, **Alice Vieira**, **José Saramago**, **Ana Magalhães**, **Mário Carvalho**. Ainda neste espaço, no sábado pelas 16 horas, realiza-se o lançamento do livro de **Lino de Carvalho**, «1969: um marco no caminho para a Liberdade», que será apresentado por **Vitor Dias**. Pelas 17 horas, será apresentada a obra de **Rogério Ribeiro** «47 ilustrações para o romance de Manuel Tiago «Até amanhã, camaradas» - em que estarão presentes o autor e **Manuel Gusmão**. Às 18 horas, segue-se a apresentação por **José Casanova** do livro de **Carlos Costa** «Relatório sobre o Algarve - 1952». No domingo, decorre uma sessão de lançamento do livro de **Manuel da Fonseca**, «À Lareira, nos Fundos da Casa onde o Retorta tem o Café». A apresentação está a cargo de **Urbano Tavares Rodrigues**.



Espaço Internet

- Sábado**
11.30 horas - «**Educação/ Ensino**», com **Rui Namorado Rosa**
- 16 horas - «**Veículos de Propulsão Alternativa**», com **Jorge Figueiredo**
- 17 horas - «**Software Aberto**» (Open Source/Linux), com **Mário Oliveira** e **Nuno Boavida**
- 18 horas - «**Ambiente**», com **Vasco Paiva**
- 22 horas - «**Direitos Liberdades e Garantias na Net**», com **Paulo Robalo**
- Domingo**
15 horas - «**Imprensa Portuguesa na Web**», com **Júlio Cardoso**
- 16 horas - «**Direitos dos Migrantes e Combate ao Racismo**», com **Henrique de Sousa**
- 17 horas - «**Saúde**», com **Paulo Fidalgo**

Festa do Livro

Novidades a lançar na Festa

Outras obras de Manuel Tiago

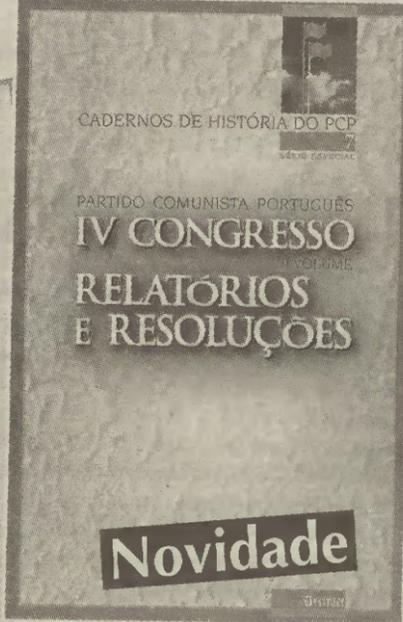
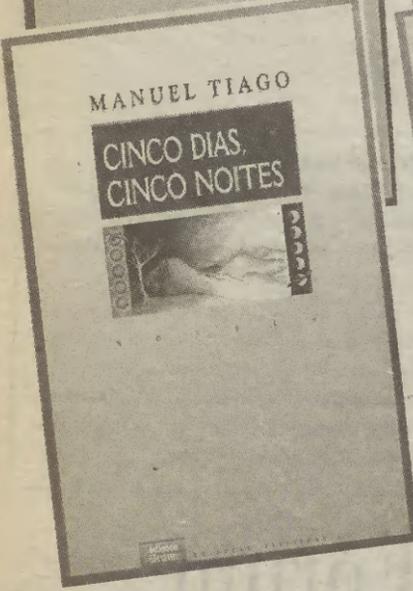
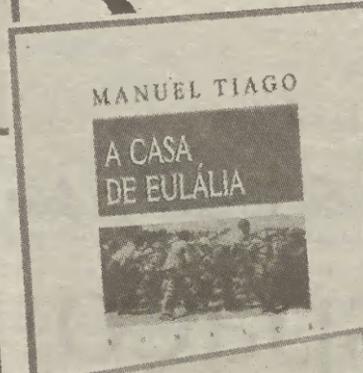
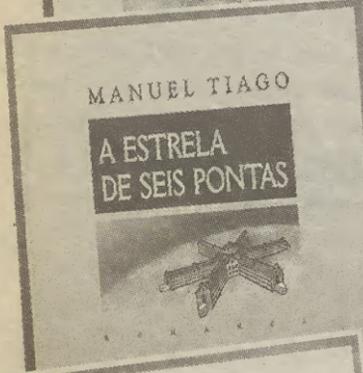
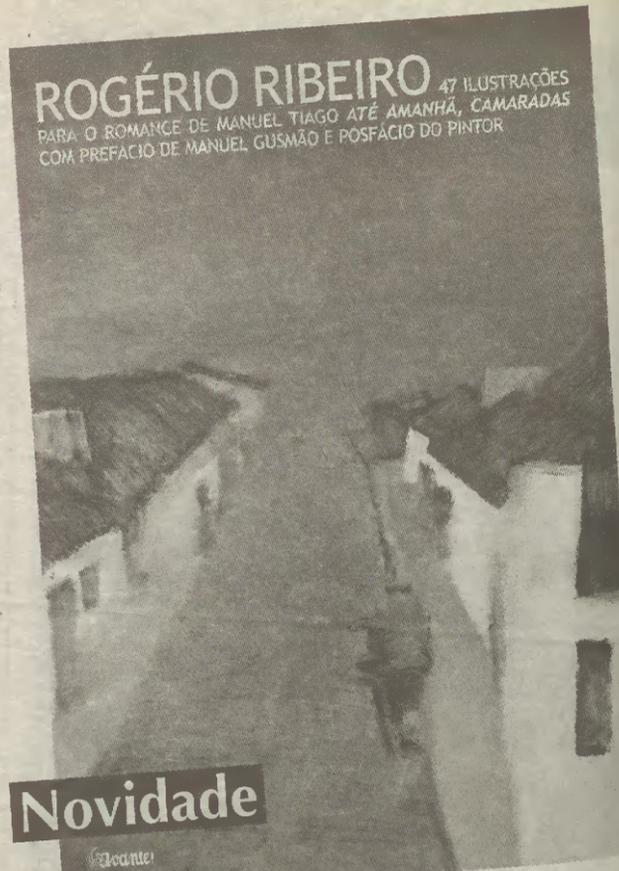


Novidade

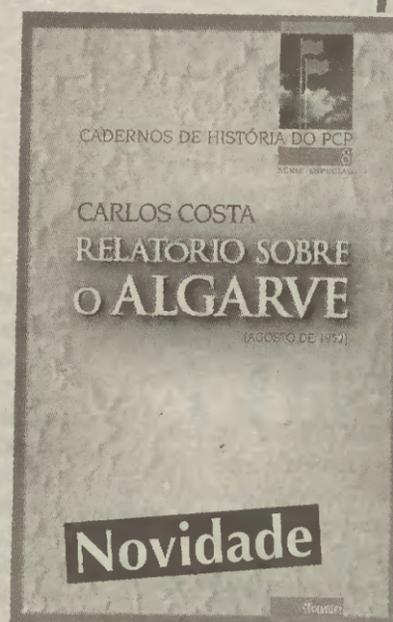


Novidade

Sessões de autógrafos



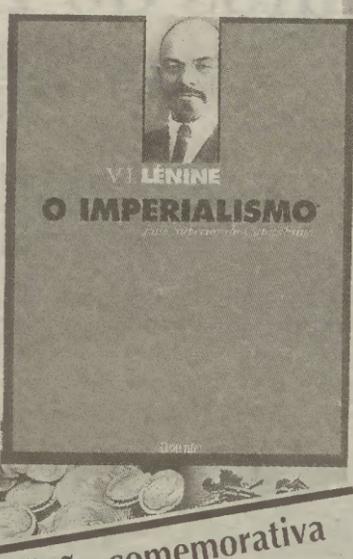
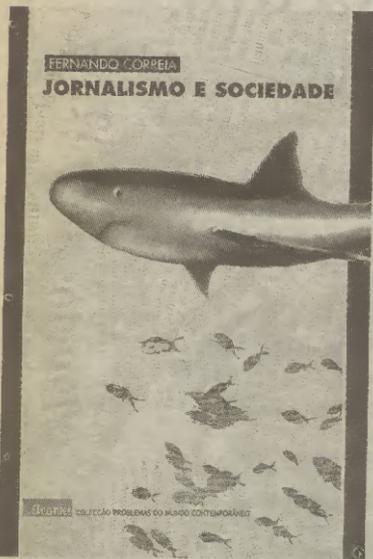
Novidade



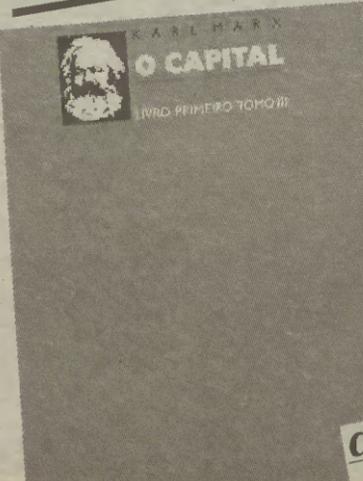
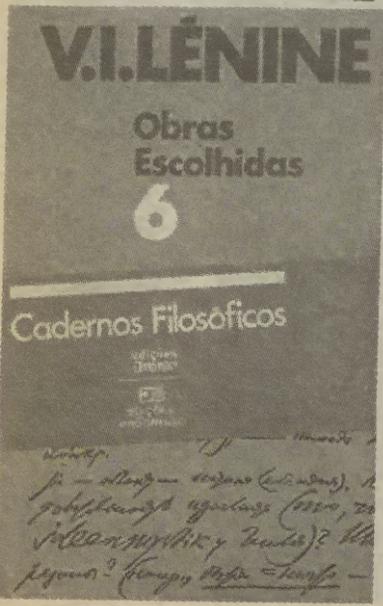
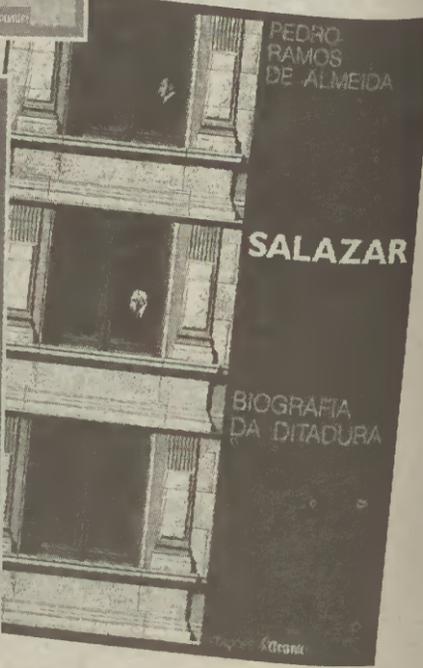
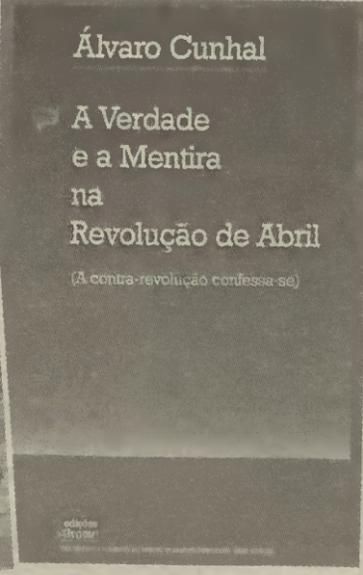
Novidade



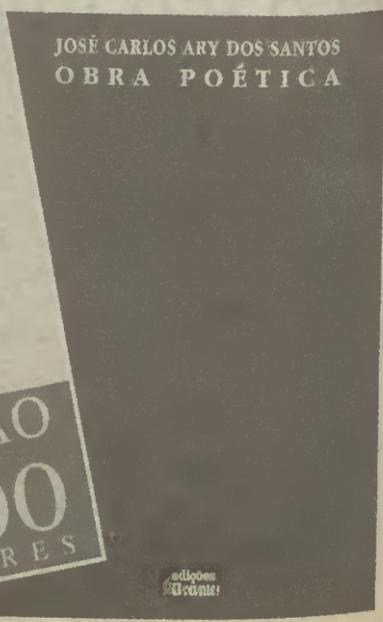
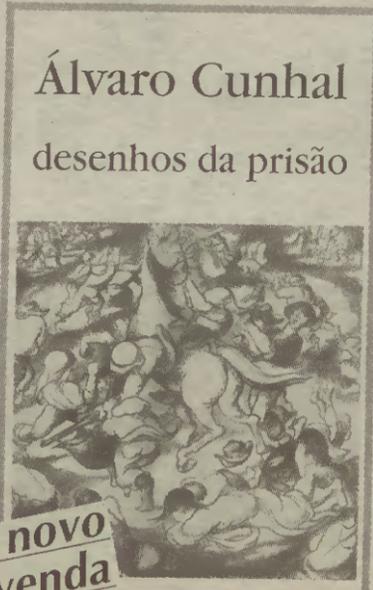
Novidade



Edição comemorativa do 130.º aniversário do nascimento do autor



de novo à venda



Festa do Livro

para os mais novos os mais belos livros

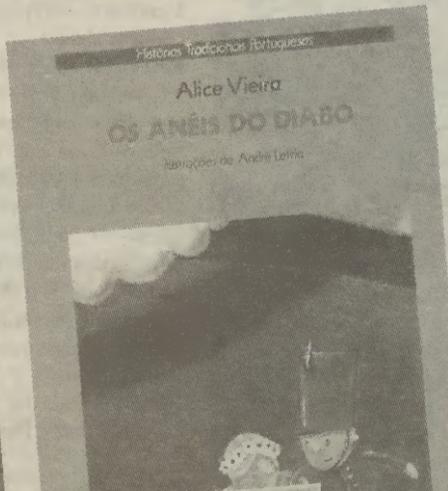
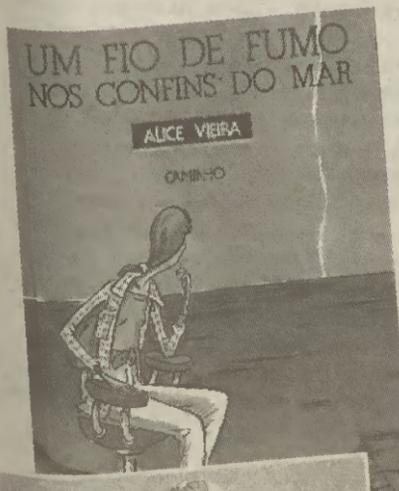
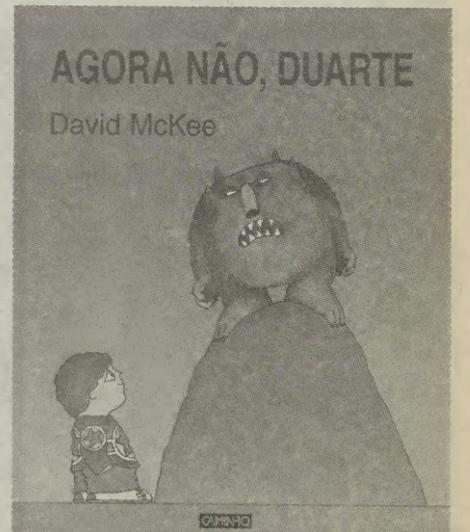
Colecção «Uma Aventura»
Uma geração de leitores



Novidades

Livros do Arco Íris

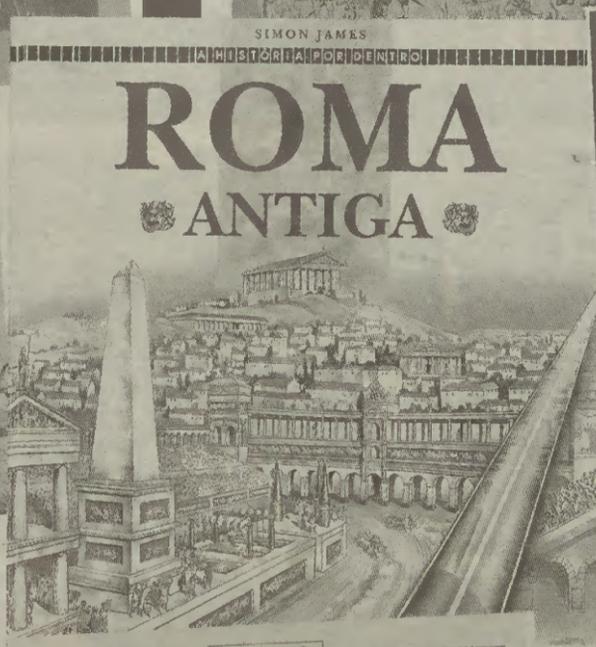
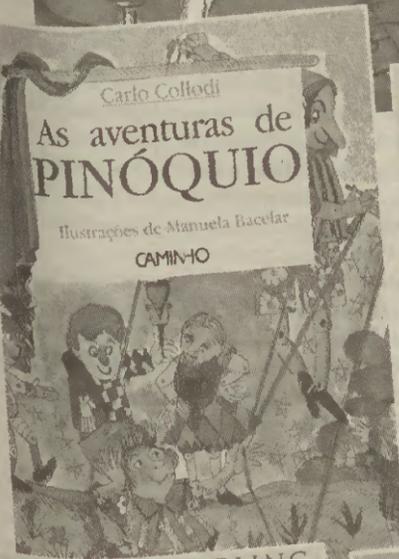
Colecção Bravo



Destques

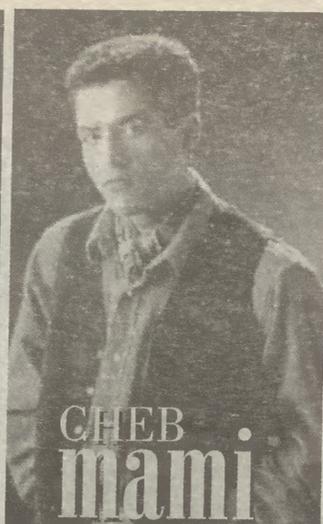


Sessões de autógrafos





MUSICAS DE sol e lua



CHEB mami



HOMENAGEM JOÃO SEBASTIÃO bach



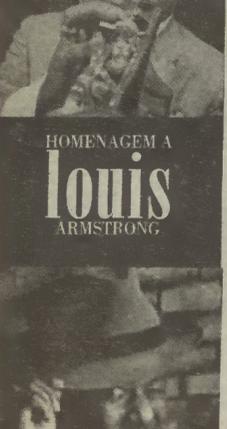
BRIGADA victor jara



orquestra FILARMONIA DAS BEIRAS



HECHOS CONTRA el decoro



HOMENAGEM A louis ARMSTRONG



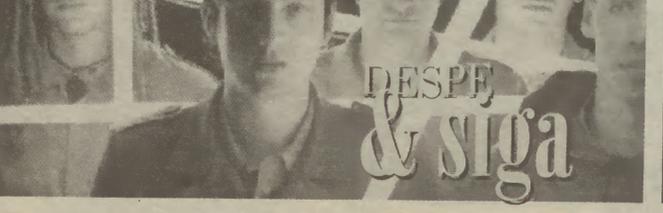
FRANCISCO ceia



eskorzo



KERMIE ruffins



DESPE & siga

Os artistas da Festa

Palco 25 de Abril

Sexta-feira

Quando se pensa em Jazz, vem-nos imediatamente à cabeça o nome de **Louis Armstrong**, o músico norte-americano aclamado como o maior trompetista de sempre. Este ano comemora-se o centenário do seu nascimento e, naturalmente, a Festa do *Avante!* não se podia alhear de tão importante data.

Por isso, a programação de sexta-feira do Palco 25 de Abril é dedicado à maior homenagem realizada no nosso país a **Armstrong**, com um espectáculo único que se inicia com um desfile dos **Dixie Gang** da Praça Central para o Palco.

Este grupo, de sete elementos, promete levar os visitantes da Atalaia a viagem ao «Dixieland», o mundo do Jazz de New Orleans, abrindo caminho a um espectáculo especial com uma **Big Bang** dirigida por **Laurent Filipe** e composta por 17 elementos, entre os quais **Tomás Pimentel**, **João Moreira** e **Ana Paula Oliveira**. A noite termina com a actuação do trompetista norte-americano **Kermitt Ruffins** e da banda **Barbecue Swingers**, vindos especialmente da cidade de New Orleans para a Quinta da Atalaia. Ruffins foi um dos fundadores da «**Rebirth Brass Band**», formação lendária do *revival* do Jazz, tendo mais tarde formado os «**Barbecue Swingers**», reconhecidos como uma das mais criativas bandas da cidade. O trompetista foi, aliás, considerado pelo veterano pianista **Elis Marsalis** como o mais importante factor de conservação e renovação do jazz tradicional de New Orleans.

Sábado

É difícil destacar algum espectáculo da programação de sábado, perante a qualidade e variedade apresentadas. Começemos, então, pela última actuação, tendo como critério a inovação.

«**Músicas de Sol e Lua**» é um novo projecto composto exclusivamente por nomes sonantes da música portuguesa e que se apresenta pela primeira vez em Portugal neste espectáculo da Atalaia. **Sérgio Godinho**, **Vitorino**, **Janita**, **Rão Kiao** e **Filipa Pais** são os intérpretes desta banda que recria temas de referência incontornável.

Mas, seguindo este critério, poderíamos escolher igualmente o grupo espanhol **Hechos Contra el Decoro**, cuja versatilidade é evidente em qualquer espectáculo. Assumindo uma posição política claramente de esquerda, a banda afirma-se contra o pensamento único, num projecto cujas influências vão do *rap* ao *ska*, passando pela música argentina ou italiana.

Por falar em influências internacionais, o argelino **Cheb Mami**, outro cantor que se apresenta na Festa, é fruto da tradição árabe do *rai*, do *funk*, do *rock* e do *reggae*. Conhecido em Portugal graças à sua recente parceria com **Sting**, **Cheb Mami** tem como grande preocupação a situação social e política da Argélia, o seu país natal.

Sábado é ainda dia de grandes concertos com os **Clã**, **Da Weasel**, **Lúcia Moniz** e **Despe & Siga**.

Domingo

No domingo, o Palco 25 de Abril abre de forma especial, com o espectáculo comemorativo do 25.º aniversário da **Brigada Victor Jara**. Pioneira na recolha e reconstituição de música popular e tradicional portuguesa, a banda nasceu em Coimbra, em 1974, possuindo hoje um percurso coerente com o cantor e poeta chileno que lhe dá nome, **Victor Jara**, assassinado nos primeiros dias da ditadura de **Augusto Pinochet**.

Juntamente com outros convidados, estarão presentes na Festa o cantor açoriano **Zeca Medeiros**, os **Gaiteiros de Millidh** (Galiza), o **Grupo de Danças e Cantares do CEFAC** e um **sexteto de metais** dirigido pelo trompetista **Tomás Pimentel**. Mais tarde, os espanhóis **Eskorzo**, «amigos da salsa, irmãos do *reggae* e do flamenco, compadres do *rock* e dos ritmos latinos», prometem fazer um concerto único na Atalaia, repleto de boa disposição e de tomadas de posição sobre o mundo.

Depois da música cabo-verdiana de **Tito Paris** e do ritmo dos tambores dos **Tocálufar**, a Festa encerra com **Vitorino e o Septeto Habanero**, um dos últimos grandes sucessos em Portugal. Este é também o último espectáculo do grupo no nosso país, culminando uma digressão cheia de aplausos, dança e, claro, boleros.



clã

Festa do Avante! 2000

123 SETEMBRO

Auditório 1.º de Maio

Sexta-feira

O ano 2000 é feito de muitas comemorações e a dos 250 anos de **Johann Sebastian Bach** não podia faltar na Festa do *Avante!*.

Assim, o Auditório 1.º de Maio dedica a noite de sexta-feira a uma homenagem ao músico barroco com a Orquestra Filarmonia das Beiras. O programa inclui composições de **J. S. Bach**, do seu filho **Johann Christian Bach** e do português **Carlos Seixas**.

Nascido na cidade de Eisenach, na Alemanha, **Bach** é considerado como um dos maiores génios musicais e precursor da Escola Moderna, encontrando-se na sua obra o germe de todos os elementos mais tarde desenvolvidos por todos os inovadores da música clássica.

Sediada em Aveiro, a **Orquestra Filarmonia das Beiras** começou em 1997 com o fim de formar novos músicos e de divulgar a música clássica em Portugal, em particular no interior. Tendo alcançado ambos os objectivos, a orquestra é constituída por elementos bastante novos, num processo de renovação e dinamização do universo musical português.

Sábado

Todos sabem que na Festa do *Avante!* se pode encontrar todo o tipo de música. Prova disso é o programa de sábado do Auditório 1.º de Maio. Há de tudo um pouco: do experimentalismo dos **Telectu** à brasileira **Teca Calazans**, da música de intervenção de **Jon Fromer** ao jazz de **Maria João** e **Mário Laginha**, passando pela música guineense de **Djamaanca**.

Teca Calazans é talvez o nome mais desconhecido do público da Atalaia, apesar dos seus já largos anos de carreira tanto na sua terra natal, como na Europa. Aliás, a Europa, mais precisamente a França, serviu-lhe de abrigo durante dez anos, entre 1970 e 1980, quando se viu obrigada a sair do Brasil devido à repressão da «**Ditadura dos Generais**».

Milton Nascimento, **Gal Costa** e **Nara Leão** são alguns dos cantores que adoptaram as composições de **Teca**, que hoje se divide entre o Brasil e a França, sempre com o objectivo de divulgar a música brasileira.

Pelo contrário, o norte-americano **Jon Fromer** já é conhecido da Festa. E, paralelamente ao sucesso que o cantor alcançou o ano passado na Atalaia, a Festa também recebeu muitos aplausos de **Fromer**. De tal modo, que este ano decidiu trazer consigo vários músicos de intervenção norte-americanos: **Steve Jones**, **Francisco Herrera** e as **Rebel Voices**. Um espectáculo imperdível.

Domingo

Como é habitual, o fado tem lugar marcado na Atalaia. Na noite de domingo, o Auditório transforma-se numa taberna típica de Lisboa para receber três espectáculos ímpares: **Constantino Menino**, **Mafalda Arnauth** e «**O Julgamento do Chico do Cachené**».

Se os dois primeiros dispensam apresentações, «**O Julgamento do Chico do Cachené**» é bastante menos conhecido do grande público. Trata-se de um «**auto poético-fadista**» de 1945, que, como o nome indica, se baseia numa história em que o «**Chico**» é acusado de viver à custa de uma mulher, a «**Micas**». As intervenções do narrador, do juiz, das testemunhas e dos advogados são exclusivamente feitas em verso, em fados da autoria de **Linhares Barbosa**.

Apresentado pela primeira vez em 1945 e repetido apenas em 1948 e em Fevereiro de 2000 no I Festival das Músicas e dos Portos, o auto é um espectáculo único e muito divertido, em que a participação do público é imprescindível.

De tarde, o auditório acolhe dois outros concertos. O primeiro é com o angolano **Filipe Mukenga**, que mostrará vários ritmos tradicionais africanos como o *semba*, o *katebula* e o *kilapanda*, acompanhados por alguns toques de jazz.

O segundo traz **Francisco Ceia** e a **Orquestra do Íntimo Toque** - uma formação de 16 elementos com o perfil de uma orquestra de câmara -, que apresentam uma proposta inovadora, baseado inteiramente na poesia de **José Régio**, um dos fundadores da revista «**Presença**».



TECA Calazans



MÁRIO Laginha MARIA joão



VITORINO E septeto habanero



JON Fromer STEVE JONES FRANCISCO HERRERA REBEL VOICES



djamaanca



LUCIA Moniz



TIPO Paris



fado JULGAMENTO DO CHICO DO CACHENÉ



telectu com PAUL rutherford e IKUE mori



da weasel

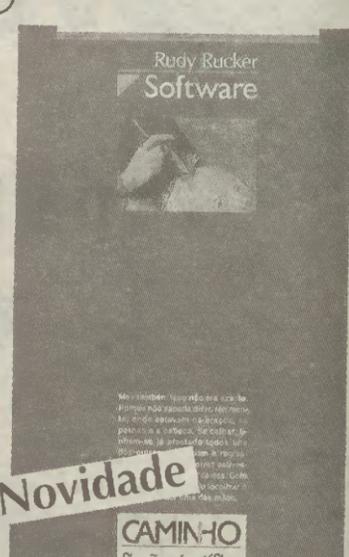
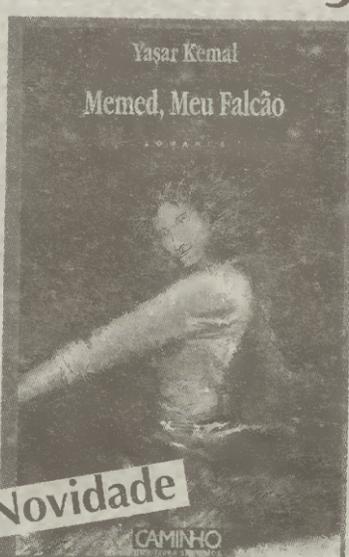
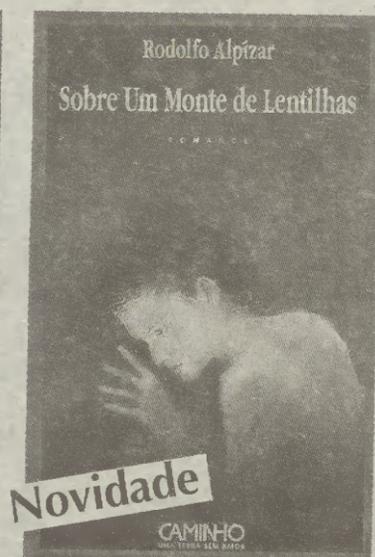


CONSTANTINO menino



MAFALDA Arnauth

Festa do Livro Ficção estrangeira



Novidade

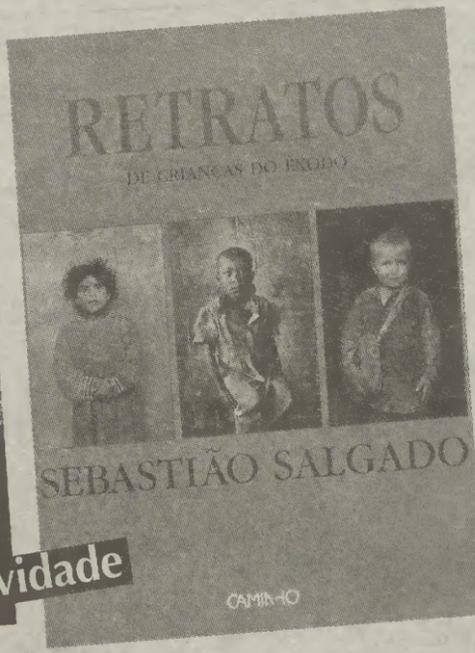
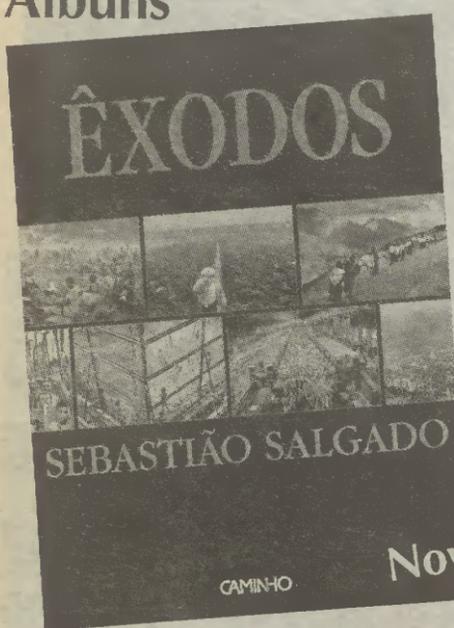
Novidade

Novidade

Novidade

Novidade

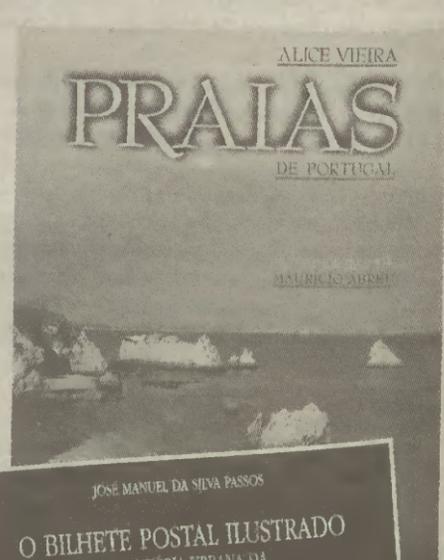
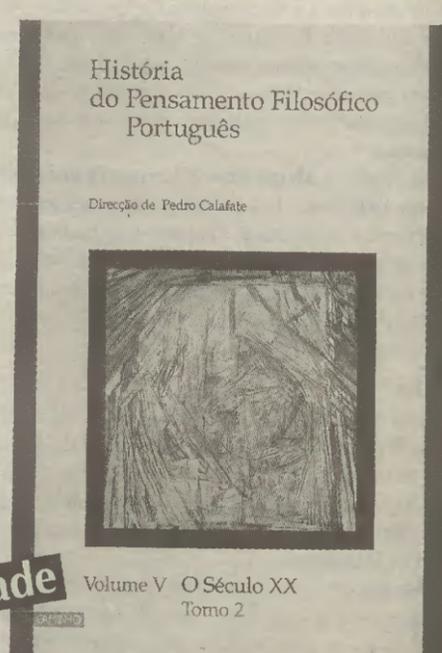
Álbuns



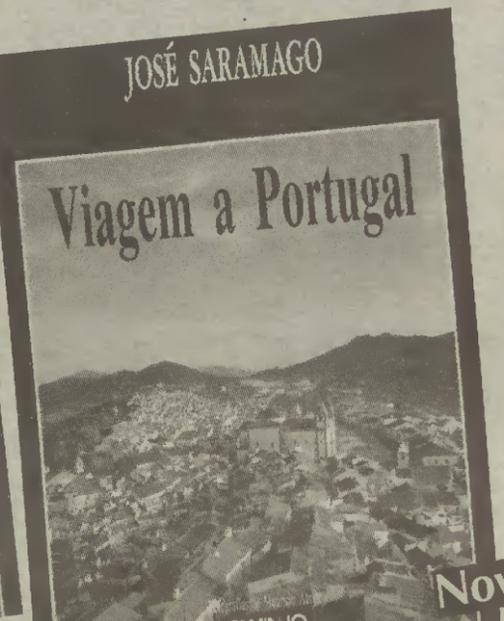
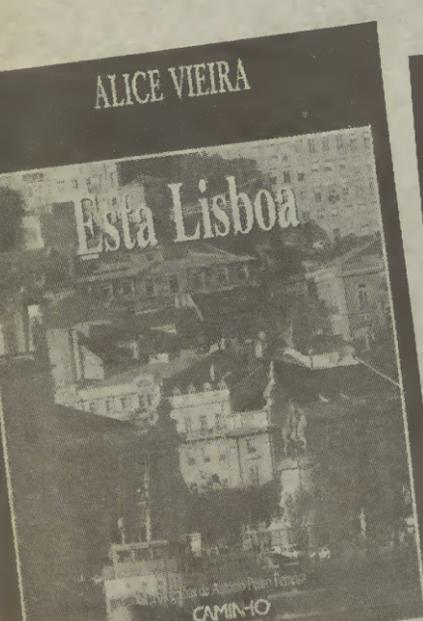
Novidade



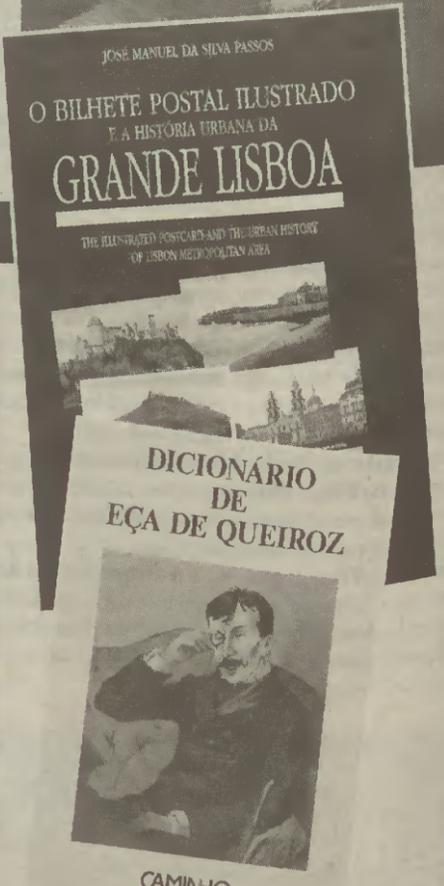
Novidade



Sessões de autógrafos



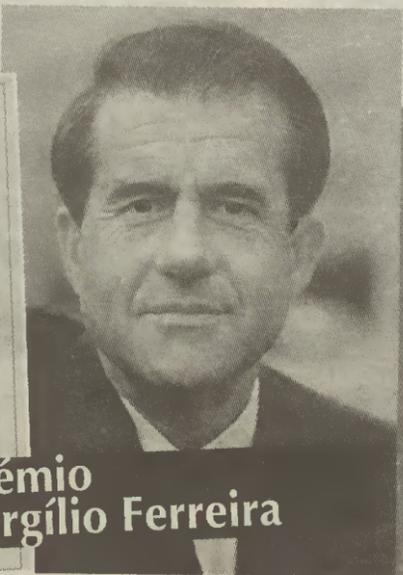
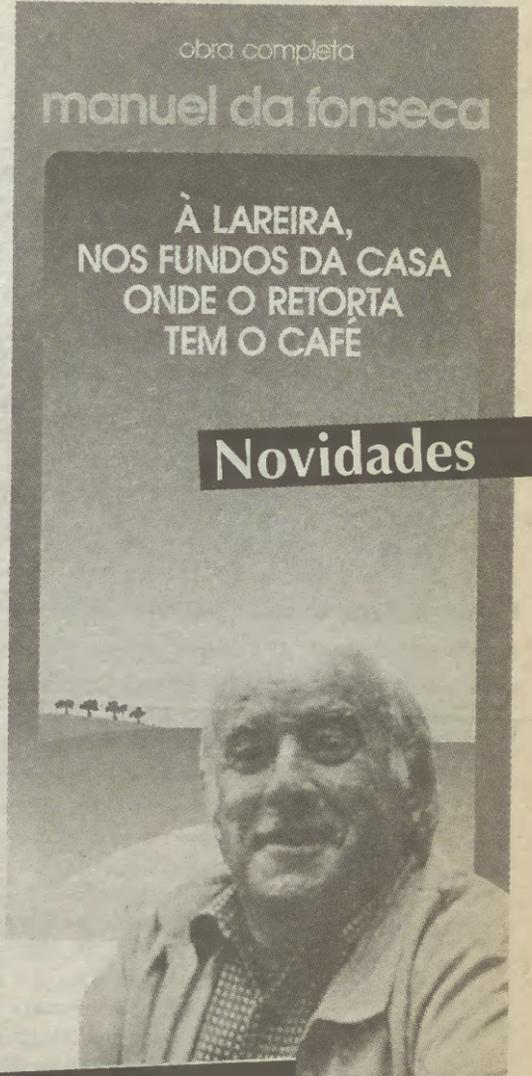
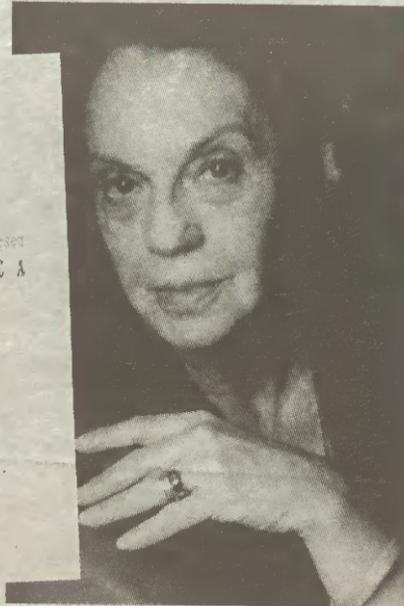
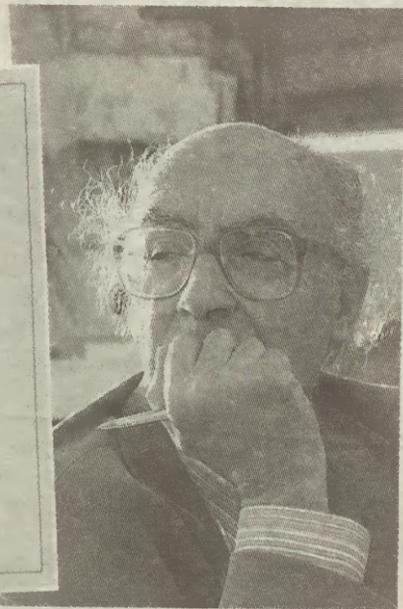
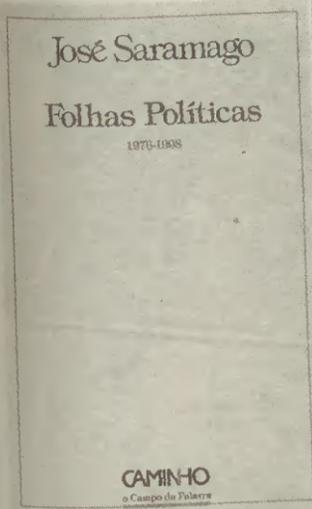
Novidade



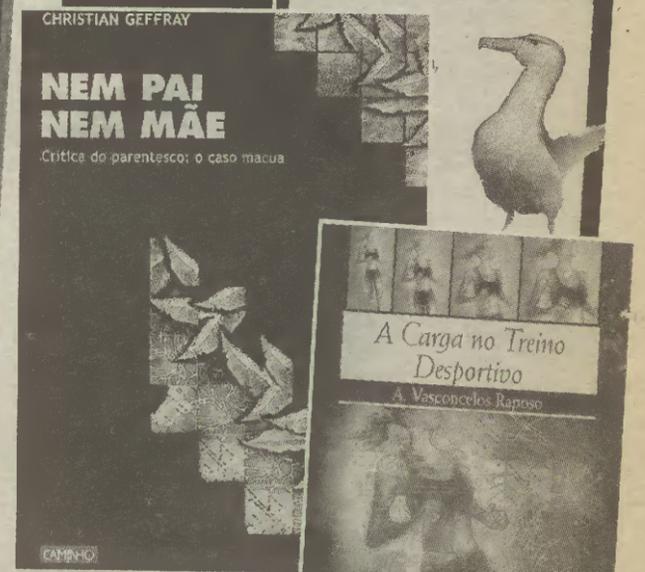
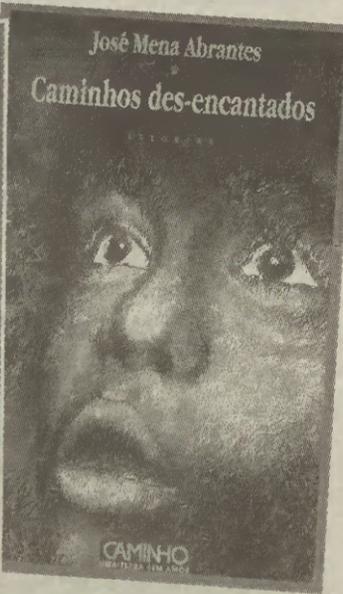
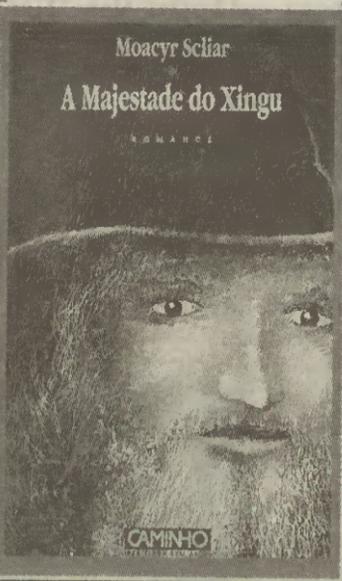
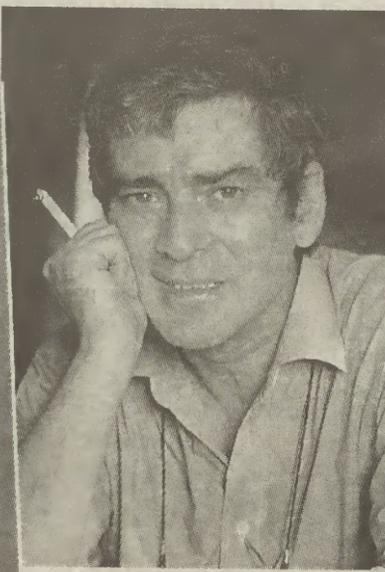
Bons livros a preços excepcionais!
350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

Feira dos Saldos
livros a partir de 350\$00

Festa do Livro Literatura de Língua Portuguesa



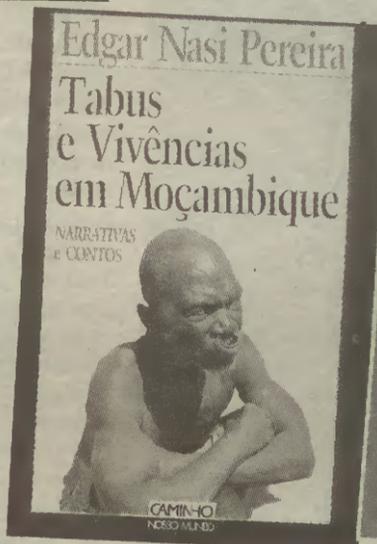
Prémio Vergílio Ferreira



Novidades

Bendenxa

25 poemas de São Tomé e Príncipe para os 25 anos de Independência



Bons livros a preços excepcionais!

350\$00 • 500\$00 • 800\$00 • 1000\$00 • 1500\$00 • 2000\$00

**Feira dos Saldos
livros a partir de 350\$00**

Mais de 1700 atletas e 170 equipas Corrida homenageia Aldegalega

A organização da Corrida decidiu atribuir o dorsal número um a Armando Aldegalega, como forma de prestar uma pequena homenagem a este prestigiado atleta que desde sempre tem sido um apoiante incondicional da prova, e um dos mais assíduos participantes.

No domingo, pelas 9.30 horas, junto à Quinta da Atalaia, concentrar-se-ão quase milhar e meio de atletas para a partida da 13.ª edição da Corrida. Prontos para o tiro de partida, que será dado simbolicamente por Armando Aldegalega, estarão ainda outros atletas de renome, com destaque para Pedro Pessoa, Luís Feteira, ex-atleta olímpico do Sporting Clube de Portugal, e Anabela Pereira, vencedora absoluta em femininos do ano passado, que corre em representação do Marítimo da Madeira, Dionísio Castro, cujo depoimento publicamos nestas páginas, estará também presente na Festa, ainda

que integrando-se na sua componente lúdica.

Depois de um percurso de 14 quilómetros pelas ruas da Amora e do Seixal, os participantes cortam a meta junto à zona do Lago, no recinto da Festa, onde se realiza a cerimónia da entrega dos prémios.

Até ao 1100.º classificado são oferecidas t-shirts e todos os participantes que terminarem a prova têm direito a uma entrada gratuita na festa; às 15 primeiras equipas serão atribuídos troféus ou taças; o mesmo se passando com os quatro primeiros atletas de cada escalão; os vencedores absolutos femininos e masculinos ganham uma viagem de quatro dias à Madeira.

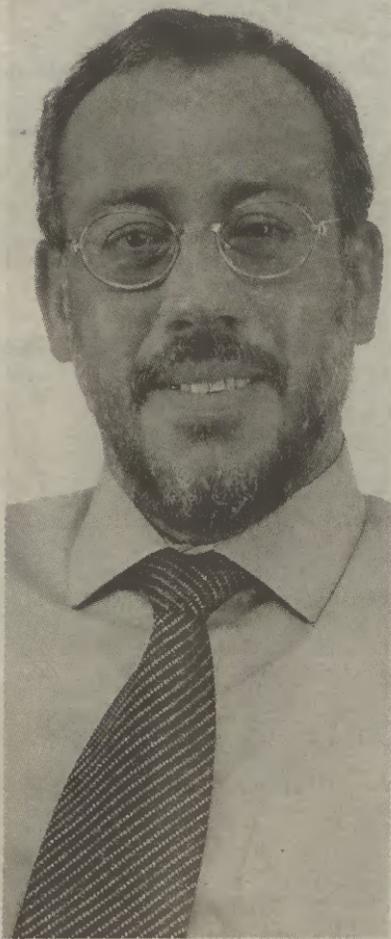
A entrega dos dorsais é efectuada no dia da Corrida pelas 8 horas, junto ao Campo do Amora, devendo os atletas ser portadores do bilhetes de identidade ou cédula pessoal.

No dia da Corrida não serão aceites novas inscrições.



Depoimentos de apoio

Alfredo Monteiro
Presidente da CM do Seixal



«A Festa do Avante! é um acontecimento cultural, social e político único em Portugal; encontro anual de muitos milhares de homens e mulheres e jovens vindos de todo o país, que transformam o espaço aprazível da Quinta da Atalaia com o magnífico cenário da Baía do Seixal, num mundo de pessoas, vivo fraterno e solidário. A realização desde há uma década da Festa no concelho do Seixal constitui uma referência prestigiante e um inegável contributo para a valorização e a promoção do município, por isso a Festa do Avante!, sendo do país, é também afectivamente da população do nosso concelho.

A corrida da Festa é por direito próprio um das mais prestigiadas iniciativas do desporto popular a nível nacional. Em meu nome pessoal e em representação do município do Seixal saúdo fraternalmente os participantes na edição deste ano e todos aqueles que fazem do desporto uma das formas mais sublimes da vida sem discriminação, social, cultural, política, de raça ou sexo. Saúdo e felicito com enorme prazer os clubes e dirigentes, técnicos e atletas e a equipa da organização da corrida que, neste evento e em todos os dias, constituem os verdadeiros obreiros do Desporto para Todos, uma construção em partilha permanente com o Poder Local e as populações.

No concelho do Seixal, o desporto é um projecto de Abril, simbolizado na Seixaláada Todo o Ano e uma vertente indissociável do desenvolvimento integrado do município e da qualidade de vida das populações.

Quero por isso e no âmbito deste evento emblemático do desporto popular, desejar, permitam-me em nome colectivo, os melhores sucessos desportivos à nossa representação olímpica nos jogos de Sydney, com especial referência para os atletas do concelho que integram a selecção nacional – Carla Sacramento e Bruno Castanheira».

Domingos Castro
Atleta do Maratona Clube de Portugal

«Todos estes eventos como o da Corrida da Festa do Avante! que ponham em prática e em movimento todas as pessoas são de saudar.

Dou sempre apoio a este tipo de iniciativas, porque nos dias em que vivemos só a prática desportiva nos pode salvar de fenómenos e doenças como a toxicod dependência, o álcool, os acidentes vasculares e muitos outros.

Neste sentido há que dar apoio a estes eventos de forma a tornar a população portuguesa mais saudável.»





O importante é a saúde

● Orlando Fernandes*

É com grande satisfação que participo neste acontecimento desportivo e cultural. Por saber a importância desta prova, e com a seu crescimento ao nível desportivo e popular quero deixar algumas considerações, por forma a realçar a componente saúde que deve estar na base de todos os acontecimentos desta natureza.

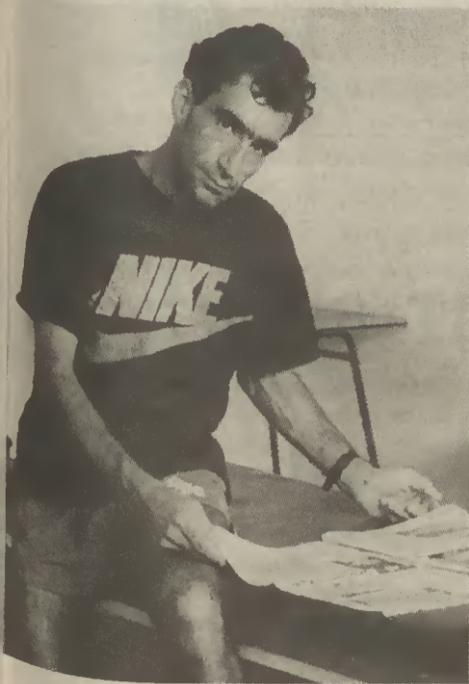
A importância da actividade física é a de preservar a saúde. As recomendações do Colégio Americano de Medicina Desportiva em 1995 apontam para a prática de cerca de 30 minutos de actividade moderada diária como valor mínimo para reduzir o risco de doenças cardiovasculares.

A corrida evolui de uma forma natural a partir da marcha. Frequentemente quem pratica procura aumentar a intensidade e muitas também o volume, podendo assim sentir as adaptações ao exercício. Se este princípio da prática sistemática e organizada da actividade é fundamental para as adaptações biológicas induzidas, pode ser também o motivo para a desistência ou principal causa de lesões nas estruturas passivas do nosso aparelho locomotor, principalmente nos tendões e ossos. Dosear correctamente as intensidades do exercício e prevenir este tipo de lesões deve ser a preocupação máxima de quem pratica. Queria apresentar-vos alguns números interessantes da mecânica da corrida, estudados por Cavanagh e colegas, que não sirvam para criar medos ou reduzir os vossos índices de motivação mas alertar-vos para a importância fundamental do calçado utilizado como forma de prevenir as lesões denominadas de sobrecarga.

Amortecer a carga

A velocidade neste tipo de corrida normalmente varia entre 2,5 a 6 metros/segundo ou seja entre 6:40 a 2:47 aos 1000 metros. Podemos situarmos entre os 3,5 a 4,5 m/s (4:46 a 3:42 aos 1000m). O comprimento da passada pode variar entre 2,25 a 2,85 m a uma frequência de 1,38 a 1,44, isto quer dizer que estaríamos a fazer 82,8 a 86,4 passadas por minuto. Em média e de acordo com estes valores para esta velocidade estaríamos a exercer em cada apoio uma força cerca de 1,4 a 1,7 vezes o peso do nosso corpo podendo mesmo atingir 2,8 vezes em determinadas situações. A capacidade de suportar estas cargas é muito grande na medida em que se tratam de cargas dinâmicas e não estáticas, mas podem constituir um problema se forem mal controladas. Um bom calçado pode diminuir em cerca de 30 % a absorção de energia e reduzir os picos durante o impacto. Para que a atitude da primeira corrida realizada em 1977 permaneça em todos vós (Corrida da Saúde da Marcha e da Alegria), e para que se mantenham motivados no pleno gozo das vossas capacidades venham bem calçados e bem dispostos, pois tenho a certeza que será uma jornada de convívio e de muita alegria. Um abraço para todos os participantes e organizadores.

**Docente das cadeiras de Biomecânica e de Teoria e Metodologia do Treino do Curso de Educação Física da Universidade Lusófona; Treinador e prelector da Federação Internacional de Atletismo Ex-atleta do SLB no triplo salto (1979/91).*



Dionísio Castro

Ex-atleta do Sporting

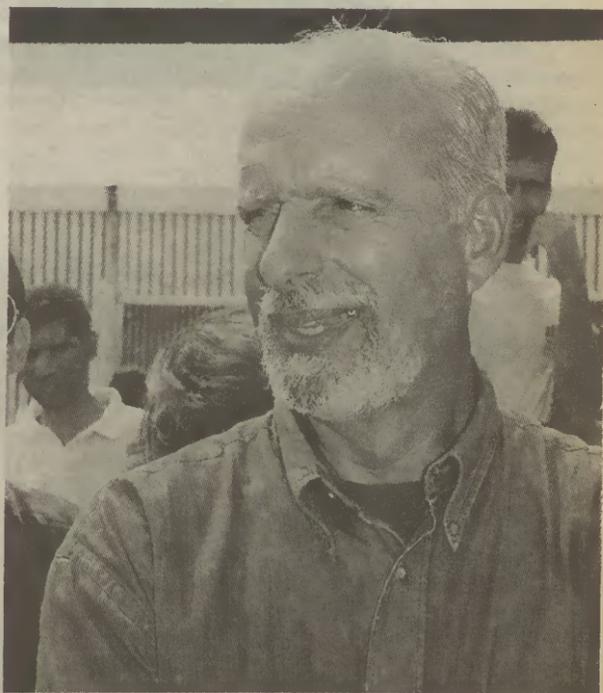
«Em primeiro lugar é pena não haver outras entidades semelhantes à vossa a tomarem idêntica iniciativa. A modalidade do atletismo é uma modalidade por si só já bastante popular, mas não havendo carolas como o vosso tipo de organização a modalidade tem tendência a diminuir. Eu, que fui atleta durante 24 anos, começo a ver o atletismo com alguma preocupação. Preocupação essa que se fundamenta num menor número de organizações vocacionadas para este tipo de provas populares. Considero por isso que o Poder Central e também o Local deveriam apoiar e colaborar mais com estas iniciativas. Em segundo lugar, quero dar os parabéns a toda a organização pela forma como tem tratado carinhosamente todos os participantes ao longo destes anos e desejar-lhe que continue sempre com a mesma determinação e empenho durante muitos e muitos anos, mantendo o nome grande que a corrida da Festa do Avante! já tem no atletismo português e não só.»

Melo de Carvalho

Inspector-geral de Educação

Quem assistir desprevenidamente à Corrida do Avante!, julga que se trata de mais uma corrida de estrada como tantas que hoje se organizam por esse País fora. De facto, não é bem assim: é verdade que se corre em estrada e que há classificações, mas a organização obedece a outros princípios, afinal aqueles que defendemos que deveriam orientar todas as provas desportivas – respeito pelo adversário e por si próprio, rejeição da

vitória a todo o custo e da utilização de meios que podem falsear os resultados e prejudicar os próprios concorrentes. Numa altura em que o dinheiro penetra na maioria das competições desportivas e dá origem aos mais aberrantes comportamentos, a Corrida do Avante! afirma-se como uma organização que se coloca ao serviço dos atletas, constituindo mais uma faceta da grande organização cultural que é a festa do Avante!





● Rui Paz

O neonazismo a NATO e a Bundeswehr

Desde a unificação, o neonazismo já fez na Alemanha mais de uma centena de vítimas mortais. Segundo dados oficiais, os atentados contra estrangeiros, sindicalistas e activistas de esquerda, centros de acolhimento de refugiados e sinagogas elevam-se a mais de mil e quinhentos por ano. Manifestações fascistas, como a saudação hitleriana de braço estendido e hinos ao III Reich de carácter abertamente militarista fazem parte do dia-a-dia de várias cidades e quartéis da Alemanha.

O recente atentado contra sete membros da comunidade judaica em Düsseldorf com uma granada de origem militar obrigou finalmente a classe política governante a reconhecer a dimensão e gravidade da violência neonazi.

A par de factores de ordem económica, social e de degradação política relacionados com a crise geral do capitalismo e o alastramento do obscurantismo, o renascimento neonazi na Alemanha tem sido estimulado pela política revanchista seguida pelos Governos de Kohl e Schröder conjugada com as pretensões imperialistas da Alemanha unificada na Europa e no mundo, no quadro do chamado «Novo Conceito Estratégico» da NATO e da sua expansão para o Leste.

Ulrich Sander, num trabalho de investigação sobre o neonazismo na Bundeswehr publicado em Bona em 1998, assinala que «a Bundeswehr transformou-se na mais importante base operacional do neonazismo organizado. Além da influência da ultradireita política, na tropa existe uma extrema-direita gerada pela própria Bundeswehr e pelo culto de uma falsa tradição militarista que a partir dela se estende a toda a sociedade». Sander cita o próprio Ministério do Interior do Estado do Bad-Wurtemberg, o qual caracteriza a acção de um dos partidos neonazis, o NPD, na Bundeswehr de «mistura explosiva» prevendo «a intensificação dos atentados terroristas de extrema-direita».

A cimeira da NATO realizada em Roma no início de Novembro de 1991 constituiu

um marco importante na definição da nova doutrina militar revanchista da Alemanha com reflexos na reabilitação do papel da Wehrmacht pela tropa e pelas chefias militares. Em 1990, o então vice-chefe do exército, general Winfried Vogel, ainda caracterizava no órgão da Bundeswehr «Truppenpraxis» a «Operação Barbarossa» como uma guerra de «agressão e conquista» contra a União Soviética e publicava os nomes dos criminosos de guerra da Wehrmacht. Mas a partir de Novembro de 1991 com a apresentação das orientações para a política de Defesa trazidas de Roma pelo ministro da Defesa, Ruhe, afirmando o direito da Alemanha de intervir militarmente fora das suas fronteiras em defesa dos seus «interesses vitais» essa situação vai alterar-se completamente.

O novo conceito estratégico e a Wehrmacht

Poucos meses depois, num encontro de antigos nazis do batalhão dos «Gebirgsjäger» (Caçadores de Montanha) reunidos com soldados da Bundeswehr, o então general inspector Naumann, que assumirá em breve o comando militar da NATO, defendeu que a «Wehrmacht» terá sido quando muito «instrumentalizada», louvando-a pelas provas dadas «em situações extremamente difíceis», e por constituir um motivo de «lembrança e homenagem a chefes exemplares, de camaradagem e entrega até à morte».

Sob o impulso deste novo culto da «Wehrmacht» multiplicam-se os chamados encontros de antigos combatentes, e a presença nos quartéis de bandeiras e símbolos do III Reich, ao mesmo tempo que o racismo e a ideologia neonazi ganha terreno no seio da tropa.

A 18 de Maio de 1993, o diário «Augsburger Allgemein» noticia que «seis soldados Gebirgsjäger em viagem no comboio para o quartel em Bad Reichenhall faziam a saudação nazi e gritavam Vitória! Heil! Depois de Munique e sempre a gritarem expressões hitlerianas atacaram um estrangeiro deficiente ferindo-o». Em vários vídeos chegados ao conhecimento da opinião pública, os «Gebirgsjäger» continuam a treinar-se militarmente com atitudes racistas, assassínios simulados, e outros actos violentos. Em Maio de 1997, o major-general Jung, comandante da unidade, presta homenagem à «nossa tropa que hoje na Bósnia se encontra na linha da frente» cumprindo a sua missão e que já durante a segunda guerra mundial «se sacrificara pela pátria».

Só durante o ano de 1997 foram assinalados oficialmente 177 casos de comportamentos fascistas na Bundeswehr envolvendo 229 soldados, sargentos e oficiais a tal ponto que os capelães militares católicos reunidos em Freisingen vêm-se obrigados a tomar posição através do seu porta-voz Harald Oberhem o qual esclarece que «a preparação da Bundeswehr com vista a intervenções militares no estrangeiro são a causa do avanço da extrema-direita na tropa. A intervenção militar modifica a consciência dos soldados e atrai para o exército um outro tipo de elementos. A ideologia de direita não é uma doença que ataca a tropa em missão no estrangeiro mas desenvolve-se particularmente com a sua preparação. Soldados que se preparam para forças de reacção em situações de crise e que durante dias exercitam essas situações de combate identificam-se rapidamente com combatentes da Wehrmacht como os seus avós». Um porta-voz do Ministério da Defesa afirma que tais posições são absurdas (Westfälische Rundschau - Nachrichtendienst de 11 de Novembro de 1997). O próprio chanceler Kohl que já antes da unificação juntamente com o presidente americano Ronald Reagan prestara homenagem no cemitério de Bitburgo aos mortos da tropa especial de Hitler, a terrível SS, volta a escandalizar os meios diplomáticos nas comemorações do cinquentenário do fim da guerra no Arco do Triunfo em Paris convencendo o seu amigo Mitterrand a retirar da lista de convidados do Governo francês resistentes comunistas alemães de origem judaica, como Peter Gingold, perseguido há várias gerações, substituindo-os por figuras como o filho do general hitleriano Rommel, presidente da câmara de Stuttgart.

A expansão para o Leste - Kaliningrad

Em Setembro de 1990, as «marxistischen Blätter» (Essen) constatam que o presidente do Conselho Fiscal do Deutsche Bank, Christians, mostra interesse na compra de solo soviético. Christians pretende fazer de Königsberg/Kaliningrad uma zona económica especial, um centro de comércio que não fique na dependência da União Soviética. Simultaneamente os alemães da região do Volga devem ser motivados a fixarem-se ali. O plano do homem do Deutsche Bank contou com o apoio não só do Governo alemão mas de uma série de organizações de extrema-direita assim como da Bundeswehr. A partir de Junho de 1993 no jornal da Bundeswehr «Information für die Truppe» pede-

-se apoio para a defesa da influência alemã (Deutschtum) em Königsberg/Kaliningrad. O neonazi Manfred Roeder, já condenado por assassinio de estrangeiros e propaganda fascista e terrorista, foi convidado a proferir uma conferência na Academia da Bundeswehr sobre a ajuda humanitária aos alemães de Königsberger. Viaturas militares são postas à disposição da «Hilf für Königsberg», uma associação apoiada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros (Kinkel), do Interior (Kantner) e da Defesa (Ruhe).

O professor Werner Kaltefleiter, director do Instituto para a Política de Defesa da Universidade de Kiel, escrevia no diário «Die Welt» (6.8.1997) uma tomada de posição intitulada «Moscou tem de restituir Königsberg»: referindo-se ao alargamento da NATO para o Leste, Kaltefleiter defende que «o problema reside no enclave russo de Königsberg. Aqui não faz sentido procurar soluções diplomáticas. A lógica geopolítica exige uma decisão clara. Uma vez que na história os corredores nunca funcionaram, só existe uma solução adequada. Mesmo tendo em conta que se trata do único porto marítimo russo com acesso ao Báltico, a estabilidade só será restabelecida na região quando aquela presa da segunda guerra mundial for devolvida e integrada no sistema de Estados Bálticos. Mas protecção eficaz para o Báltico só será atingida quando, à semelhança de Berlim Ocidental, as tropas da NATO pelo menos simbolicamente forem ali estacionadas e uma ligação directa através da Polónia com a região nuclear da NATO for estabelecida».

De 19 a 21 de Junho último realizou-se em Hamburgo um seminário sobre política de segurança para referentes de partidos políticos e assistentes de deputados do Bundestag onde intervieram generais da Bundeswehr e da NATO. A participante do PDS, Sybille Neumann, escreve na edição de Agosto do órgão do partido «Disput» que «no fundo tratou-se de interesses económicos legítimos no mundo inteiro, do acesso a matérias-primas indispensáveis, mercados...».

Mas foi interessante constatar que «o antigo mito da ameaça do Leste que se imaginava já estar ultrapassado continua a determinar de forma decisiva a maneira de pensar dos militares. Nenhum dos comandantes militares acha hoje absurda a possibilidade de uma confrontação militar com a Rússia, numa situação em que o país está a braços com a sobrevivência económica e em que tecnologicamente se encontra muito abaixo do nível dos Estados Unidos e da NATO».



• Manoel
de
Lencastre

No 60.º aniversário do abandono de Paris



Hitler
faz a visita
da derrota
de Paris

França perplexa e triste capitulou

A queda de Paris para as tropas hitlerianas deu-se a 14 de Junho de 1940. Foi um assombroso acontecimento. Perplexo, em lágrimas, ficou o mundo que via na França o país de onde irradiava a luz da liberdade; ninguém queria acreditar que a Pátria da gloriosa revolução de 1789, que sofrera mas vencera na 1.ª Guerra Mundial, tombava aos pés de Adolf Hitler e da nova «civilização» que se propunha – de brutalidade, violência e morte. Mas, as palavras do general Weygand, nomeado generalíssimo dos exércitos franceses na véspera da tomada de Amiens pelos nazis só podiam prenunciar o pior: «Para salvar a honra da França, é preciso salvar a honra do exército a fim de que a ordem seja preservada.»

Caça aos Comunistas

O armistício foi assinado em Rethondes a 22 de Junho e entrou em vigor a 25. A França sentiu, então, uma falsa impressão de alívio. A guerra fora rápida e desviava-se para outros lugares. Segredava-se que o Führer atacaria a Grã-Bretanha, depois a URSS e, por fim os Estados Unidos. Começaria o Reich de 1000 anos. Por isso, a repressão contra os comunistas começara muito antes. O PCF fora posto à margem da lei, a 26 de Setembro de 1939. O 3.º tribunal militar de Paris, presidido pelo coronel-polícia Gafajoli, começara a ordenar a prisão de comunistas logo a seguir. No momento do armistício já jaziam nas prisões e nos campos de concentração

mais de 20 000 camaradas. Julho de 1940 foi um mês terrível. Os comunistas, inevitavelmente, estavam na defensiva. Os nazis proibiram as greves e os aumentos de salários, delitos que, a verificarem-se, seriam julgados em tribunais militares. «L'Humanité» clandestino tem a coragem de gritar, a 4 de Julho: «Abaixo o capitalismo!». O traidor entre todos os traidores, Laval, prepara a Constituição da França de Vichy. O PCF faz distribuir um apelo assinado pelos seus principais dirigentes, Maurice Thorez e Jacques Duclos. Nesse apelo, rejeita-se a atmosfera de submissão às circunstâncias e mostra-se ao país o caminho da luta. Os comunistas prepa-

ram-se para a ofensiva. E, já no Outono, as O.S. (Organizações Especiais de Combate do Partido Comunista Francês) entravam em acção. A entrevista Hitler-Pétain, em Montoire, enojou os franceses dignos desse nome. A dissolução de todos os sindicatos operários revoltou, ainda mais, o povo trabalhador.

A 23 de Novembro, o ideólogo nazi, Rosenberg, pronuncia a apologia dos princípios do «Mein Kampf» numa conferência intitulada «Sangue e Oiro» em plena Assembleia Nacional francesa. A Alsácia e a Lorena foram anexadas ao III Reich. Foi terrível o ano de 1940? O de 1941 sê-lo-ia mais.

A 12 de Junho, Pétain e Weygand estão no seio do governo francês. A 13, Paris é declarada cidade aberta. A 14, os parisienses assistem à entrada dos hitlerianos na sua cidade e, logo a seguir, o governo de Paul Reynaud foge para Bordéus. A França não demonstrava vontade de lutar para defender-se e salvar, de facto, a sua honra. Infiltrados no governo, agentes nazis só falavam no armistício. Aos capitalistas franceses, a guerra não interessava. O seu interesse, a sua estratégia, apontavam no sentido da continuidade da exploração, da acumulação de mais-valias, da realização de lucros, da construção de pirâmides de oiro. Para que essa função prosseguisse, era-lhes indiferente que o poder estivesse em mãos francesas ou nas de Hitler. O capitalismo não percebe a noção de Pátria porque não a possui. O seu papel consiste em explorar, explorar, explorar...

Outros, evidentemente, viam a catástrofe do seu país de maneira diferente. Já a 6 de Junho o Partido Comunista Francês, na clandestinidade – que sendo opositor à política dos governos Daladier e Reynaud era considerado traidor –, apresentava ao governo por intermédio de Georges Politzer (então mobilizado na Escola Militar) um plano de salvação da França que previa: 1.º transformar o carácter da guerra e fazê-la como guerra nacional pela independência e pela liberdade; 2.º libertar os deputados e os militantes comunistas encarcerados assim como as dezenas de milhar de operários internados por terem agido em defesa do seu país; 3.º prender, imediatamente, os agentes do inimigo que se movimentavam nas câmaras do parlamento, nos ministérios, no próprio Estado-Maior, e aplicar-lhes um exemplar castigo; 4.º armar o povo e fazer de Paris uma cidade inexpugnável.



THOREZ MAURICE

né le 28 Avril 1900 à Noyelles Godault (S. & C.)

Dernier domicile connu:
20, rue du Parc à Dzy

Ex-député communiste.
Ex-secrétaire général
du Parti Communiste français.
Est l'un des trois membres de
l'Exécutif de l'organisation illégale



DUCLOS JACQUES

né le 2 octobre 1896 à Louey (H. Pyrénées)

Dernier domicile connu:
22, avenue du Président Wilson à Montreuil

ex-député communiste de la Seine
ex-vice-président de la Chambre des Députés
ex-secrétaire du Parti Communiste français
est l'un des trois membres de l'Exécutif
de l'organisation illégale



FRACHON BENOIT

né le 13 Mai 1895 à Le Chambon-Feuillades (Loire)

Dernier domicile connu:
10, rue Racine à Montreuil

ex-membre du Comité Central du Parti Communiste
ex-secrétaire de la C. G. S.
est l'un des trois membres de l'Exécutif
de l'organisation illégale



«Maries de France»

Os gritos de Adolf Hitler ecoavam em todo o mundo: «Gott mit uns!» (Deus está connosco!) Enquanto isso, as O.S. e as Juventudes Comunistas alargam as suas actividades. A sua luta não é só contra os ocupantes nazis e os traidores de Vichy. É contra o capitalismo. E num manifesto, afirmam: «Jovens franceses! Os capitalistas têm a traição na pele. Mostraram-no em 1815 quando se sentaram à mesa com os "Aliados" que ocuparam a França; mostraram-no em 1871 quando se colocaram sob a protecção de Bismark para poderem defender os seus cofres fortes e abater a Comuna de Paris.»

As mulheres francesas juntam-se, gradualmente, à luta do PCF. Do primeiro comboio de mulheres deportadas para Auschwitz fazem parte: Danielle Casanova, Marie Claude Vaillant Couturier, Jacqueline Quatre Maire, Rose Blanc (Rosette). Para elas e para todas as que, formando legiões, aderiram ao Partido e se inspiravam no combate patriótico, Aragon escreveu magníficos versos:

*Je vous salue Maries de France aux cent visages...
Il en est parmi vous que des hommes attendent,
Qui tremble de savoir le mal qu'on vous a fait
Et de ne retrouver de vous que la légende.*

Números da repressão contra os comunistas publicados pela Gestapo: 24.01.41 – 1250 presos; 10.02 – 1647; 07.03 – 1778; 09.04 – 2098. Trata-se de números que os falsificadores da história da Resistência tendem a olvidar para justificação da tese insustentável de que os comunistas nada tinham feito antes da invasão hitleriana da URSS. Os comunistas estavam no interior das prisões em toda a França!

Notamos um relatório da Gestapo datado de 30 de Setembro de 1940: «Para pôr fim ao novo crescimento da propaganda em Paris, a polícia parisiense aplicará medidas preventivas que consistem na prisão e no internamento em campos de concentração de todos os dirigentes activos e militantes do PCF conhecidos em Paris.» Foi no seguimento desta directiva que se verificou a vaga de prisões de 5 de Outubro de 1940.

A Resistência saiu do exemplo dos mártires

*A nossa estrada está rodeada de sepulturas,
mas leva-nos a um mundo de justiça!*
(Jean Jaurès)

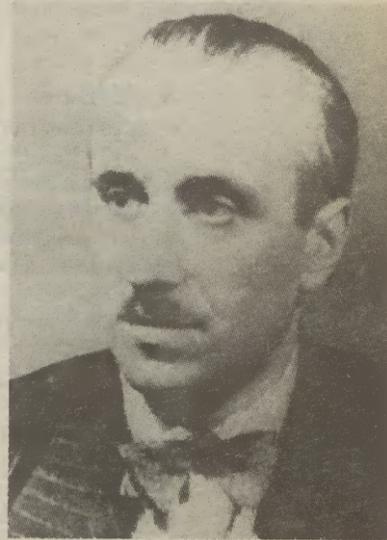
*As circunstâncias só são difíceis
para os que recuam diante do túmulo*
(Saint-Just)

Enquanto a onda de fuzilamentos dos patriotas cresce, as O.S. e as Juventudes Comunistas aumentam a sua acção e os seus efectivos. Em breve surgiram os TFPF (Franc-Tireurs Partisans Français) comandados pelo lendário Pierre Georges (coronel Fabien). «L'Humanité», cada vez mais confiante e aguerrido, ergue a sua voz: «As mulheres de Paris vão desfilar diante do Muro dos Federados onde depositarão flores. Elas são herdeiras das gloriosas combatentes da Comuna de Paris. O povo marchará em peregrinação ao cemitério do Père Lachaise, punhos cerrados, em cólera, pensando nos presos, nos fuzilados, nos deportados, mas também com a esperança de que o nosso Partido Comunista salvará a Pátria. Abaixo os capitalistas e os traidores! A França está oprimida, humilhada, privada de todos os seus direitos; mas os plutocratas alemães e franceses, os Krupp, os Schmeider, os Siemens, os Lehideux alimentam o mesmo ódio de sempre contra a Comuna cujo imperecível exemplo vive no coração de todos os trabalhadores!»

A 26 de Maio, de 1941, cantando a «Internacional», mais de 100 000 mineiros abandonam o trabalho. A 5 de Junho, o general nazi Nichoff anuncia diversas medidas repressivas e faz condenações a trabalhos forçados. Apresentam-se nas regiões em greve, autometralhadoras e tanques nazis. A «Feldgendarmerie» e a Gestapo realizam centenas de prisões. De Paris, o chefe do Estado Maior da «Wehrmacht», Hans Speidel, ordena que sejam retirados aos mineiros os seus cartões de alimentação.

Mas o povo já não consente intimidações! A França acorda de um breve mas triste período de estupefacção. Vai surgir ela própria impulsionada pelas iniciativas e pelos apelos do Partido Comunista e pelo exemplo dos seus heróicos militantes, na luta internacional antinazi. A Resistência, a nível do todo nacional, erguer-se-á e viverá horas de intenso heroísmo até ao último dia da ocupação hitleriana.

Cartas para vacilantes e descrentes



Gabriel Péri, jornalista e membro do Comité Central do Partido Comunista Francês, estava em perigo nas mãos da Gestapo. Heroicamente, recusara as ofertas feitas pelo agente Camille Fegi para trair o seu Partido e, assim, salvar a vida. Foi assassinado a 15 de Dezembro de 1941.

Nunca os seus restos mortais puderam ser encontrados. Entretanto, este herói imortal do PCF, escreveu estas linhas que consideramos um exemplo da mais tranquila coragem, antes de morrer:

«Mantenho-me fiel aos ideais de toda a minha vida. Que os meus compatriotas saibam que vou morrer para que viva a França. Fiz, por uma última vez, um exame de consciência. É positivo. Se tivesse de recomeçar a viver, percorreria a mesma via. Tinha razão Paul Vaillant Couturier ao dizer que o comunismo é a juventude do mundo e que prepara os dias de amanhã, cantando. Vou preparar-me desde já para o amanhã, cantando. Sinto-me forte para enfrentar a morte. Adeus! Viva a França!»

No mesmo dia em que Péri foi fuzilado em Paris, Lucien Sampaix, secretário-geral de «L'Humanité», era fuzilado em Caen. Também Pierre Rebiere, membro do Comité Central, preso em Dezembro de 1941, seria fuzilado em Issy-les-Moulineaux, a 5 de Outubro do ano seguinte. Numa carta escrita antes do fuzilamento, disse: «Compreendo muito bem que vai abrir-se um período de luta cujas formas novas deixarão muitos atónitos. É preciso ter coragem. A quem perguntar por mim, digam que fui deitar-me e adormeci. Só parto com um desgosto – vamos continuar a bater-nos mas já não estarei presente. Fui dormir.»

Horas de perplexidade e tristeza caíram sobre a França. Milhares de pessoas enchiam estradas e caminhos em direcção ao Sul. Os «Stukas», em voos rasantes, metralhavam gente indefesa. A capital francesa esvaziava-se, lentamente. Era a Pátria que ajoelhava sem ser capaz de recordar os dias gigantescos da Comuna em 1871. Mas o povo francês não compreendia a capitulação proposta pelos seus governantes que diziam defender a paz. A 16 de Junho, o governo de Reynaud demite-se e abre o caminho a Pétain. Este declara pela rádio que «é preciso cessar a luta». Dois dias depois, as negociações com os nazis para realização do armistício começam. Mas, nesse mesmo dia, surge o apelo do general de Gaulle realizado em Londres.

Na verdade, de Gaulle, ao contrário do que é costume salientar-se, não se dirigiu ao povo francês. As suas palavras foram estas: «Eu, o general de Gaulle, actualmente em Londres, convido os oficiais e soldados franceses que se encontram em território britânico ou que nele venham encontrar-se, com armas ou sem elas, convido os engenheiros e os operários especialistas das indústrias de armamento que se encontrem ou venham a aparecer em território britânico, a porem-se em contacto comigo.»

Como se verifica, este apelo não continha a celebre frase: «A França perdeu a batalha! A França não perdeu a guerra!» Esta fórmula só mais tarde, em Julho, seria posta a circular em Londres. De Gaulle conseguira fugir para a capital britânica a 17 de Junho com o general Spears no mesmo avião que o levava a Bordéus para discutir um projecto de união com a Grã-Bretanha apoiado por Churchill e preparado pelo embaixador da França, Corbier, e por Jean Monnet, e Sir Robert Vansittart.

Em 20 de Outubro de 1992, o Governo do PSD, através do seu ministro da Administração Interna Dias Loureiro, dava início (perante a Assembleia da República) a uma profunda reestruturação na área da Segurança Interna, que veio alterar os conceitos e filosofia adjacente às formas, métodos e finalidade da actividade policial e operou um autêntico «terramoto» no dispositivo territorial das forças de segurança.

Uma «reforma», que se integrava numa visão autoritária do Estado e que conceptualizava as próprias forças de segurança como mero instrumento repressivo, ao serviço do Governo e das classes que o sustentavam.

Uma política irracional e insensata que mereceu o apoio de toda a direita e o beneplácito de parte significativa da alta hierarquia das próprias forças de segurança e que teve como consequências a aniquilação do policiamento de proximidade e preventivo, a desarticulação do dispositivo policial, o afastamento da polícia dos cidadãos e a desinserção dos agentes policiais da vida e conhecimento das comunidades e da própria realidade criminal.

O resultado desta política é conhecido. Os índices de criminalidade violenta dispararam em flecha, agravando o clima de insegurança



• José Martins

Segurança Interna

A direita, o Governo e a realidade

até níveis bastante altos e motivando que vastíssimos sectores da sociedade se mobilizassem na condenação e combate do «modelo de segurança» do PSD.

A segurança e as propostas da direita

Lembrar o que foi a política do PSD e as gravíssimas responsabilidades que a direita no seu conjunto tem tido na gestão e direcção política desta importante área do Estado, é pôr em evidência as suas reais e verdadeiras intenções e contribuir para desmascarar a sua hipocrisia e cinismo, quando hoje, a pretexto do aumento da criminalidade, se arvoram em «paladinos» da segurança das populações e dos direitos dos agentes das forças de segurança.

Os partidos de direita, sempre que estiveram no poder, utilizaram esta importante área para fomentar o sentimento de insegurança das populações, para transformar a força de segurança pública em repressão das lutas sociais e para espezinhar a dignidade e os direitos dos agentes das forças de segurança.

É paradigmático do comportamento reaccionário deste partidos, tanto o **atestado de menoridade** que atribuem aos agentes da PSP, por sistemática e irracionalmente lhes recusarem o exercício de direitos sindicais, como ao persistirem na atribuição da «**condição militar**» aos agentes da GNR, sabendo que estão a impedir de forma perversa a aquisição dos mais elementares direitos e a afirmação de um estatuto de plena cidadania; ou quando se aproveitam de um surto da actividade delituosa e criminosa (que é sempre preocupante), para irresponsavelmente fomentarem o medo e o isolamento, as desconfianças, o racismo e a xenofobia, para empurrarem as pessoas a renunciarem aos seus direitos e liberdades a favor da apelativa e enganosa «autoridade do Estado» ou do ilusório «combate à insegurança».

A política de segurança do Governo

Foi a evidência dos resultados desastrosos da «política de segurança» do PSD e da direita em geral que, somada à vontade e determinação das populações no sentido ine-

quívoco do regresso a uma política de segurança assente na proximidade e visibilidade, obrigou o Partido Socialista a assumir compromissos nessa direcção.

Mas 5 anos de Governo socialista começaram a mostrar, de forma concludente, a real incapacidade e falta de vontade política para pôr de pé uma verdadeira «política de segurança de proximidade».

Efectivamente, e após 3 ministros do PS se terem ocupado da pasta da Administração Interna, não são conhecidos estudos sustentados e fundamentados, subjacentes à implementação de uma orientação estratégica nesta direcção.

São conhecidos alguns programas com relevância na vertente «polícia de proximidade» a até a realização de um Seminário subordinado a este tema, mas... as boas intenções ficaram-se por aqui!

Os sinais contrários a uma «política de segurança de proximidade» avolumam-se e ganham peso, e, esses sim, contribuem para o clima de insegurança que atravessa o país.

Para esta situação, pesa decisivamente uma grave confusão entre aquilo que é «política de segurança de proximidade» e «polícia de proximidade».

E, ao que tudo indica, o próprio responsável máximo pela implementação desta orientação — o ministro, além da sua já conhecida insuficiente atenção à área, também já demonstrou que o emprego de um e outro conceito é «igual ao litro» e a utilização de uma ou outra expressão é tão correcta como a expressão «meia bola e força».

Uma verdadeira política de segurança de proximidade

É que «a política de segurança de proximidade» representa um quadro mais vasto e complexo de intervenção, que não se limita apenas a aspectos imediatistas de «medidas de polícia», mas tem que reflectir obrigatoriamente e integralmente a crescente valorização dos aspectos económicos, sociais e culturais das comunidades, uma orientação estratégica de proximidade e visibilidade para as polícias.

Programa integrado e polivalente de âmbito nacional — é disso que se trata —, cuja implementação e eficácia, exigiria os esforços conjugados de vários ministérios, das

autarquias, de especialistas e instituições e obviamente as próprias populações visadas; programa que no terreno promovesse a dinamização das políticas sociais e sanitárias, o apoio psicológico, a habitação condigna, o pleno emprego e ocupação dos tempos livres, integração das minorias étnicas e respeito pelas suas tradições e raízes culturais, uma política nacional de legalização dos emigrantes, de remuneração justa do trabalho e reagrupamento familiar, de creches e infantários e de Postos de Polícia residencial integrados nas comunidades, empenhado nos Conselhos Municipais de Segurança das Populações actuando preventiva e eficazmente para a segurança e tranquilidade pública e assim merecedora da confiança e respeito dos cidadãos.

Um programa e uma política que o PCP há muito vem preconizando e reclamando dos vários governos, sendo, sem sombra de dúvidas, o Partido com mais intervenção nesta matéria e que levou a que o seu importante projecto de Conselhos Municipais de Segurança fosse aprovado pela Assembleia da República.

No fundo, exigências de combate às causas geradoras de marginalidade e criminalidade que o Governo de Partido Socialista não está em condições de satisfazer, devido à sua política neoliberal fomentadora de desigualdades e injustiças sociais, marginalidade e exclusão, pobreza e miséria.

A realidade em matéria de segurança

É esta realidade, de bairros degradados e miséria, da sopa dos pobres e mendicidade, que este Governo dito socialista favorece e que estimula objectivamente levando à criação e alargamento de autênticas «bolsas de pobreza» que acumulam um enorme potencial explosivo, que naturalmente se manifesta contra todas as formas de organização social e da própria autoridade.

Neste quadro sombrio e negro, como pode ser eficaz a actuação policial?

A própria orientação de «polícia de proximidade» é prejudicada na sua eficácia e desacreditada, fundamentalmente pela falta de visão estratégica do ministro e do Governo na condução da área de Segurança Interna e da política mais geral, e pela ausência

de medidas práticas que alterem radicalmente o quadro em que funcionam e actuam as próprias forças de segurança.

E algumas das hierarquias das forças de segurança, que apoiaram fervorosamente a política de segurança do PSD, das «Superesquadras» e de cariz autoritário e repressivo, por certo não estarão estimuladas e empenhadas em favorecer (hoje) uma «política de proximidade», em parceria com os cidadãos e de carácter preventivo...

Senão, como se compreende que:

— As forças de segurança, que gastam mais de 200 milhões de contos e contam com um efectivo de 46 mil agentes, somente cerca de 22 mil estejam a exercer funções ligadas à Segurança Pública, o que na realidade dá uma média de 183 agentes para 100 mil habitantes, menos de metade do que no resto da Europa?

— Os agentes das forças de segurança continuam a ser «moços de recados» dos Tribunais (2 milhões de notificações), em prejuízo das suas folgas e descansos e da própria missão de segurança?

— Um dos vectores essenciais da «polícia de proximidade», o «polícia de giro», não tenha aumentado e mesmo em muitos locais até tenha diminuído drasticamente, sendo substituído pelo patrulhamento realizado com o recurso sistemático aos «carros patrulhas»?

— Uma força de segurança, que deveria estar orientada para a «polícia de proximidade» e para a cidadania, tenha os seus agentes ainda obrigados a «solicitarem autorização» para fazer parte de uma colectividade ou para simplesmente participar num concurso de pesca? Acontece na GNR!

E, claro, depois temos as decisões judiciais que não dignificam a justiça, as polícias que não coordenam entre si eficazmente a sua actividade, ministros da Justiça e da Administração Interna que não se entendem, enfim... é o povo que se lixa! Resta saber até quando a sua paciência (quase) sem limites vai aguentar...

Mas, não é decerto, com este ministro para a Administração Interna que a área da segurança vai conhecer melhores dias.

Aliás, se olharmos bem, o regabofe é tanto e extensivo a todos os ministérios, que é caso para o país se questionar se valerá a pena o «santíssimo» esforço do Governo regressar de férias...

Internet

• Manuel Jorge Veloso

Ninguém é hoje capaz de negar que o «mccarthismo» ficou a marcar um período particularmente sinistro da história dos EUA.

Na realidade, jamais a classe dominante norte-americana havia aceitado de bom grado uma das realidades incontornáveis da história mundial em meados dos anos 40: o elevado impacto e prestígio junto da opinião pública internacional da decisiva contribuição que o sacrifício e a coragem do povo soviético, a capacidade de recuperação e o ânimo combatente do Exército Vermelho e a visão estratégica dos dirigentes da URSS haviam dado para o término da II Guerra Mundial e para o esmagamento definitivo do nazifascismo.

Por isso, para além da reactivação do chamado **Comité das Actividades Antiamericanas**, rapidamente foi montada uma gigantesca operação de propaganda e um processo persecutório que ficou conhecido como a «caça às bruxas», nele tendo representado um papel fundamental, como principal «opera-

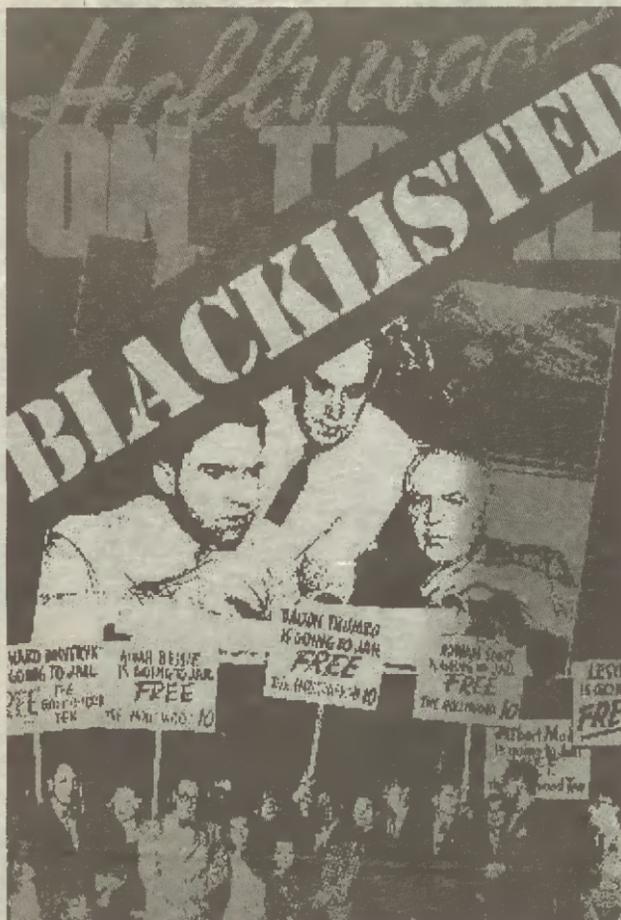
Vergonha da História

cional» no terreno, um obscuro senador do Wisconsin, **Joseph Raymond McCarthy**, cujo nome estaria na base da verdadeira paranóia anticomunista que chegou a atingir os centros de decisão executivo e legislativo.

Como é natural, não podiam deixar de polvilhar a imensa rede da **Internet** centenas e centenas de páginas e *sites* dedicados a um período tão negro, no qual o totalitarismo mais descabelado deitou as suas garras de fora. Sem quaisquer ilusões sobre o rigor ideológico subjacente a grande parte da documentação que pode ser encontrada por esta via, é indispensável entretanto a consulta de algumas peças essenciais que nos dão um enquadramento mais profundo desses tempos, muitas delas inseridas em *sites* de universidades norte-americanas.

Por exemplo «**The Age of McCarthyism: A Brief History With Documents**» é um trabalho importante (1994) de uma reputada especialista, **Ellen Schrecker**, e pode encontrar-se no *site* da **Universidade da Pensilvânia**, em www.english.upenn.edu/~afilreis/50s/schrecker-age.html.

Outro estudo altamente esclarecedor que nos dá um detalhado pano de fundo acerca do posicionamento das mais altas individualidades do Estado e da concertada estratégia de envolvimento e perseguição dos comunistas norte-americanos - e, por tabela, de inúmeros *compagnons de route*, liberais de esquerda e democratas sem partido - data de 1996 e pode encontrar-se no mesmo *site*, no



endereço www.english.upenn.edu/~afilreis/50s/theoharis.html. É da autoria de **Athan Theoharis** e intitula-se «**The Politics of Scholarship: Liberals, Anti-Communism, and McCarthyism**».

Um dos campos de acção privilegiados da senha persecutória de **McCarthy** foi o mundo da cultura, das artes, da literatura, tendo sido incluídos na célebre «lista negra» mais de 300 intelectuais e artistas em todos estes domínios. Basta visitar www.spartacus.schoolnet.co.uk/USared.htm para conhecer alguns nomes mais sonantes dessa lista. Mas dada a sua característica de «arte de massas», foi o cinema e a indústria cinematográfica de Hollywood um dos campos de acção privilegiados por **McCarthy** para a sua tara anticomunista - para tal contando com a colaboração de alguns surpreendentes «informadores» - tendo ficado tristemente célebre o processo dos chamados «**Dez de Hollywood**».

Sobre este processo, entre tantos outros documentos do mais diverso teor, coteje-se a cronologia dos factos em www.otal.umd.edu/~reccs/blacklist/time.html; ou leia-se, na íntegra, o vergonhoso depoimento de denúncia de... **Walt Disney** (!), em eserver.org/filmtv/disney-huac-testimony.txt; ou visite-se a página da **Enciclopédia Britânica** em www.britannica.com/bcom/eb/article/7/0,5716,119927+1,00.html. Mas, sobretudo, pela sua projecção nos dias de hoje e na problemática da comunicação electrónica, atente-se também no ensaio «**Cyber McCarthyism: Witch Hunts in the Living Room**» (1996), de **Richard Ling**, no *site* do **Jornal Electrónico de Sociologia**, em www.sociology.org/content/vol002.001/ling.html.

Pontos Naturais

• Mário Castrim

A festa

Um «slogan»

Subiu o barco o Tejo
e atracou.

Era um desejo?
Um voo
de alto mar?
Veio desembarcar
sua carga de estrelas
e era vê-las
então
dançar, matar
saudades do chão.

- Aqui
é que se está bem!
(ouvi
delas alguém)

Extraordinário
sim senhor
(disse eu) não há melhor
«slogan» publicitário!

Estrelas de amanhã, sábias estrelas
o que nós temos a aprender com elas!

Lá

Atalaia
essa
harmonia
de ser.

Beijai
a promessa
do nosso dia
a haver.

Esta é a cidade

Esta é já
a cidade
prometida.
Vem.
Ninguém
perguntará
da tua idade
da tua lida.

Nem filiação
ou naturalidade
esta é a cidade
da celebração.

Passeia à vontade
teu olhar, teus modos
esta é a cidade
de todos.

Traz teu Deus contigo
pois nesta cidade
não correrá perigo
sua eternidade.

Os teus filhos traz
sem medo. Em verdade
esta é a cidade
da paz.

Traz o teu amor
tua felicidade
para a vida em flor
esta é a cidade.

Esta é a saudade
do futuro em festa
sonho da cidade
a cidade é esta.

Cartoon

• Monginho



Cinema

Rogério Feitor

No dia 25 de Março de 1933, Fritz Lang, por essa altura já o mais famoso realizador alemão vivo, é chamado ao gabinete do actual ministro de propaganda, Joseph Goebbels. Este, depois de ter visto as obras do grande realizador, oferta-o com um posto bastante inesperado: o lugar de supervisor dos filmes do grande estúdio alemão UFA. Fritz Lang, desconfiando do convite, diz que parentes da sua mãe são Judeus, ao que Goebbels responde que é ele quem vê quem são os Judeus. Fritz pede tempo para pensar. Nessa mesma noite, este homem de um valerosíssimo carácter e soberba dignidade, coloca numa mala tudo o que pode e rumo a Paris, deixando para trás a sua esposa de tendências arianas, Thea von Harbou, que toma o lugar que tinham oferecido ao seu marido como supervisora dos filmes de propaganda nazi. E assim nasceu um mito.

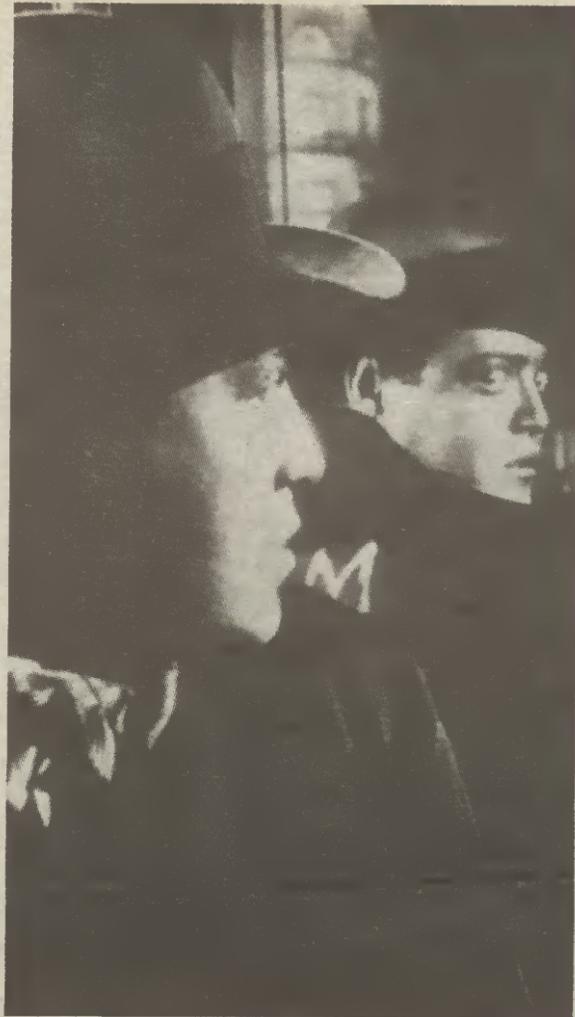
Fúria

O seu último filme na Alemanha tinha sido «Matou!», provavelmente o seu melhor filme, como o próprio confessa em «O Desprezo» de Godard. O

O carácter e a dignidade humana

filme, o primeiro sonoro da sua carreira, narra a história de um assassino de crianças que coloca os habitantes de uma cidade em polvorosa, já que a polícia não vislumbra qual a identidade deste tenebroso assassino. Assim, habitantes, polícias e criminosos fazem um pacto com o objectivo de apanhar este criminoso o mais rapidamente possível. Numa cena antológica, o assassino é reconhecido por uma melodia que constantemente assobia. E os criminosos são os primeiros a apanhá-lo, fazendo rapidamente um julgamento popular com o único propósito de o linchar. Mestre do Expressionismo alemão (juntamente com Murnau), Fritz Lang termina o filme com a vitória da Justiça Humana e Moral, já que a Polícia consegue chegar a tempo ao tribunal popular, evitando o mais que possível linchamento.

Em Junho de 1934 chega aos Estados Unidos, realizando o seu primeiro filme neste país em 1936, intitulado «Fúria». Baseado num seu argumento, a história do filme centra-se em torno da personagem de Spencer Tracy que, ao atravessar o país para ir ao encontro de sua noiva, é, numa pequena vila norte-americana, confundido com um assassino em série e levado para a prisão. Aos habitantes desta vila chega o conhecimento deste facto, que, depois muitas bebidas e incitamentos individuais de alguns mais alcoolizados, decidem linchá-lo. O objectivo parece ser conseguido quando pegam fogo à prisão (o fogo como elemento purificador, diriam os mais afoitos à análise cinematográfica). Mas Tracy consegue fugir, sem que ninguém o veja, e providencia algumas provas para que os responsáveis sejam julgados e devidamente condenados. Mas Fritz Lang, como que inspirado pela deusa da misericórdia de Mizoguchi, obriga Spencer Tracy a aparecer no tribunal, provando que afi-



nal estava vivo, e ilibando todos os responsáveis pela tentativa do seu linchamento. A diferença entre os Homens e os Outros.

A justiça do Homem

Em Manhattan, Nova Iorque, está agora patente uma exposição fotográfica sobre o linchamento na História dos Estados Unidos. Aí são-nos descritos factos soturnos da História recente dos Estados Unidos, tais como a difusão de postais com as fotografias dos linchadores e das suas vítimas, como orgulho nacional e racial, a abrangência das vítimas, que iam desde homens a mulheres e crianças, tendo como único ponto em comum o facto de quase todos serem negros, as histórias que envergonhariam qualquer resquício humano que possa existir nesses indivíduos, tais como o enforcamento, em 1911, de Laura Nelson e o seu filho de 14 anos, de quem partira em defesa.

Na Inglaterra, jornais difundem listas de nomes e fotografias de indivíduos que foram julgados pelo crime de pedofilia. As consequências: pessoas expulsas dos seus bairros, apedrejadas, até suicídios. No entanto, a difusão continua, agora até por mais jornais, sedentos do previsível aumento de vendas. Na Áustria, o ministro da Justiça, do partido do infelizmente famoso Sr. Haider, quer difundir uma lista, em nome da justiça, dos nomes dos indivíduos condenados pelo crime de pedofilia para que a população saiba quem eles são.

Infelizmente, tudo isto não se passa em nenhum filme realizado por Fritz Lang. Os nossos destinos não estão vinculados a qualquer um demiurgo, mas sim a nós próprios. E se o pessimismo é a única certeza do amanhã, a Esperança é o que nos resta para que possamos ajuizar todos estes sinais como uma porta aberta de um mundo melhor que nos espera. Está tudo nas nossas mãos.

Pontos Cardeais

Activo

Basílio Horta, candidato do CDS/PP à Presidência da República, resolveu criticar a actuação de Jorge Sampaio no cargo afirmando que este «não pode continuar numa posição de completa irresponsabilização» perante a possibilidade de uma crise política motivada pelo «chumbo» do OE no Parlamento, acrescentando que ou Sampaio «intervém agora ou não intervém nunca e só serve para jantares e jogar golfe na Quinta do Lago».

Estas afirmações revelam, em primeiro lugar, que Basílio Horta se candidatou ao mais alto cargo do País sem fazer a mínima ideia das competências e limites constitucionais da função presidencial. Como não queremos que o homem se despenhe tão desamparadamente em figuras tristes, informamo-lo, para seu governo de «presidenciável», que a condução da política interna e externa do país é, constitucionalmente, da exclusiva responsabilidade do Governo. Irresponsável seria Sampaio se, como quer Basílio, se misturasse no processo do Orçamento de Estado. Perante isto, Basílio Horta apenas evidencia uma qualidade para o cargo de Presidente da República a que se candidatou, de resto por si próprio assinalada como requisito para o desempenho do cargo de mais alto magistrado da Nação: a de participar em jantaradas e jogar golfe em todas as Quintas. Nisso, é Basílio notoriamente um especialista.

Empréstimos

Original é também a proposta do CDS/PP em relação aos livros escolares. Segundo um projecto de lei do partido de Portas e Basílio, o Estado deverá subsidiar com empréstimos bonificados, no início de cada ano lectivo, todas as famílias com rendimentos ilíquidos não superiores a 300 contos – a maioria esmagadora da população – empréstimos que vão de um mínimo de 60 contos por um filho em idade escolar e sobem por aí fora à média de mais 30 contos por cada um dos outros filhos. Fazendo contos por alto e tomando como base o mínimo de um milhão de pedidos de empréstimo deste jaez, o Estado teria de disponibilizar

à cabeça de cada início de ano lectivo qualquer coisa como 60 milhões de contos só para despesas escolares, com o pormenor de que as respectivas famílias teriam de carregar mais uma dívida sobre o tal endividamento das famílias que tanto «preocupa» o CDS/PP. E afirmam-se estas criaturas em condições de «governar Portugal»...

Até parece...

Os cerca de 100 manifestantes vindos de autocarro do Norte do país para Barrancos, à boleia de uma providência cautelar também sempre produzida no Norte pelo que já parece um clube de amigos, assentaram arraiais nas imediações da vila e surpreenderam com o teor dos protestos exibidos: a par da defesa do touro, a quem chamavam «irmão» e para quem pediam que o deixassem «morrer em paz», substituíram os insultos de anos anteriores aos «bárbaros de Barrancos» com diversas reivindicações para... Barrancos, nomeadamente «melhor saúde, Internet à borla, mais médicos, melhores escolas, computadores e um pavilhão desportivo». Com típica mordacidade alentejana, uma barranquenha ouvida pelos jornalistas afirmou, fulminante, com um sorriso no rosto: «Olha, olha! Agora até parece que querem mudar a capital aqui para Barrancos!»

Modernos

Albergaria-a-Velha e Santo Tirso têm duas novas escolas, razão suficiente para António Guterres e uma luzida comitiva se deslocarem aos locais de inauguração com toda a Comunicação Social atrás. Firme na sua «política do oásis», Guterres aproveitou para dizer que «em 2006 teremos o parque escolar mais moderno da Europa», acrescentando que «estamos no ciclo do rigor». Para o ilustrar, citou o «incidente» de Guimarães onde o Governo, cheio de rigor, se limitou a obrigar os faltosos aos exames por via de atestados médicos fraudulentos a repetir as provas em Setembro, enquanto deixou passar em branco o comportamento dos profissionais de Saúde que consumaram a fraude.

Tão «moderno» que é o Governo PS... De uma modernice que cheira a bafio.

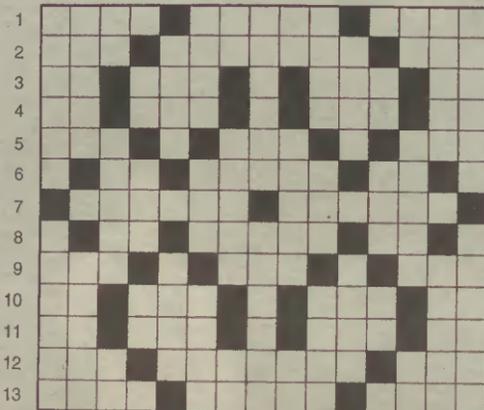
Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 – Planta gramínea; cesto de juncos de diferentes formas, geralmente com tampa e asas; vestimenta que os antigos usavam sobre a armadura. 2 – Estípite; cabelo desgredado (pl.); o tio americano. 3 – Lanhão (s.q.); grande extensão de água salgada; braço de rio; a parte mais larga dos membros dianteiros das reses. 4 – Prefixo que exprime a ideia de privação, separação; época; arco de cabaz; existes. 5 – Chefe etíope; ensejo; três romanos. 6 – A minha pessoa; parte superior do capitel da coluna em todas as ordens (arquit.); suf. de agente. 7 – Corsário; desbastar. 8 – Basta; cingira com nó; prefixo que designa direcção, movimento, junção, fim. 9 – Pron. pess. feminino; a primeira mulher; interj. Deus te salve. 10 – Nota musical; ribeira portuguesa; mãe do pai ou da mãe em relação aos netos; preposição. 11 – Astatino (s.q.); repetição de um som; articulação das falanges dos dedos (pl.); concede gratuitamente. 12 – Gracejas; fricção entre dois corpos duros e ásperos (pl.); conjunto de duas pessoas. 13 – Medida de uma superfície; levantai as abas de; cessa o movimento.

VERTICAIS: 1 – Combinara; descascara. 2 – Nasce; gritar (fig.). 3 – Neon (s.q.); doutrina ou sistema que se afasta da crença geral episcopal ou patriarcal. 4 – Pron. pess. reflexo; larva que se cria nas feridas dos animais; Selénio (s.q.). 5 – Mamífero americano da família dos roedores; lura de coelhos e de outros animais. 6 – Membrana mole na base do bico de certas aves; fruto da azeitona; itinerário. 7 – Outra coisa (ant.); corte (de árvores); Rubídio (s.q.). 8 – Qualidade do que é belo; dano ou prejuízo causado a uma embarcação ou às pessoas ou mercadorias que transporta. 9 – Prefixo que exprime a ideia de privação, separação; escavara; flauta chinesa de bambu com doze orifícios. 10 – Nome de mulher; espécie de capa sem mangas, usada por irmandades e confrarias em actos solenes; idades. 11 – Jufzo; eternidades. 12 – Rio costeiro de França; profere orações; Osmio (s.q.). 13 – Aqueles; enfurecida; rapaz (pop.). 14 – Cobri com tampa; cercar com muro, sebe ou valado. 15 – Indivíduo amancebado; dirigiria os reinos.

SOLUÇÃO: HORIZONTAIS: 1 – Fenoz; cabaz; cola. 2 – Ameg; melenas; Sam. 3 – Lag; mart; riq; pá. 4 – Ant; era; asa; es. 5 – Ras; azot; ill. 6 – Euz; abaco; or. 7 – Pirata; aparar. 8 – Tar; alata; ad. 9 – Elat; Evar; ave. 10 – Lat; Sor; avo; em. 11 – Ar; eco; nó; da. 12 – Rst; alrtos; par. 13 – Área; abais; para. VERTICAIS: 1 – Falata; pelar. 2 – Emarra; latir. 3 – Ne; setat; sé. 4 – Me; ur; Sar. 5 – Me; ur; Sar. 6 – Mera; loca. 7 – Car; tar; rola. 8 – Al; abate; Rb. 9 – Al; abate; Rb. 10 – Belaz; avarta. 11 – An; ocara; ll. 12 – Zar; opa; aros. 13 – Siso; evos. 14 – Ag; ora; Os. 15 – Ost; trada; pa. 16 – Tapet; vedar. 17 – Amásto; remaria.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



Xadrez

DCLXVIII – 31 DE AGOSTO DE 2000

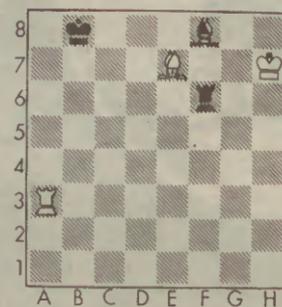
PROPOSIÇÃO N.º 2000X34

Por: Tigran B. Gorguiyev

4. Menção honrosa «6+», 1930

Pr.: [3]: Bb8 – Tt6 – Rb8

Br.: [3]: Bc7 – Ta3 – Rh7



Brancas jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2000X34

1. Tb3+; Th6!; 2. Tt6+; Rg7; 3. Bb8; Rb8; 4. Tt6+; Rg7; 5. Rg6 e.g.

A. de M. M.

Damas

DCLXVIII – 31 DE AGOSTO DE 2000

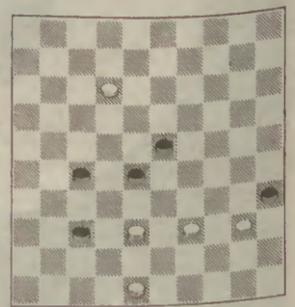
PROPOSIÇÃO N.º 2000D34

Por: G.L. Gortmans

«DAMminiatoren», 1977

Pr.: [5]: 23-27-28-35-37

Br.: [5]: 12-38-39-40-48



Brancas jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2000D34 [G.L.C.]

1. 4b-42, (35x33); 2. 42x22, (28x8); 3. 38x18 e+

A. de M. M.



1, 2 e 3 de Setembro na Atalaia
**Vamos todos
 à Festa!**



Abertura

Sexta
 às 19 horas

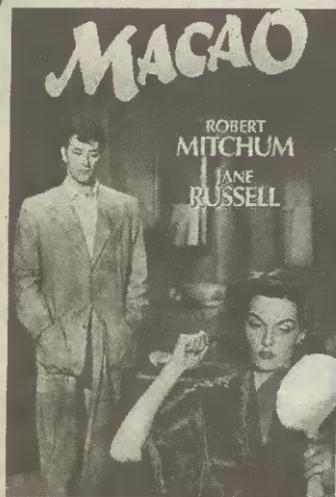
Comício

Domingo
 às 18 horas

- **José Casanova**
 director
 do «Avante!»
 e membro da
 Comissão Política
- **Elsa Paixão**
 da Comissão
 Política da JCP
- **Carlos
 Carvalhas**
 Secretário-geral
 do PCP



ATVer



Cartaz de «Macau», filme-negro de Joseph von Sternberg

O Último Mergulho

(Quinta, 00.55, RTP 2)

Episódio subordinado ao tema da «água» e encenado por João César Monteiro para a série da RTP «Os Quatro Elementos», eis uma história bem mordaz sobre a amizade nascida entre um jovem suicida, um marinheiro e três prostitutas. Um retrato *sui generis* e satírico de uma certa Lisboa, como é timbre de um cineasta que aqui surpreendemos... «como peixe na água»!

A Vida Sonhada dos Anjos

(Sexta, 23.00, RTP 2)

Filme-sensação no Festival de Cannes de 98 – com dois prémios de interpretação feminina e, ainda, galardoado com o César para o melhor filme do ano na atribuição anual dos «óscares» franceses, esta obra é um drama pleno de realismo que se debruça sobre a problemática amizade entre duas mulheres, perdidas na grande cidade – Lille. Estreia na realização (que se diz auspiciosa) do cineasta Erick Zonca e duas intensas interpretações de Elodie Bouchez e Natacha Régnier.

Macau

(Sábado, 01.45, RTP 2)

As vicissitudes que rodearam a produção deste filme, que terá começado mal e terminado pior, não ajudaram a que se tornasse propriamente um objecto fílmico amado pelo seu criador. A história envolve três personagens – um caixeiro-viajante, Trumble, uma cantora de «cabaret», Julie, e um antigo G.I., Cochran – que, primeiro, encontramos a fazer a travessia de barco entre Hong Kong e Macau e, mais tarde, num clube de jogo desta cidade dirigido por um tal Halloran. E o que depois se segue desvenda as aparências iniciais de algumas das personagens. Na realidade, o caixeiro-viajante é um polícia que procura atrair o dono do clube para fora de Macau, para o prender, mas acaba por ser morto e substituído por Cochran que, finalmente, captura Halloran e o entrega à polícia americana. Algumas cenas (ignora-se quais) foram filmadas por Nicholas Ray em substituição de Sternberg, que também não chegou a dirigir montagem. Mas nenhum deles fez penetrar no filme qualquer centelha que particularmente o recomende. Apesar de tudo, uma curiosidade.

As Pontes de Madison County

(Quarta, 23.05, RTP 1)

Eis um filme que, pela maturidade da sua escrita e pelo rigor e contenção da sua encenação, se afasta decididamente dos lugares-comuns dos vulgares melodramas do cinema, muito embora



Duas intensas interpretações de Elodie Bouchez e Natacha Régnier

Meryl Streep e Clint Eastwood, em «As Pontes de Madison County»

Um fotograma de «O Meu Guarda-Costas», de Tony Bill



jamais recuse fingir que o não é – ou não fosse o seu realizador Clint Eastwood, aqui numa demonstração inequívoca da sua profunda arte de lidar com os diálogos, a direcção de actores, a movimentação da câmara, na criação da atmosfera justa para nos contar quatro dias de intenso amor vividos entre uma dona de casa de província, conjuntamente, é um fotógrafo da National Geographic em reportagem na região. Interpretações modelares de Clint Eastwood e Meryl Streep e banda sonora excepcional congemina por Lennie Niehaus.

E ainda...

O Meu Homem, de Bertrand Blier

(Quinta, 23.00, RTP 2)

A Minha Mãe é uma Sereia, de Richard Benjamin

(Quinta, 00.25, SIC)

O Meu Guarda-Costas, de Tony Bill

(Domingo, 17.55, RTP 1)

O Descobrimento do Brasil, de Humberto Mauro

(Segunda, 23.00, RTP 2)

O Guarani, de Norma Bengell

(Terça, 23.00, RTP 2)

Cabo e Satélite

Um violinista de luxo

O canal **Peopele & Arts** está a afirmar-se como uma excelente alternativa à miséria generalizada que vai pelos canais generalistas nacionais, quase sempre constituindo um mostruário do que de mais interessante se faz no domínio do documentário televisivo. Esta semana, por exemplo, pode ver-se (e ouvir-se) um dos melhores violinistas actuais – Itzhak Perlman – cavaqueando e tocando como poucos. (Quarta, **Peopele & Arts**, das 21 às 22 horas)

Gabi – entrevistadora modelar

Saber perguntar, saber ouvir, saber fazer um «à-parté», saber, enfim (já agora!), do que se está a falar – é essa a lição que **Marília Gabriela** ensina a muitos entrevistadores e entrevistadoras das televisões portuguesas. Semanalmente, às quartas-feiras – sem dúvida com mais interesse quando o(a) entrevistado(a) dá boa luta –, é sempre aconselhável, depois do jantar, dar uma espreitadela ao **GNT**. (Quarta, **GNT**, das 22 às 23 horas)



Quinta, 31

▼ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.30 Roseira Brava
19.30 Regiões

Sexta, 1

▼ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.30 Roseira Brava
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Mr. Bean
21.50 No Limite
22.30 Companhia do Riso
01.00 24 Horas
01.25 Ciclismo: Volta a Portugal do Futuro
01.40 «Angel - A Próxima Vítima» (de George Axmith, EUA/1994, com Darlene Vogel, Shane Fraser. «Thriller»)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews; às 15.00: Volta à Espanha; às 16.30: Informação Gestual)
17.30 A Paixão dos Santos
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Hóquei em Patins: Torneio Internacional da Lourinhã
21.40 Jornal d'África
22.00 Jornal 2
23.00 «A Vida Sonhada dos Anjos» (La Vie Revêe des Anjes, de Erick Zonca, Fr./1998, com Elodie Bouchez, Natacha Régnier. Ver Destaque)
00.55 Vítimas Inocentes

20.00 Telejornal
21.00 Mr. Bean
21.45 Bacalhau com Todos
22.45 Parque Maior
00.15 24 Horas
00.40 Ciclismo: Volta a Portugal do Futuro
00.55 «Caravana para Este» (de Peter Markle, EUA/1994, com John Candy, Richard Lewis. Comédia)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews; às 15.00: Volta à Espanha; às 16.30: Informação Gestual)
17.30 Matas, Bosques e Brenhas
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Simpsons
20.25 Cidade Louca
21.00 Tempos da Ciência
22.00 Jornal 2
23.00 «O Meu Homem» (Mon Homme, de Bertrand Blier, Fr./1995, com Anouk Grinberg, Gérard Lanvin, Valeria Bruni Tedeschi. Comédia Dramática)
00.55 «O Último Mergulho» (de João César Monteiro, Port./1992, com Canto e Castro, Rita Blanco, Fabienne Babe. Ver Destaque)

▼ SIC

08.00 Buééré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 História de Amor
15.00 Walker, O Ranger do Texas
16.00 Jornalistas
17.00 Mulher
18.00 Malhação
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 Malucos do Riso
21.30 Imagens Reais
22.30 Laços de Família
23.45 Sai de Baixo
00.25 «A Minha Mãe é uma Sereia» (Mermaids, de Richard Benjamin, EUA/1990, com Cher, Winona Ryder, Bob Hoskins. Comédia Dramática)
02.50 Último Jornal
03.25 As Noites Longas da SIC: «A Memória do Jazz» (2)

▼ TVI

09.00 Animação
12.40 Os Animais Também São Gente
13.30 TVI Jornal
14.30 O Direito de Nascer
15.45 Batatoon
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
19.35 Directo XXI
20.00 Marés Vivas no Havai
21.00 Entre Marido e Mulher
21.40 Investigação TVI
22.20 A Bola é Nossa
00.25 Seinfeld

▼ TVI

09.00 Animação
12.40 Os Animais Também São Gente
13.30 TVI Jornal
14.30 O Direito de Nascer
15.45 Batatoon
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
19.35 Directo XXI
20.00 Marés Vivas no Havai
21.00 Ri-te, Ri-te
23.00 Reis da Música Nacional
01.35 Seinfeld
02.05 «Estação Términus» (de George Kazender, EUA/1998, com Anne Archer, Michael Murphy. Drama)

Sábado, 2

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
12.00 Jet Set
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.10 Destinos de Sofia
15.55 Futebol: Estónia-Portugal (Sub-21)
17.55 «Dois «Novos» Rabujentos» (de Donald Petrie, EUA/1993, com Jack Lemmon, Walter Matthau, Daryl Hannah. Comédia)
20.00 Telejornal



Ciclismo: a última grande corrida da temporada - Volta à Espanha (RTP 2)

21.00 Santa Casa
22.45 Tourada
00.15 Ciclismo: Volta a Portugal do Futuro
00.25 24 Horas
00.45 «Silêncio de Morte» (Daniel Petrie Jr., EUA/1997, com James Garner, Kim Coates, Lolita Davidovich. Telefilme / «Thriller»)

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Universidade Aberta
12.00 Iniciativa
14.00 Samatwenatwe
15.00 Desporto
19.25 Mau Tempo no Canal
21.00 Elisabete Matos (Documentário)
22.00 Jornal 2
22.45 Magazine 2001
23.15 Sim, Sr. Ministro
23.45 Valla-me Deus
00.15 Gente como Nós
00.45 Shining
01.45 «Macau» (Macau, de Joseph von Sternberg, EUA/1952, com Robert Mitchum, Jane Russell, William Bendix. Ver Destaque)

▼ SIC

07.30 Zip Zap
12.00 Muita Lóco
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Maior Cabaret do Mundo
15.00 Big Show Sic
18.00 Malhação
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
22.00 O Cravo e a Rosa
23.30 O Sexo e a Cidade
00.20 «Flashback» (de Franco Amurri, EUA/1990, com Dennis Hopper, Kiefer Sutherland. Aventuras)
02.20 Último Jornal
02.55 «Teias de Sedução» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil

▼ TVI

09.00 Animação
10.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
10.30 O Sótão do Pedro
11.00 Top Rock
12.00 Caras Lindas
13.30 Contra-Ataque
14.45 4ª. A Fundo
15.00 «Por Todos os Invernos que Passaram» (de Bethany Rooney, EUA/1997, com Angela Basset, Ariana Richards. Drama)
17.00 «Quarentena» (EUA/1999, com Harry Hamlin, Natasja Kinski. Acção)
19.05 Directo XXI
19.40 Futebol: França-Inglaterra
21.40 Jardins Proibidos
22.50 Lux
22.10 Corrida de Touros
23.50 «Um Dia Depois do Outro» (com Natalie Cole, Jonathan Silverman. Drama)
01.50 «Companhia da Noite» (de David Semec, EUA/1996, com Jay R. Ferguson, Christine Taylor. Drama)
03.50 Seinfeld



Foram-se os concursos idiotas, regressa o Mr. Bean, um bem encenado idiota (RTP 1)

Domingo, 3

▼ RTP 1

07.00 Infantil / Juvenil
12.30 3ª. Calhau a Contar do Sol
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Motociclismo:
G.P. Portugal
14.50 Made in Portugal
15.55 Futebol: Estónia-Portugal (AA)
17.55 «O Meu Guarda-Costas» (My Bodyguard, de Tony Bill, EUA/1980, com Chris Makepeace, Adam Baldwin, Matt Dillon. Drama)
19.55 Ciclismo: Volta a Portugal do Futuro
20.00 Telejornal
21.00 Os Imparáveis
21.40 Domingo Desportivo
23.00 «O Pistoleiro» (de Christopher Coppola, EUA/1998, com Martin Sheen, Robert Carradine. Telefilme / «Western»)
00.45 Ciclismo: Volta a Portugal do Futuro
00.55 24 Horas
01.15 «Obsessão e Violência» (de Joey Travolta, EUA/1997, com C. Thomas Howell, Amber Smith. «Thriller»)

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
11.15 Motociclismo:
G.P. Portugal
13.20 Quem Sai aos Seus
13.50 Os Guccis
15.00 Desporto
19.45 Onda Curta
20.30 Artes e Letras:
«Hephisibah Memhin»
21.30 Horizontes da Memória
22.00 Jornal 2
23.00 Kingdom
23.45 Faenas
00.15 Artes de Palco – Bailado: «O Homem Que Nunca Existiu» (de Joe Davidow, com Jorma Uotinen; «A Árvore de Judas» (pelo Royal Ballet. Realização de Ross MacGibbon)

▼ SIC

07.30 Zip Zap
12.00 BBC Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Maior Cabaret do Mundo



«Profiler», uma série de culto de regresso à TVI (segundas)

15.00 «A Minha Namorada é um Anjo» (de Tom McLaughlin, EUA/1987, com Michael F. Night, Emmanuelle Béart. Comédia Fantástica)
17.00 Xena, A Princesa Guerreira
18.00 «007 – Aventura no Espaço» (de Lewis Gilbert, Gr.Br./1979, com Roger Moore, Lois Charles. Espionagem)
20.00 Jornal da Noite
21.00 Residencial Tejo
22.40 O Cravo e a Rosa
23.40 «Assassinos Perfeitos» (de H. Gordon Boos, EUA/1997, com Andrew McCarthy, Robert Patrick. Acção)
01.40 Sai de Baixo
02.40 Último Jornal

▼ TVI

09.00 Animação
11.00 Espaço Religioso
11.10 Missa
13.00 Portugal Português:
Lafões
13.45 Caras Lindas
15.00 «A Herdeira» (de Bobby Roth, EUA/1997, com Meredith Baxter, Tom Conti. Drama)
17.00 Cocktail Nacional
19.05 Directo XXI
20.00 Março Vivos no Havai
21.00 Jardins Proibidos
22.10 Nascem «O Grande Irmão»
00.10 «Tempo de Crime» (de George Sluizer, EUA/1996, com Stephen Baldwin, Sadie Frost. Policial)
02.10 Seinfeld

Segunda, 4

▼ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não és Homem não és Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.30 Roseira Brava
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Mr. Bean
21.45 Serviço de Urgência
22.50 Jogo Falado
00.30 24 Horas
01.00 «Geração à Rasca» (de Carl Prechezer, Gr.Br./1995, com Sean Pertwee, Catherine Zeta Jones. Comédia)
02.50 «Ritual Criminoso» (de Bruce Paltrow, EUA/1995, com Randy Quaid, Alex McArthur. «Thriller»)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews; às 15.00: Ciclismo: Volta à Espanha; às 16.30: Informação Gestual)
15.00 Ciclismo: Volta a Espanha
17.30 Austrália Selvagem
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Simpsons
20.25 Cidade Louca
21.00 Rotações
21.30 Bombordo
22.00 Jornal 2
23.00 «O Descobrimento do Brasil» (de Humberto Mauro, Br./1987, com Álvaro Costa, Manoel Rocha. Histórico)
01.00 Trinity

▼ SIC

08.00 Buêré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 História de Amor
15.00 Fátima Lopes
17.00 Mulher
18.00 Malhação
19.00 Uga Uga
21.00 A Febre do Dinheiro
20.00 Jornal da Noite
21.40 Laços de Família / Aquarela do Brasil
23.10 Roda dos Milhões
01.40 Sai de Baixo

Terça, 5

▼ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não és Homem Não és Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.30 Roseira Brava
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Mr. Bean
21.45 Mãos à Obra



Futebol: começam as eliminatórias para o Campeonato do Mundo 2002 (domingo, RTP 1)

22.40 Grande Entrevista
23.40 Sabadabadu
00.40 24 Horas
01.10 Strangers
01.40 «Os Panteras Negras» (de Mario Van Peebles, EUA/1995, com Kadeem Hardison, Bokeem Woodbine. Drama)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews às 15.00: Ciclismo: Volta à Espanha; às 16.30: Informação Gestual)
17.30 Matas, Bosques e Brenhas
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
19.50 Hóquei em Patins: Portugal-Alemanha (Juniões)
20.30 Cidade Louca
21.00 O Lugar da História
22.00 Jornal 2
23.00 «O Guarani» (de Norma Bengell, Br./1995, com Márcia Garcia, Tatiana Issa, Glória Pires. Melodrama)
00.55 A Queda das Dinastias Europeias

▼ SIC

08.00 Buêré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 História de Amor
15.00 Fátima Lopes
17.00 Mulher
18.00 Malhação
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Febre do Dinheiro
21.40 Laços de Família / Aquarela Brasileira
23.20 Cuidado com as Aparências
24.00 Sai de Baixo
00.40 Último Jornal
01.00 «Fria Vingança» (de Kurt Voos, EUA/1997, com Alyssa Mayo, Ice T. Acção)
03.00 Toda a Verdade – Morrer para Vencer

▼ TVI

08.30 Animação
11.30 Dinheiro à Vista
12.10 «Big Brother»
12.55 TVI Jornal
13.50 O Direito de Nascer
14.55 «Big Brother»
15.15 Batatoon
18.00 «Big Brother»
18.15 Asas nos Pés
19.15 Dinheiro à Vista
19.55 Jornal Nacional
20.45 «Big Brother»
21.30 Jardins Proibidos
22.40 Ficheiros Secretos VII
23.40 Causa Justa
00.40 TVI Jornal
01.15 Seinfeld
02.00 Profiler

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

Quarta, 6

▼ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não és Homem não és Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.30 Roseira Brava
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Mr. Bean
21.50 Estrelas do Mar

23.05 «As Pontes de Madison County» (The Bridges of Madison County, de Clint Eastwood, EUA/1995, com Clint Eastwood, Meryl Streep, Anne Corley. Ver Destaque)
01.30 24 Horas
02.05 «Lua Enfeitada» (de Kevin Dowling, EUA/1996, com Danny Aiello, Anne Archer. «Thriller»)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews às 16.30: Informação Gestual)
16.30 Informação Religiosa
17.30 Grandes Mistérios e Mitos do Séc. XX
18.30 Informação Religiosa
19.00 Desporto (Inclui Hóquei em Patins: Portugal-Inglaterra, Juniores)
21.00 Sinais do Tempo
22.00 Jornal 2
23.00 «O Caçador de Esmeraldas» (de Oswaldo de Oliveira, Br./1979, com Jofre Soares, Glória Menezes, Robert Bonfim. Drama Histórico)
01.15 Ser Ou Não Ser Génio (Documentário)

▼ SIC

08.00 Buêré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 História de Amor
15.00 Fátima Lopes
17.00 Mulher
18.00 Malhação
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Febre do Dinheiro
21.40 Laços de Família / Aquarela do Brasil
23.10 Sai de Baixo
00.10 Último Jornal
00.30 «Mentiras Perigosas» (de Lawrence Lanoff, EUA/1995, com Kathy Ireland, John Enos. Erótico)

▼ TVI

08.30 Animação
11.30 Dinheiro à Vista
12.10 «Big Brother»
12.55 TVI Jornal
13.50 O Direito de Nascer
14.55 «Big Brother»
15.15 Batatoon
18.00 «Big Brother»
18.15 Asas nos Pés
19.15 Dinheiro à Vista
19.55 Jornal Nacional
20.45 «Big Brother»
21.30 «Big Brother» em directo
23.40 West Wing (série)
00.45 TVI Jornal
01.25 Seinfeld

TVisto

Correia da Fonseca

O deslize

Nos Estados Unidos, que como bem se sabe é o lugar de onde vêm todos os modelos que depois se transformam em verdadeiras leis para o audiovisual dos quatro cantos do mundo, terminou o «survivor» sob o olhar fascinante de mais de 50 milhões de norte-americanos. Como decerto muitos já sabem, «Survivor» foi o concurso que, a julgar pelas notícias especializadas, meteu num chinelo o «Big Brother», que por acaso é uma invenção holandesa, ou pelo menos de uma empresa sediada na Holanda, mas foi nos States que atingiu todo o seu esplendor em matéria de audiências, isto não desfazendo nas conseguidas na Alemanha e Espanha. O que é o «Big Brother» já toda a gente sabe, seria ocioso gastar aqui espaço a explicá-lo. Mas convém acentuar que ao passo que o «Big» aposta dominantemente na bisbilhotice basbaque dos telespectadores que esperam poder espreitar cenas de sexo ao

como hoje o pragmatismo e o «business sense» ianque. Na verdade, até ainda há muita gente excelente que está convencida de que a TV podia e devia ter sido outra coisa, diferente e melhor no sentido de ser uma aliada dos homens na sua luta difícil. Mas não o tem sido, bem pelo contrário. Desembocou assim nos «Big Brother», «Survivor» e no mais que adiante se verá.

Não só na TV

Este facto é relevante em mais de um aspecto, mas quero acentuar que esta queda da televisão naquilo que me parece bem abaixo da lixeira não foi um fenómeno súbito, uma desamparada descida na vertical, mas sim um processo de deslize, isto é, de degradação que se veio acentuando sem que porventura disso se tenham claramente apercebido muitos dos que nela participaram. O resultado já está claramente à vista de quem não seja ceguinho ou de quem o queira ser embora só quanto a esta questão: a TV que

todos os dias nos entra em casa não tem nada de substancial a ver com a TV que há perto de meio século parecia poder estar no horizonte, que na verdade o estava como imediata possibilidade concreta, mas foi como que traída pelas múltiplas engrenagens do negociocismo, da cupidez, da venalidade. E o mais curioso, embora talvez devesse



dizer que o mais dramático, é que se me afigura que pelo menos muitos dos participantes digamos que subalternos nesse trajecto de abandalhamento não tiveram consciência do que estavam a ajudar a fazer. Provavelmente, convenceram-se ou convenceram-nos de que uma televisão voltada para a partilha do entendimento do mundo, para a promoção de valores de utilidade comum que não rendem dividendos expresso em moeda, era uma televisão obsoleta, que já não se usava, carente de modernidade. E chegámos aqui; um «aqui» que não é apenas, é claro, os «Big» e seus arredores, mas também o suposto humor imbecil, os concursos, as imagens de cérebros a estoirarem e de sangueiras que quase nos salpicam os olhos. E, se calhar, o mais importante de tudo é que este processo de deslize, que no caso da TV desemboca no que literalmente está à vista, não é exclusivo da televisão e de todo o audiovisual. Porque não o é, porque o deslize que de pequenas cedências em pequenas cedências, de «ajustamento» em «ajustamento», conduz ao que afinal muitos não queriam, o caso implica uma lição em que seria útil reflectir. Mas essa não é matéria para esta coluna e, porque não o é, ficamos por aqui.

A talhe de foice

• Henrique Custódio

A prestações

Há exactamente um ano – em Agosto de 1999 – entrava em vigor o Decreto-Lei governamental que convidava os cerca de 600 mil funcionários públicos da Nação a aderir à «semana de quatro dias» - voluntariamente, está bem de ver -, proposta que o abundante ministro Jorge Coelho propagandeou com muito maior abundância de dinheiros do Estado.

Um ano depois, um-funcionário-um havia aceitado este original princípio de perder um dia de trabalho por semana para ganhar um corte de salário ao fim do mês.

Pelo que bastou um ano para se lançar no lixo várias coisas, convindo apurar quem lançou o quê.

Os 600 mil funcionários públicos lançaram no lixo a demagogia governamental que procurava mistificar estes trabalhadores com as «vantagens» de um horário de trabalho aliviado que teria, no reverso, o suplementar benefício de abrir mais postos de trabalho na Função Pública.

O Governo lançou ao lixo uma fortuna a propagandear uma proposta duplamente miserável: à uma, porque não se propõe a quem já ganha pouco que aceite voluntariamente ganhar ainda menos; à outra, porque a mirífica promessa de aumento de «postos de trabalho na Função Pública» não passou de uma rotunda vigarice.

Politicamente, é aqui que esta peregrina ideia da «semana de quatro dias» deixa de ser uma imbecilidade careca para configurar uma burla descabelada.

Na verdade, enquanto Jorge Coelho oferecia o seu interminável optimismo ao extraordinário projecto de convencer os funcionários públicos de que seriam mais felizes a ganhar ainda menos, o seu Governo tratava, pela calada, de lhes impor compulsivamente isso mesmo: a degradação efectiva da situação socioprofissional da generalidade dos trabalhadores que mantêm de pé e a funcionar todos os serviços do Estado. Como fez o Governo isso? Muito simples: fixando actualizações salariais abaixo da própria inflação, ignorando as reivindicações sindicais sobre o aberrante regime de carreiras, promovendo a proliferação do trabalho precário e a desregulamentação laboral, privatizando serviços e vínculos de emprego público, adiando ad aeternum a implementação do suplemento de insalubridade, penosidade e risco e por aí fora. Tudo reclamações há muito expressas e fundamentadas pelos sindicatos da Função Pública que, pacientemente, têm viajado com os Executivos de António Guterres num comboio de promessas que nunca arrancou do mesmo sítio.

Acresce que a argumentação governamental para incentivar a adesão à «semana de quatro dias» seria uma anedota se não fosse uma desfaçatez: alinhando a sua demagogia com a dos iluminados europeus da «terceira via», o Governo de António Guterres procurou legitimar esta fraude monumental propondo aos trabalhadores que se desempreguem um bocadinho para dar trabalho aos que vagueiam no desemprego.

No capitalismo, são sempre os trabalhadores que pagam a crise.

Na «terceira via para o socialismo», até já os querem pôr a pagar o desemprego... desempregando-se a prestações.

Jovens são os mais afectados

A praga da precariedade

A CGTP exige que o Governo dê o exemplo, na Administração Pública e nas empresas onde o Estado tem poder.

Segundo a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses, são os jovens, mesmo com qualificação a nível superior, os mais afectados pelo aumento do trabalho precário. «Esta situação é flagrante nas novas empresas tecnológicas, em que a maior parte dos jovens empregados não tem um contrato permanente», explicou, à Agência Lusa, Deolinda Machado, da Comissão Executiva da CGTP. «É preciso que o Governo seja o primeiro a dar o exemplo», reclamou a sindicalista, apontando, entre outros casos, «aquelas empresas em que tem ainda um forte poder, como seja a Portugal Telecom».

Constantemente a crescer

Os contratados a prazo aumentaram 10,6 por cento no primeiro trimestre de 2000 relativamente ao período homólogo do ano passado, segundo um relatório do Ministério do Planeamento citado antontem pela Lusa.

O trabalho «com contrato não permanente» cresceu 10,6 por cento, enquanto a evolução dos «trabalhadores com contrato permanente» manteve-se «praticamente estacionária», com um aumento de apenas 0,6 por cento, precisa o documento do Departamento de Perspectiva e Planeamento do Ministério de Elisa Ferreira.

Estes valores confirmam a tendência de subida do número e do peso dos trabalhadores com contratos não permanente no mercado de trabalho português, desde 1997, do Relatório de Conjuntura do Ministério do Trabalho e da Solidariedade.

dade, referente ao quarto trimestre de 1999.

O número de trabalhadores por conta de outrem com contratos não permanentes subiu 60,88 por cento, entre o primeiro trimestre de 1997 e o quarto trimestre de 1999, segundo dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e da Solidariedade. O Relatório de Conjuntura do Ministério do Trabalho e da Solidariedade indica que os trabalhadores por conta de outrem com con-

tratos não permanentes aumentaram de 409,3 mil nos primeiros três meses de 1997 para 658,5 mil no último trimestre do ano passado.

Enquanto isso, o total dos trabalhadores por conta de outrem com contrato permanente aumentou apenas 3,01 por cento, de 2,616 milhões para 2,695 milhões.

Entre 1997 e 1999, o conjunto das pessoas empregadas em Portugal subiu 8,17 por cento, de 4,271 para 4,620 milhões. Do aumento de cerca

de 319 mil empregados por conta de outrem verificado no espaço de três anos em análise, 249 mil eram trabalhadores com contrato não permanente. Isto quer dizer que 78,05 por cento das pessoas contratadas nos três anos em análise, foram-no a

A precariedade fragiliza a posição dos trabalhadores face ao patronato

prazo.

O peso dos trabalhadores com contratos não permanentes no conjunto dos trabalhadores por conta de outrem subiu, passando de 13,47 por cento, nos primeiros três meses de



Lutar é o caminho para alcançar emprego estável e com garantias (foto de arquivo)

Privados recebem da Carris

O conselho de administração «não soube ou não quis defender os interesses da empresa», acusa a comissão de trabalhadores da Carris, comentando a forma como a transportadora lisboeta foi envolvida nas medidas especiais para o dia 22 de Setembro.

Nesta data, como forma de sensibilização para o abandono progressivo do transporte individual, vai ser interdita a cir-

culação automóvel em vastas áreas da capital. Os objectivos desta acção, que já foi realizada noutras capitais europeias e vai envolver mais cidades portuguesas, não merecem qualquer reparo da CT da Carris.

O protesto dos trabalhadores prende-se com o facto de a administração «deixar os lucros desta acção para as outras empresas privadas de transporte». A CT manifesta-se «frontalmente contra que a receita do bilhete único, válido para todos os transportes públicos e durante todo o dia, seja exclusivamente para quem o venda». Sucede, salienta-se num comunicado da CT, que «a esmagadora maioria dos utentes dos transportes serve-se, em primeiro lugar, dessas empresas, que lhes vão vender o bilhete, e a Carris irá depois transportá-los... de

borla». É igualmente condenada, como «inconcebível», a criação de um «corredor» entre o Estádio Nacional e o Marquês de Pombal, que será explorado «em exclusivo» pela Vimeca.

«Assim, não dá a bota com a perdigota», protesta a CT, recordando que entre os objectivos estratégicos da Carris, definidos pela administração, figurava «a redução gradual do desequilíbrio financeiro», com «mais clientes» e «menos custos», enquanto «a execução destas políticas vai exactamente no sentido contrário».

A Comissão de Trabalhadores critica também, no mesmo documento, a «constante redução de autocarros, que se verifica em várias carreiras e com especial incidência durante o mês de Agosto», que deixa passageiros à espera «cerca de 30 minutos, se não mais».

Álvaro Cunhal não vai à Festa

Álvaro Cunhal não vai estar, este ano, presente na Festa do «Avante!» devido à situação de convalescência em se encontra, após operação à vista. A informação, divulgada ontem pelo Gabinete de Imprensa do PCP, responde assim às perguntas que lhe têm sido colocadas por diversos órgãos de comunicação social. O colectivo da Redacção do «Avante!» deseja ao camarada um rápido restabelecimento.

Carlos Carvalhas dia 4 em Palmela

O secretário-geral do PCP visita na segunda-feira, dia 4, a partir das 21.30 horas, as Festas das Vindimas, em Palmela. Nas Festas, que decorrem de hoje até terça-feira, a organização concelhia do Partido tem um pavilhão próprio.

Amanhã, pouco depois das 19 horas, Carlos Carvalhas fará uma breve intervenção política, na abertura da Festa do «Avante!», na Praça da Paz (junto ao Espaço Central).

Domingo, a partir das 18 horas, o dirigente comunista intervém no comércio da Festa (ver suplemento nesta edição e informação mais detalhada na revista-programa, que pode ser adquirida desde já em qualquer centro de trabalho do PCP, tal como a EP, título de solidariedade que dá acesso à Quinta da Atalaia durante o fim-de-semana da Festa do «Avante!»).

Decq Mota com agricultores

José Decq Mota, coordenador do PCP/Açores e cabeça de lista da CDU pela ilha do Faial, encontrou-se ontem com a direcção da Associação Agrícola do Faial, e reúne, hoje, com a Direcção da Associação de Jovens Agricultores do Faial, para se inteirar dos problemas do sector.

No sábado passado, em conferência de imprensa, referiu-se aos complementos de pensão aprovados em Novembro de 1999 por proposta da

representação parlamentar do PCP – com o voto contra do PS –, que finalmente estão a ser pagos, e aproveitou para lembrar que a questão das quotas do leite continua em aberto por responsabilidade do PS e do PSD.



51603199000445